

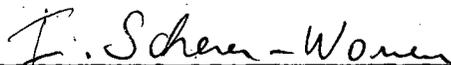
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

O MDB/PMDB EM LAGES

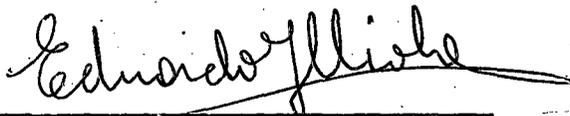
ANÁLISE DE UM PARTIDO DE OPOSIÇÃO NO GOVERNO (1972-1982).

Elizabeth Farias da Silva

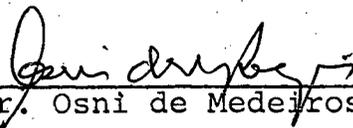
Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores:



Prof.a.Dra. Ilse Scherer-Warren



Prof.Dr. Eduardo José Viola



Prof.Dr. Osni de Medeiros Régis

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

O MDB/PMDB EM LAGES:

ANÁLISE DE UM PARTIDO DE OPOSIÇÃO NO GOVERNO (1972-1982)

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação em Ciências  
Sociais da Universidade Federal  
de Santa Catarina, para obtenção do  
Grau de Mestre em Ciências Sociais,  
- Opção Sociologia -

ELIZABETH FARIAS DA SILVA

Florianópolis, março de 1985

## A G R A D E C I M E N T O S

A elaboração de uma dissertação de mestrado nos torna irascíveis, temporariamente; e no processo envolvemos, de roldo, pessoas de nosso convívio. A todos minhas desculpas e gratidão.

Diretamente trabalharam comigo e devo reconhecer to especial a: Ilse Scherer-Warren, que teve a coragem e audácia acadêmica de tomar para si a incumbência de orientar uma dissertação já em andamento; Rafael Ferreira Farias pela paciência em datilografar os originais; Tereza Piacentini pela criteriosa revisão; Walter Santos Farias pelas observações na sistemática de trabalho; Anita Ferreira Farias pela imprescindível colaboração na vida privada; Albertina Buss pela paciência na datilografia final; Daniel José da Silva pela ajuda no manuseio dos jornais, pelo apoio afetivo nos momentos finais do trabalho; e finalmente aos colegas da Coordenadoria de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais pela oportunidade de ficar sem carga didática, durante um semestre letivo.

## RESUMO

Em um sistema partidário não estruturado como o brasileiro, onde grassam o personalismo e clientelismo, qual a possibilidade do aparecimento de partidos modernos, partidos de massas ?

Lages, município de Santa Catarina, na gestão peemedebista iniciada em 1977 na prefeitura, com uma experiência alternativa de administração, suscitou alguma "esperança" para essa possibilidade, mesmo em âmbito restrito.

Especificamente, trabalhou-se, nesta dissertação, com o histórico do partido, sua dinâmica interna, personalidades marcantes e quais as condições que deram possibilidades para a implantação da experiência alternativa em uma realidade partidária local nitidamente caracterizada como tradicional.

## A B S T R A C T

In an unstructured political party system such as Brazil's, where personalism and patronage crassly reign, what possibility is there for the emergence of modern mass parties?

During its government under the MDB and PMDB (Brazilian Democratic Movement and Brazilian Democratic Movement Party), Lages, municipality of Santa Catarina, began an experiment in alternative local administration in 1977, and generated some expectation that this possibility might be achieved, though in a small area.

This thesis examines the history of the MDB and PMDB parties, their internal dynamics, and their outstanding personalities. It also enquires into the conditions that permitted the implementation of the Lages alternative administrative experiment in a community clearly characterized by a traditional political party system.

## I N D I C E

|  | Pág. |
|--|------|
| APRESENTAÇÃO .....                                   | i    |
| AGRADECIMENTOS .....                                 | ii   |
| RESUMO .....   | iii  |
| ABSTRACT .....                                       | iv   |
| ÍNDICE .....   | v    |
| INTRODUÇÃO .....                                     | 1    |
| CAPÍTULO I .....                                     | 10   |
| 1. A PROPOSIÇÃO E SUA JUSTIFICATIVA .....            | 10   |
| CAPÍTULO II .....                                    | 35   |
| 2. PARTIDOS POLÍTICOS: ALGUMAS QUESTÕES GERAIS ..... | 35   |
| CAPÍTULO III .....                                   | 58   |
| 3. O MUNICÍPIO DE LAGES .....                        | 58   |
| 3.1. Informações básicas .....                       | 58   |
| 3.2. Antecedentes históricos .....                   | 59   |
| 3.3. Antecedentes políticos .....                    | 65   |

|   |     |
|---|-----|
| CAPÍTULO IV .....   | 72  |
| 4. ORIGEM DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO - MDB - EM LAGES .....                    | 72  |
| 4.1. A constituição do partido e sua participação nas primeiras eleições em Lages ..... | 72  |
| 4.2. A questão financeira do partido: 1966-1972 .....                                   | 85  |
| 4.3. Personalidades partidárias. Considerações sobre o período de 1966 a 1972 .....     | 88  |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO V .....  | 98  |
| 5. O MDB NO GOVERNO: GESTÃO JÚAREZ FURTADO:1972 - 1976 ..                               | 98  |
| 5.1. As eleições de 1972 em Lages .....   | 98  |
| 5.2. A organização formal do partido em Lages:1972-1976 .                               | 107 |
| 5.3. A questão financeira do partido: 1972-1976 .....                                   | 121 |
| 5.4. A administração de Juarez Furtado na prefeitura ....                               | 123 |
| 5.5. As eleições de 1974 e 1976 .....   | 154 |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO VI .....   | 160 |
| 6. A GESTÃO DIRCEU CARNEIRO NA PREFEITURA: 1977-1982 ....                               | 160 |
| 6.1. A questão financeira do partido no período de 1977 a 1982 .....                    | 162 |
| 6.2. As organizações formais do partido no período 1977 a 1982 .....                    | 165 |
| 6.3. As eleições de 1978 no município de Lages .....                                    | 170 |

|  |         |
|--|---------|
| 6.4. A reforma partidária de 1979 em Lages .....           | 172     |
| 6.5. O prefeito e a possível eleição de 1980 .....         | 175     |
| 6.6. A "Equipe Dirceu Carneiro" .....                      | 177     |
| 6.7. O partido e a "Equipe Dirceu Carneiro" .....          | 180     |
| 6.8. A "Equipe Dirceu Carneiro" e a marcha da<br>são ..... | 184     |
| 6.9. A campanha de 1982 .....                              | 194     |
| 6.10. Considerações finais .....                           | 199     |
| <br>BIBLIOGRAFIA .....                                     | <br>206 |
| <br>ANEXOS .....   | <br>110 |

#### ÍNDICE DE TABELAS

|                   |    |
|-------------------|----|
| TABELA Nº 1 ..... | 71 |
| TABELA Nº 2 ..... | 75 |
| TABELA Nº 3 ..... | 77 |

## I N T R O D U Ç Ã O

Tive contato com a "Equipe Dirceu Carneiro" (Lages: gestão MDB - PMDB/1977-1982), pela primeira vez, no CONGRESSO CATARINENSE DE SOCIOLOGIA realizado na cidade de Lages em 1980.

Através de um filme e uma série de explicações de alguns participantes da "Equipe Dirceu Carneiro"; de uma palestra do então prefeito de Lages, Dirceu Carneiro, e alguns depoimentos em conversas particulares, conheci, em detalhe, o trabalho levado a efeito pela prefeitura no município.

O trabalho tinha como proposta a organização e participação da comunidade lageana nas resoluções de seus problemas mais prementes, tendo em seu cerne a tentativa de retirar o caráter paternalista e ao mesmo tempo autoritário que a prática de anos conferiu às prefeituras do país, onde a prefeitura realiza seu papel de administrar o município mas o faz como uma prerrogativa de prestar benefícios, como um favor e não obrigação inerente aos próprios direitos dos cidadãos.

A organização e efetivação desta nova proposta no município exigiu a formação de uma equipe composta por pessoas despojadas do caráter técnico-burocrático do tradicional funcionário público, pois, para desenvolver as tarefas e os objetivos do trabalho, precisava-se de pessoas que se propusessem a ter um contato direto com a população a ser envolvida no projeto. Seria necessário uma jornada de trabalho exaustiva que não comportava sequer horários fixos. Ao grupo que se propôs a a-

postar na nova experiência denominou-se formalmente de "Equipe Dirceu Carneiro".

Com a divulgação da experiência além das fronteiras lageanas, a cidade começou a receber nos finais de semana excursões de vários pontos do Sul do país, sendo denominados os participantes dessas caravanas de "turistas ideológicos" pelos membros da "Equipe". Logo após o Congresso Catarinense de Sociologia, alguns professores da UFSC, inclusive eu, realizaram uma viagem tipo "caravana ideológica" ao município. Nesta, os alunos, depois de visitas aos vários projetos, deveriam elaborar um relatório sobre a experiência de participação comunitária lá desenvolvida. Já nesse momento havia escolhido minha proposta de dissertação de mestrado: estaria relacionada com o projeto alternativo da "Equipe". Faltava determinar a perspectiva do trabalho.

Algumas dúvidas relacionadas com a experiência me assaltavam: como e com quem ficaria a continuidade do trabalho desenvolvido pela "Equipe Dirceu Carneiro" na Prefeitura de Lages? Qual a pessoa do partido mais indicada para sucedê-lo? Outro participante do partido, sem vinculação e comprometimento com a proposta não teria maiores possibilidades de ter seu nome aprovado na convenção? Devo fazer notar que as discussões sobre as eleições, já próximas, se faziam presentes.

Cheguei a formular essa questão para a "Equipe", no final da visita dos professores e alunos da UFSC, por ocasião de um debate entre a "Equipe" e nós. As respostas não me convenceram e me pareceu que as pessoas ligadas ao trabalho da

prefeitura não tinham ainda uma definição e que a decisão extrapolaria e muito o âmbito da "Equipe", inclusive do próprio prefeito.

Uma outra dúvida que me ocorria era relacionada com a origem da "Equipe" e de como uma nova liderança do tipo de Dirceu Carneiro, despojada aparentemente de vinculação com a política sabidamente tradicional de cunho clientelístico de nossos partidos, pôde se concretizar em termos institucionais.

As respostas para as questões e para a definição do trabalho em si surgiram após algumas entrevistas com o então orientador de Curso, professor Eduardo José Viola. Chegamos à conclusão de que minhas respostas deveriam ser procuradas numa análise que privilegiasse a questão partido.

Decidi que meu objetivo primordial deveria estar nucleado no partido, no caso MDB e PMDB de Lages, e não na própria experiência da "Equipe Dirceu Carneiro", na expectativa de que neste eu pudesse não só achar as respostas para as dúvidas iniciais mas, o mais importante, tentar perceber como a experiência de participação comunitária influenciaria futuramente o partido.

Assim, comecei a sistematização do trabalho, conforme apresentada a seguir:

A primeira tarefa foi delinear o objetivo principal e realizar as respectivas leituras bibliográficas necessárias para tal definição. Duverger, em seu livro "Os partidos políticos", permitiu-me a formulação das primeiras indagações orientadoras do trabalho: a experiência de participação comunitária

desenrolada na prefeitura de Lages pela "Equipe Dirceu Carneiro" poderia dar início a um processo de modernização e relativa democratização do partido, isto é, poderia propiciar a modificação de um partido de quadros para um partido de massas ?

A seguir, a revisão bibliográfica foi orientada para leituras que permitissem uma visão histórica sobre partidos políticos; suas origens, que papel desempenharam no desenrolar do processo histórico; a importância da presença dos partidos políticos para uma determinada sociedade. Particularmente, sobre o Brasil, qual a atribuição dos partidos, com os constantes percalços e interrupções em sua democracia representativa e com constituições freqüentemente violentadas (duas condições "sine qua non" para a sobrevivência dos partidos) ?

Em Giovanni Sartori<sup>1</sup> e Maurice Duverger<sup>2</sup> colhi as informações básicas para a retrospectiva histórica. Em Afonso Arinos<sup>3</sup>, Maria Victória Benevides<sup>4</sup>, Eli Diniz<sup>5</sup>, Olavo Brasil<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup>SARTORI, Giovanni. Partidos y sistemas de partidos. Marco para un análisis. Madrid, Alianza Editorial, 1980. Volume I.

<sup>2</sup>DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

<sup>3</sup>FRANCO, Afonso Arinos de Melo. História e teoria dos partidos políticos no Brasil. 2ª ed., São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1974.

<sup>4</sup>BENEVIDES, Maria Victoria. A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

<sup>5</sup>DINIZ, Eli. Voto e máquina política. (Patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

<sup>6</sup>BRASIL, Olavo. Partidos políticos brasileiros. 45 a 64. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

e o já clássico livro de Maria do Carmo Campello de Souza<sup>7</sup> orientou-me nas questões nacionais.

O passo seguinte foi trabalhar com dados sobre o próprio município: formação histórica, antecedentes políticos, outras informações básicas que possibilitassem uma maior compreensão da realidade objeto da investigação.

A origem e o percurso do MDB/PMDB em Lages, as dificuldades organizacionais iniciais de um partido de oposição no contexto inseguro após o Ato Institucional nº 2; filiação partidária anterior dos primeiros militantes do partido; a tentativa de estruturação financeira, o "espírito de corpo" percebido nos primeiros anos de funcionamento do partido foram obtidos nos documentos do partido e em entrevistas com alguns militantes "históricos" do Movimento Democrático Brasileiro em Lages.

Com referência à primeira gestão do MDB no governo da prefeitura de Lages, a pesquisa foi centrada no jornal diário "Correio Lageano" e em entrevistas feitas na cidade de Lages. Nessa parte procurei perceber como a forte liderança de Juarez Furtado, então prefeito, firmou-se perante os eleitores do partido; como ocorreu a indicação de Dirceu Carneiro para seu vice, uma vez que eram diametralmente opostos em relação à metodologia de trabalho e atuação na prefeitura e no partido. Um, imprimindo um profundo personalismo à sua gestão, outro com

---

<sup>7</sup> SOUZA, Maria do Carmo Campello de. Estado e partidos políticos no Brasil. (1930 a 1964). São Paulo, Alfa-Omega, 1976.

prioridades que extrapolariam a simples procura de votos em período eleitoral. Ou seria assim apenas aparentemente ?

Os motivos da grande repercussão da atuação do prefeito Juarez Furtado no decorrer de seu governo na prefeitura, perante a população lageana, tentei explicar na parte que analisa a primeira gestão do MDB. Uma outra questão também enfocada é o surgimento de organizações intrapartidárias (subdiretórios, por exemplo) exatamente no período 72-76 e não no período posterior, período esse, considerado mais democrático.

Sobre a gestão Dirceu Carneiro (1977-1982) - último item do trabalho -, o "Correio Lageano", leituras de vários jornais do Estado e mesmo de outras praças, deram-me algumas indicações sobre o pensamento e atuação do expoente máximo da "Equipe Dirceu Carneiro". As entrevistas e observações pessoais foram preciosas para explicar a questão sucessória do PMDB à prefeitura de Lages nas eleições de 1982.

Tentei esclarecer, ainda, outras indagações: por que a experiência foi possível sem maiores atritos por parte das elites econômicas da cidade ? Por que a "Equipe" não conseguiu firmar um candidato para a sucessão de Dirceu Carneiro? Qual a relação do trabalho comunitário da "Equipe Dirceu Carneiro" com o partido ?

Na conclusão, detive-me em considerações sobre o fracasso da experiência modernizadora ou não do partido, as causas da ascensão do Partido Democrático Social na prefeitura e se essa opção dos eleitores de Lages é passível de ser explicada através apenas da chamada política clientelística, lar

gamente empregada em nosso Estado nas últimas eleições, ou se a escolha refletiu um sério descaso da "Equipe" para com a organização partidária.

### Os passos para a concretização do trabalho

A primeira fase do trabalho partiu de uma série de entrevistas preliminares, com roteiros prévios, feitos na cidade de Florianópolis, com pessoas ligadas à política do município de Lages: Osni de Medeiros Régis, ex-prefeito de Lages no período compreendido entre 1950 e 1954; Carlos Alberto Silveira Lenzi, lageano, com uma dissertação de mestrado defendida na UFSC, versando sobre o coronelismo em Lages; Francisco de Assis Küster, deputado estadual pelo PMDB, eleito pelo município de Lages. O objetivo dessas entrevistas era estabelecer uma maior aproximação com participantes representativos, ligados com fatos do cotidiano político lageano, e também obter subsídios para posteriores contatos no próprio município de interesse.

Imediatamente uma viagem à cidade de Lages foi realizada, onde a maioria dos projetos comunitários desenvolvidos sob a orientação da prefeitura foram observados e explicitados ou pela "Equipe" ou por pessoas responsáveis pelos mesmos. Os projetos da área rural não foram visitados. Na mesma oportunidade ocorreram algumas interpelações e contatos com membros da "Equipe" orientadores de projetos, com um presidente de associação de bairro e com participantes de subdiretórios. Os resultados de todos esses contatos foram anotados lo-

go após, para se estabelecerem confrontos, convergências e se realizarem as devidas análises.

No decorrer do ano de 1982, por três vezes, em períodos alternados, novas visitas ao município foram efetivadas. Na primeira os objetivos eram dar início à pesquisa no único jornal diário do município, o "Correio Lageano". Na própria sede do Jornal, foi iniciada uma leitura minuciosa da vida político-partidária de Lages, abrangendo dez anos: julho de 1972, quando iniciam as discussões para o próximo pleito municipal, até o final de outubro de 1982, quando estavam em pauta as novas eleições. Foram anotados comentários, crônicas, notícias, enfim tudo que julguei representativo para a pesquisa. Alternando-se com as leituras nos jornais, foram feitas entrevistas. Tratava-se de entrevistas em profundidade com membros-chaves da "Equipe Dirceu Carneiro" e militantes do partido, com flexibilidade suficiente para captar o máximo possível das idéias dos interlocutores.

A segunda viagem do ano de 1982 foi dedicada em período integral aos jornais, restando, portanto, os anos finais do governo Dirceu Carneiro para ler e anotar.

Na terceira ida, além do término da leitura dos jornais, entrevistas rigorosas foram realizadas com militantes fundadores do partido em Lages, e, principalmente, deu-se início aos trabalhos nos documentos do partido. Leu-se; anotou-se todas as atas relevantes para o assunto de interesse. Esta última estadia no ano de 1982 em Lages foi num momento decisivo: coincidiu com o término da campanha das eleições de 1982, dando oportunidade para observar o funcionamento dos comitês e co

letar material de propaganda eleitoral. Ocorreram, simultaneamente, novos contatos com integrantes da "Equipe", ocasião em que pude discutir as suas perspectivas sobre o desenrolar das próximas eleições.

A última permanência em Lages deu-se em fevereiro de 1984, com o objetivo de realizar leituras e anotações dos documentos do partido, coleta de dados na prefeitura e principalmente entrevistas em profundidade com o já então deputado federal Dirceu Carneiro e o ex-deputado federal e ex-candidato à prefeitura de Lages Juarez Furtado. A entrevista pessoal com o último não aconteceu, não obstante estar previamente combinada; o inverso ocorreu com o deputado Dirceu Carneiro, que, no decorrer de quatro horas e meia de entrevista consecutivas, respondeu a todas as perguntas formuladas (ler anexo).

Devo salientar que, para substituir a entrevista face a face com Juarez Furtado, enviei um roteiro através de carta (ler anexo), e obtive resposta quase no final da organização da dissertação.

As conclusões de meu trabalho não foram seriamente perturbadas por esse percalço, pois a presença constante do então prefeito Juarez Furtado na imprensa local, nos quatro anos de seu governo, propiciou material abundante para a pesquisa.

## CAPÍTULO I

### 1. A PROPOSIÇÃO E SUA JUSTIFICATIVA

No dia de sua posse, a primeiro de fevereiro de 1977, o novo prefeito do município de Lages, o arquiteto Dirceu Carneiro, em um palanque montado no adro da Catedral, proferiu as seguintes palavras:

"... a nova era já começou a sua caminhada aqui no planalto. Não vai parar aqui, pois haverá de continuar sempre e haverá de se espalhar e se irradiar para o oeste do Estado de Santa Catarina, para o norte, para o sul do Estado e para o litoral de nossa querida terra. O município brasileiro, administrá-lo é uma tarefa muito difícil, mercê das suas limitações econômicas, mercê de seus problemas que se agigantam a cada dia que passa, mas em que pese a estreiteza das possibilidades haveremos de encontrar a porta larga da saída para os problemas que se nos antepõem e temos a inspiração da fórmula capaz de nos levar a este caminho, que é a convocação de todos os lageanos, que é de todas as pessoas, em cada uma das atividades a que estiver atrelada.

... chegamos até a propor aqui, parodiando aquele ilustre presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy, que dizia: 'Não espero que perguntes o que a prefeitura pode fazer por ti, mas o que cada um junto com a prefeitura pode fazer por si mesmo'. Procuraremos dentro desta inspiração desenvolver um trabalho que conte com a abertura e a participação das massas populares, unica fórmula de fazermos a democracia vencer o tempo\* Unica forma capaz de, no mundo conturbado de hoje, cheio de problemas de todas as ordens, principalmente da urbana, de vencermos os obstáculos. Aqui em Lages, nós temos um rápido diagnóstico: problemas habitacionais, problemas de planejamento urbano

---

\*Os grifos são meus.

e assim sucessivamente, como todos conhecem a realidade que vivem.

Haveremos de propor um município à guisa de um laboratório\*, que se identifica ou proponha alternativas de solução e que viva plenamente aquela velha figura que se usa nos campos, pela agricultura, quando um ruralista não consegue fazer a sua roça num dia, convoca a sua vizinhança, os seus parentes, os seus amigos e exercem o mutirão, que num dia faz o trabalho de trinta.

É dentro dessa figura popular que nós queremos propor aos lageanos uma nova fórmula de trabalho, que lembra bem as origens desta pessoa, que nasceu nas humildes paragens deste Estado e que veio de uma família humilde que mora e trabalha no campo, que aprendeu a arrancar o sustento da sua vida e dos seus esforços dos braços e aprendeu a regar as plantas com o suor de suas lágrimas. Vamos aplicar esta sabedoria, que a vida nos ensinou aqui, vamos aplicar a sabedoria que a ciência nos ensinou na faculdade e vamos desenvolver um trabalho em Lages, com os recursos humanos que a sua própria terra oferece para construirmos o futuro da nossa gente e dos nossos filhos, com os nossos próprios recursos, com a nossa própria gente, para o bem da Pátria, do Estado e do Município. Muito obrigado".<sup>1</sup>

Na primeira manifestação feita aos lageanos em local público e com freqüência regular de populares, o prefeito Dirceu Carneiro já trazia algo de novo. O conteúdo do discurso. Com linguajar e figuras de linguagem identificadas e utilizadas pelos populares, principalmente homens do campo ou provenientes dele, Dirceu Carneiro apresentou sua proposta de tra

---

\*Os grifos são meus.

<sup>1</sup>In: Jornal "Correio Lageano" de 02 de fevereiro de 1977. Primeira e última páginas.

balho, onde o eixo de poder e mando conjugava a prefeitura e sua figura máxima com os habitantes do município: as "massas populares", como ele próprio denominou.

Meras palavras ?

Propunha um trabalho conjunto entre prefeitura e munícipes e, indo mais além, trazia um projeto (com conhecimento dos problemas lageanos e indagações aos interessados, pois já fora vice-prefeito do município) onde era clara a visão de um laboratório. Algo renovador no cotidiano de uma prefeitura e no contexto então vigente no país.

Pura prepotência ?

Aos recém-convidados à nova experiência restava o compasso de espera.

No dia 18 do mês de fevereiro de 1977, o jornal Correio Lageano trazia em manchete de primeira página "Intendentes serão indicados pelo voto popular". Perguntado sobre a nova fórmula de escolha implantada, o prefeito Dirceu Carneiro respondeu: "A escolha deste processo é apenas a afirmação dos princípios da participação popular e democrática proposta por nosso partido e por nós pregada durante a campanha política". No mês de maio do mesmo ano o jornal do dia primeiro trazia mais duas notícias sobre a atuação da prefeitura: uma, na primeira página, referente à horta comunitária e à doação de um terreno público de 20.000m<sup>2</sup> transformado em quarenta dias na primeira horta comunitária, com a participação de quarenta famílias. Outra, na página 10, comentava a nova linha adotada em relação ao ensino municipal: "É na liberdade que se ajuda a

construir o homem novo... dando ao aluno a possibilidade de ser o próprio mestre na caminhada educativa".

No ano de 1978, um dos participantes da então formada "Equipe Dirceu Carneiro", Satomi Iura, escrevia um documento denominado "Lages e Sua Economia" onde analisava as condições objetivas do município e explicitava as alternativas propostas pela gestão Dirceu Carneiro. Também questionava a validade de um modelo industrial de desenvolvimento, com indústria utilizando tecnologia sofisticada, concentrando riquezas e gerando parques empregos. E respondia: por que não prestar apoio às pequenas e médias empresas com pouco capital mas com um modelo mais participativo? O mesmo para as pequenas e médias propriedades rurais, propondo organizações através de "Núcleos Agrícolas" em que a prefeitura entraria com a orientação e contribuição de técnicos, tratores e implementos agrícolas.

Em 1978 já existiam dez "núcleos agrícolas" em funcionamento, nos quais a opção para o plantio deu-se em especial em torno da fruticultura de clima temperado. Maçãs, principalmente.

Em 1978, já eram 30 os projetos em formação de pomares e cerca de 120 mil os pés de maçãs plantados.

No setor urbano a opção foi a organização dos residentes em "Associações de Moradores" tendo como objetivo: "Ação organizada e conjunta dos membros, moradores de bairros e comunidade municipal, com vistas ao desenvolvimento local, à superação dos efeitos do paternalismo e do fortalecimento do

espírito comunitário".<sup>2</sup> Em 1978 já eram sete "as associações de moradores", envolvendo trezentas famílias.

A implantação do projeto "Hortas Comunitárias" também já estava em andamento. Igualmente o "Plano Lageano de Habitação" desenvolvido em terreno do patrimônio municipal e a construção das moradias baseada no "Mutirão".

A descentralização dos serviços médicos já estava sendo feita com o "Projeto de Medicina Comunitária", atendendo a população dos bairros e do interior do município. Outro trabalho visando à produção artesanal, chamado "Mostras do Campo", também era organizado.

Em 1980, com a publicação do livro "A força do povo. Democracia participativa em Lages", de Márcio Moreira Alves, publicado pela Brasiliense, o município de Lages passa a ter projeção nacional e consegue ser alvo de interesse nos mais diversos pontos do país.

A revista "ISTO É", na sua edição de vinte de agosto de 1980, dedica três páginas à experiência desenvolvida no município.

O jornal "Folha de S. Paulo", no mês de julho de 1981, dedica uma semana consecutiva a matérias sobre os vários projetos desenvolvidos pela prefeitura no município de Lages.

O prefeito Dirceu Carneiro é convidado para pales-

---

<sup>2</sup>In: IURA, Satomi. Lages e sua economia. Lages, 1978. (Mimeo - grafado), pp. 15-6.

tras em várias universidades no sul do país e "os turistas ideológicos" invadem Lages quase todos os finais de semana para ver de perto o trabalho da "Equipe Dirceu Carneiro".

Por que o trabalho da prefeitura de Lages despertou tanto interesse sobre a opinião pública ? Não resta dúvida que foi sobre um público seletivo, intelectuais e jovens universitários em sua maioria, mas isto não retira o mérito da ascensão conquistada pela experiência lageana. A meu ver o prestígio dado ao fato está relacionado com dois pontos, em termos gerais; primeiro, a decepção despertada pelo malogro das experiências do atualmente chamado socialismo real, quando se descobriu que a repressão política, o aviltamento da força de trabalho existente nos países do leste europeu e na própria União Soviética não eram meras divulgações da direita no Ocidente com intuito de denegrir o comunismo internacional.

Essa constatação ganhou legitimidade entre os intelectuais e pessoas com ânsias de renovação com as denúncias formuladas pelo próprio XX Congresso do PCUS, onde Kruschev relata as atrocidades e desmandos do então líder máximo dos trabalhadores organizados: Stálin. O acontecimento deixou a Europa estarecida e provocou uma série de "rachas" no movimento comunista internacional. O modelo máximo a ser seguido pelas massas exploradas no Ocidente mostrava uma face até então impensável, e de certa forma deixava desarmadas as esquerdas organizadas para enfrentar o conflito de classes. Disse "de certa forma", porque mesmo assim alguns segmentos da esquerda não esmoreceram e voltaram suas ilusões e esperanças para o socialismo chinês. Cuba e alguns países da África também tiveram as

atenções e deram novo alento às esquerdas. Porém, todos esses modelos não evitaram a necessidade peremptória de repensar não só a aplicação prática do socialismo como também a própria teoria marxista.

Maio de 1968 na França e o chamado Outono Quente na Itália são acontecimentos significativos para o movimento de esquerda na Europa e marcam uma ruptura radical com o esquema burocrático e altamente rígido das organizações de esquerdas européias. Esses movimentos sociais cujos atores são principalmente jovens que não tiveram a formação de esquerda peculiar da geração do entre-guerras expressaram uma contestação à sociedade, de uma forma divergente dos moldes da esquerda organizada em partidos, cujos militantes seguem estritamente as ordens emanadas da cúpula senil e decrépita desses partidos. Os jovens do Maio de 68 pregavam a total liberdade de criatividade e iniciativa e foram além, ousaram nada mais nada menos que satirizar os líderes máximos do marxismo.

Como consequência, tivemos o surgimento de partidos com estruturas mais democráticas, tal como o Partido Radical Italiano; a valorização de temáticas locais (Bolonha), relegando o chavão de que se "o grande problema" (capitalismo) fosse solucionado os pequenos automaticamente seriam contornados com "a grande transformação" (socialismo). Também no cerne dessa rejeição está o surgimento de movimentos sociais desvinculados de partidos políticos: feminismo, homossexuais, negros etc. Temas que a esquerda, hoje chamada tradicional, não mostrava interesse em debater, considerando questões menores. Com sensibilidade, Viola sintetiza o significado, para a esquerda européia na década de 70, dos

acontecimentos relatados.

"Os anos 70 foram anos de redefinição profunda na esquerda européia-ocidental: crescimento progressivo da distância de alguns partidos comunistas com relação ao modelo soviético e crescente relegitimação democrática desses partidos (em particular os italianos, espanhóis e suecos), ainda que todos eles enfrentassem dificuldades para chegar à necessária ruptura total com o PCUS; consciência cada vez maior do fenômeno do totalitarismo, ampliada inclusive para o caso Chinês depois da onda maoísta acabada por volta de 1975; surgimento de partidos ecologistas em vários países da Europa ocidental que junto com os movimentos ecologistas faziam repensar em profundidade os próprios pressupostos do socialismo democrático, para não falar da crítica radical do modo de civilização industrial centralizado; desenvolvimento notável do Partido Radical Italiano em fins dos 70 com uma proposta de estrutura organizacional totalmente inovadora em termos de democracia; desenvolvimento do feminismo e de movimentos de minorias com importantes efeitos democratizadores sobre o tecido celular das sociedades, ainda que quase sem efeitos a nível dos regimes políticos; surgimento de um novo tipo de associativismo a nível local, como produto de revalorização da problemática do poder local"\*.<sup>3</sup>

O segundo ponto refere-se à própria problemática pela qual passaria o país. Recém-emergíamos da nossa "longa noite de resistência", como se referiu a escritora Lígia Fagundes Telles ao contexto dramático pós-68, quando a participação e organização política do povo brasileiro estiveram cruelmente reprimidas, sistematicamente boicotadas e vigiadas por olhos invisíveis as vinte e quatro horas do dia. Com a chamada aber-

<sup>3</sup>VIOLA, Eduardo José. Democracia e autoritarismo na Argentina contemporânea. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Ciências Sociais (Ciência Política) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1982, Volume I. (Mimeografado). p. XXXVI.

\*Os grifos são meus.

tura, no fim do governo Geisel, as pessoas começam a perder o medo de falar, estão ansiosas para discutir; os jovens universitários da chamada "Geração AI-5" estão ávidos por conhecer o inacessível durante longos anos, e a divulgação do projeto alternativo de Lages coincide com esse período. Os exilados retornam, e com as novas idéias vigentes entre a esquerda européia, repensam suas práticas da década de 60 e meados da de 70 no Brasil. Lançam pela imprensa, em palestras nas Universidades, a necessidade de repensar o procedimento e os dogmas teóricos da esquerda no país.

Todas estas novas idéias, do ecologismo com sua crítica radical à tecnologia sofisticada, cara e destruidora da sociedade industrial, passando pela rejeição ao modelo tradicional do socialismo acatado até a década de 70; a não aceitação do partido de vanguarda como receptáculo de verdades que não podem ser questionadas, geram uma avidez muito grande por modelos alternativos de transformação da realidade social em que vivemos e que também suprem o vazio deixado pela rejeição aos modelos anteriores. Essa ânsia encontra eco não só entre os intelectuais e ativistas políticos que repensam suas práticas, mas principalmente entre jovens universitários sem nenhuma tradição ou vinculação com a esquerda dos anos 60 e 70.

É nesse contexto inovador que a experiência de Lages será tomada como parâmetro, suscitará curiosidades e alenará muitas esperanças.

Em termos práticos, podemos citar exemplos de como a experiência de Lages oferecia uma série de alternativas: na

Agricultura incentivava o uso da chamada "agricultura biológica", evitando a destruição do solo com o uso indiscriminado dos agrotóxicos e barateando sensivelmente os custos de produção; na Saúde, Lages procurou aliar os conhecimentos da medicina ocidental às tradições populares de cura, através de ervas, principalmente. Além disso, procurou descentralizar os serviços médicos em contrapartida à centralização e burocratização dos atendimentos médicos da rede oficial.

Em oposição aos monumentais projetos do governo (vide BNH), Lages demonstrou, com seu projeto habitacional baseado no mutirão - processo de trabalho coletivo, onde todos trabalham para todos - e com tecnologia alternativa, ser possível construir moradias, visando diminuir o déficit habitacional da população brasileira, mais rapidamente e com custos menores que os dos projetos habitacionais oficiais.

Com referência à Educação, Lages, em oposição ao ensino da rede oficial, propôs um ensino criativo, onde a aprendizagem está relacionada diretamente com os anseios e a vivência do aluno. Onde o aluno é um ator participante e não simples coadjuvante.<sup>4</sup>

À mera proposta de organização de trabalho verticalmente burocratizada, Lages oferecia, em contraposição, exaustivas reuniões entre os funcionários da prefeitura e a população

---

<sup>4</sup> Para maior esclarecimento do desenvolvimento dos projetos alternativos em Lages ler o livro de: ALVES, Márcio Moreira. A força do povo. Democracia participativa em Lages. São Paulo, Brasiliense, 1980.

envolvida no projeto. Juntos procuravam resolver os problemas que surgiam. Portanto, um trabalho criativo e não essencialmente tecnocrático.

Lages, em determinado momento, estava concretizando uma nesga dos ideais e sonhos de uma parte das vítimas do chamado "milagre brasileiro".

Os dois pontos frisados acima, sobre as causas do interesse despertado pela experiência lageana, são amplos.

Assim, em termos específicos, poder-se-ia registrar que a gestão 77/82 na prefeitura de Lages não foi passiva às contingências impostas pelos poderes federal e estadual aos municípios e principalmente para os governados pelo partido MDB/PMDB. Lages não ficou no imobilismo. Deu respostas imediatas diante da escassez de verbas, utilizando-se da criatividade das forças populares. Surge aqui outra especificidade quanto ao próprio partido de oposição em uma prefeitura: o pasmo, o espanto e a curiosidade frente às realizações da "Equipe" (por que, se, no dizer do próprio prefeito, estava apenas cumprindo os preceitos programáticos de seu partido?).

É que estamos tão habituados com a má prática dos partidos políticos no país que nos parece inconcebível a idéia de a palavra efetivar os atos, de um programa não existir meramente para efeito de lei, de que o partido, através de seu programa, tão logo conquiste algum poder institucional, tente colocar em prática seus ideais programáticos que em tese deveriam ser a canalização dos desejos e necessidades de seus eleitores.

Também já se tornou lugar-comum entre nós a aceitação de que um discurso político esteja totalmente divergente de sua prática cotidiana na esfera da política. E quando a convergência realmente ocorre, o espanto generaliza-se. O acontecimento passa a ser considerado surpresa.

Com a divulgação ampla dada à experiência desenvolvida no município de Lages com todas as conseqüências que o acontecimento implicava, não poderiam deixar de ocorrer reuniões e debates. Se para alguns conhecedores a administração de Lages nos anos de 77 a 82 pareceu trazer em seu bojo algo renovador, para outros ela era tão "velha quanto o próprio capitalismo".

Márcio Moreira Alves deixa transparecer em seu livro (op. cit.) um grande entusiasmo pela experiência, depositando grande esperança no trabalho desenvolvido em Lages. Segundo ele, a experiência poderia ser caracterizada como um processo de "democracia direta que vai criando as suas próprias lideranças, gerando os seus recursos e seja, afinal, assumida de tal forma pela população que se torne impossível a sua destruição no futuro".<sup>5</sup> Indo adiante, à página 39, Alves faz uma comparação entre o trabalho de Lages e a experiência de autonomia dos cantões suíços, com a ressalva de ser a experiência de Lages "um ponto pequeno".

Com opinião divergente, sem nenhuma complacência, Pe

---

<sup>5</sup>ALVES, Márcio Moreira. op. cit. p. 39.

dro Alcântara Figueira<sup>6</sup> expõe que "a experiência comunitária" de Lages não passa de "uma coletivização da miséria" que pretensamente ensinaria a alguém que o "socialismo é melhor e mais produtivo do que o capitalismo e outras asneiras".<sup>7</sup>

Os projetos alternativos concretizados em Lages seriam, segundo ele, "uma forma de rebaixamento de salários".<sup>8</sup> Resumindo, propostas semelhantes às realizadas no município de Lages, segundo Figueira, levariam ao reiterar do capitalismo. Estariam perfeitamente enquadradas em sua lógica, de exploração da força de trabalho e extração de mais-valia dos trabalhadores. Não levariam absolutamente a uma relativa autonomia perante o capitalismo, nem propiciariam a organização política das pessoas envolvidas e atingidas com a experiência comunitária.

Explicitei, até aqui, a ótica e expectativas de pessoas não envolvidas diretamente na experiência lageana. E as pessoas que nela participaram, que se envolveram diretamente, isto é, a própria parcela da população do município que se propôs trabalhar junto com a "Equipe Dirceu Carneiro", quais suas expectativas? Apesar de alguns contatos preliminares com alguns destes participantes, devo salientar que não foi intenção do pesquisador trabalhar com a perspectiva da experiência e dos grupos nela envolvidos. Minha atenção, nesse sentido,

---

<sup>6</sup> FIGUEIRA, Pedro Alcântara. A questão do momento. Sem data. (Mimeografado).

<sup>7</sup> FIGUEIRA, Pedro Alcântara. op. cit. pp. 7-8.

<sup>8</sup> Idem, p. 8.

foi esperar os resultados das eleições de 1982, pois sendo o partido MDB/PMDB o núcleo central da pesquisa, estes resultados, a nível institucional, é que seriam privilegiados e analisados.

Dependendo do comportamento dos munícipes perante as urnas em novembro de 1982, para o pesquisador significaria a resposta de modernização ou não do PMDB em Lages.

O objetivo geral do trabalho era exatamente perceber como a proposta alternativa de administração da gestão 77/82 influenciaria o partido, isto é, propiciaria uma modernização do partido MDB/PMDB em Lages.

Entendo como um partido moderno o partido de massas, e parto do pressuposto de que o MDB até a gestão 77/82 na prefeitura de Lages caracterizava-se como um partido tradicional ou de quadros. E que, após 77, poderia adquirir traços de um partido de massas. As categorias "partido de quadros" e "partido de massas" são utilizados na acepção que lhes dá Duverger.

O partido de massas, segundo Duverger<sup>9</sup>, tem um duplo objetivo: recrutar adeptos tanto para sua proposta política como para a sua sobrevivência política. Quanto maior o número de pessoas que assumam o partido, o seu programa, maior o número de pessoas a receberem educação política, e não só isso, a sobrevivência política do partido depende das contribui-

---

<sup>9</sup> DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970. p. 99.

ções sistemáticas de seus membros:

"... dessa forma, o partido reúne os fundos necessários à sua obra de educação política e à sua atividade quotidiana, assim pode igualmente financiar as eleições: o ponto de vista financeiro confunde-se aqui com ponto de vista político. Este último aspecto do problema é fundamental. Toda campanha eleitoral representa uma grande despesa. A técnica do partido de massas tem por efeito substituir o financiamento capitalista das eleições por um financiamento democrático. Ao invés de se dirigirem a alguns grandes doadores privados, industriais, banqueiros, ou grandes comerciantes, para cobrirem as despesas da campanha - o que põe o candidato (e o eleito) na dependência destes últimos - os partidos maciços repartem o encargo por um número tão elevado quanto possível de adeptos contribuindo cada um com uma soma modesta (...) os partidos de massas caracterizam-se pela atração que exercem sobre o público: um público pagante, que permite à campanha eleitoral escapar às servidões capitalistas, junto a um público que ouve e que age, que recebe uma educação política e aprende o meio de intervir na vida do Estado".<sup>10</sup>

Já os partidos de quadros têm uma proposta bastante distinta dos partidos de massas:

"... trata-se de reunir pessoas ilustres, para preparar eleições, conduzi-las e manter contactos com os candidatos. Pessoas influentes, de início, cujo nome, prestígio ou brilho servirão de caução ao candidato e lhe granjearão votos; a seguir, pessoas ilustres como técnicos, que conhecem a arte de manejar os eleitores e de organizar uma campanha; enfim, pessoas notáveis financeiramente, que contribuem com o fator essencial: o dinheiro.

Aqui, a qualidade importa mais que tudo: amplitude do prestígio, habilidade da técnica, importância da fortuna. O que os partidos de massas obtêm pelo número, os partidos de quadros obtêm pela escolha...".<sup>11</sup>

<sup>10</sup> DUVERGER, M. op. cit. pp. 99-100.

<sup>11</sup> Idem, p. 100.

O parâmetro de Duverger para os partidos de massas são os partidos socialistas da Europa, e a ascensão destes no cenário da política formal como partidos de massas somente ocorre após a extensão do sufrágio. O que tínhamos no decorrer do século XIX eram típicos partidos de quadros, pois as massas não tinham importância política para a democracia representativa, já que não votavam. Mesmo a organização dos partidos socialistas em partidos de massas não ocorre de chofre. Inicialmente esses partidos assemelhavam-se aos partidos de quadros.

A passagem de partidos de quadros para partidos de massas irá acontecer no período imediatamente anterior à primeira grande guerra. Nesta fase é que "os partidos socialistas europeus formaram grandes comunidades humanas, profundamente diferentes dos partidos de quadros anteriores".<sup>12</sup>

Duverger também chama atenção ao pesquisador para a dificuldade de encontrar, na prática, partidos de quadros no "estado puro" dada a tática destes de procurarem "adeptos comuns"\*, imitando os partidos de massas; mas a inexistência de um "sistema de registro de adeptos ou de uma percepção regular de contribuição é um critério assaz bom (...) nenhuma adesão verdadeira é concebível sem eles".<sup>13</sup>

Julgo importante salientar que procurei perceber no

---

<sup>12</sup> Idem, p.102-3.

\* Adepto em sua acepção plena significa: "aquele que assume um compromisso perante o partido e depois paga regularmente suas contribuições". DUVERGER, M. op. cit. p. 100.

<sup>13</sup> DUVERGER, M. op. cit. p. 101.

MDB/PMDB em Lages apenas as duas características estruturais dos partidos de massas: a questão dos adeptos e a questão financeira; obviamente não tentei encontrar semelhanças no MDB/PMDB, em Lages, com o Partido Socialista francês ou o Partido Social-Democrático alemão, dada a especificidade da realidade dos partidos políticos nacionais.

A formulação teórica realmente serviu-me como uma espécie de modelo ideal onde a realidade estudada deveria apresentar apenas um esboço.

Sartori<sup>14</sup>, outro autor que poderia ser utilizado como referência teórica, no volume I de sua obra "Partido y sistema de partidos. Marco para un análisis" apenas escreveu "en passant" sobre o partido de massas\*, isto é, que o "direito de voto amplo e o aparecimento de sistemas de partidos que giravam em torno dos partidos de massas estão relacionados"; pois é através da ampliação do sufrágio que "os partidos adquiriram forças organizativas e se consolidam". A entrada dos "públicos de massas" na esfera da política gera um problema de "canalização", e os partidos de massas devem possuir esta função canalizadora" pela simples razão de que, quanto maior o número de participantes na política, "maior será a necessidade de um sis

---

<sup>14</sup> SARTORI, Giovanni. Partidos y sistemas de partidos. Marco para un análisis. Madrid, Alianza Editorial, 1980. V.I.

\* Na nota 7 da p. 65, da obra citada, Sartori comenta "... de los conceptos de partido de masas, y de sistemas de partidos estructurados se tratará en el volume II", até o presente, não tenho conhecimento da presença do volume II entre nós.

tema de tráfegos regularizado"\*.<sup>15</sup> O autor está fazendo referência às democracias ocidentais.

Sartori também chama atenção para o perigo dos "disfarces euromórficos", ou seja, deve-se tomar cuidado ou mesmo evitar categorias teóricas utilizadas para a realidade européia e transplantá-las para realidades de outros continentes, mais rigorosamente para o africano, mas também para a América do Sul.<sup>16</sup>

Em síntese, minha proposição central parte da perspectiva de que o MDB, quando se formou em Lages, era um partido político nos moldes clássicos - partido de quadros - com as peculiaridades da realidade brasileira: exercia sua função de canalizar os anseios e necessidades da sociedade civil (função representativa do partido político), em relação ao Estado, através de meios clientelísticos (uma relação de troca em que a cidadania torna-se aviltada, pois o que é obrigação do partido e do político torna-se favor e necessariamente deve ter um retorno em forma de fidelidade de voto). Uma relação contrária deveria ser: a adesão do cidadão ao programa de um partido e a partir de então trabalhar e votar em favor desse mesmo partido e/ou político de sua preferência\*\*.

---

\* Todas as citações deste parágrafo são da mesma página n. 65. As traduções são de minha responsabilidade.

<sup>15</sup> SARTORI, G. op. cit. p. 65.

<sup>16</sup> Idem. pp. 291-2.

\*\* Maria do Carmo Campello tem uma explicação para a conotação fortíssima que o clientelismo adquire entre nós: para ela, o clientelismo, ao mesmo tempo que mostra o lado fraco dos partidos políticos, é sua fortaleza perante o Estado "autoritá-

O clientelismo se aliaria ao personalismo, herança trazida ao MDB em Lages por alguns políticos originários dos partidos do período anterior ao AI-2 (1965). A deformação básica do personalismo é que muitas vezes o partido sobrevive unicamente em função de uma pessoa (ou fazendo referência a sua pessoa em caso de morte, por exemplo); em suma, o partido político está encarnado em determinada liderança, em seu prestígio e sua ascendência sobre as massas.

Quando o MDB ganha as eleições para a prefeitura de Lages, em 1972, efetivando a função governativa do partido político, oportunidade do partido exercer sua proposta programática em uma instituição determinada - ainda dentro de meu pressuposto -, não o fez. Continuou a atuar com relações tradicionais.

Somente nas eleições de 1976, pelo que divisava da experiência lageana, o partido MDB/PMDB tentou exercer relações distintas das práticas anteriores.

Ao canalizar as necessidades da população em forma de organização da sociedade civil, trabalhando com grupos através de discussões, ensejando práticas novas nas reivindicações dos participantes destes grupos, etc., os membros da "Equipe" estavam postulando algo novo referente ao contato de um partido instalado na prefeitura e seus munícipes.

---

rio" e incrivelmente centralizado no Brasil, principalmente após 1930. Ver: SOUZA, Maria do Carmo Campello. Estado e Partidos Políticos no Brasil. (1930-1964). São Paulo, Alfa-Omega, 1976. p. 37.

Especificamente ao ocupar a prefeitura de 1977 a 1982, a chamada "Equipe Dirceu Carneiro" imprimiu, como tendência, uma nova orientação na função governativa do partido MDB/PMDB, em Lages, pois tinha princípios baseados no programa do partido, almejando concretizá-los, como por exemplo o de participação popular\*, ao promover uma nova relação entre instituição e cidadãos, retirando o caráter clientelístico até então exercido naquela instituição. Esta alternativa para o exercício do poder na prefeitura deveria influir na dinâmica interna do partido.

Entendendo como dinâmica interna de um partido político o sentido dado por Benevides:

"... quanto à dinâmica interna trata-se da articulação nacional-regional-local (...) das campanhas eleitorais, do papel das convenções nacionais, dos esquemas de desempenho parlamentar. Outras variáveis para a avaliação da dinâmica interna do partido poderiam ser: a publicação de manifestos, a liderança de manifestações públicas, o recrutamento e o levantamento de fundos e, sobretudo, a presença do partido na imprensa".<sup>17</sup>

Os itens grifados por mim foram os que receberam uma maior observação e concentração de análises, no processo de trabalho da investigação.

Nestes aspectos, meus dois objetivos específicos es-

---

\*Declaração do Prefeito Dirceu Carneiro, ao justificar as novas práticas efetivadas na prefeitura. In: Jornal "Correio Lageano" de 18/02/1977.

<sup>17</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. p. 162.

tariam concretizando a forma de trabalhar com o objetivo geral.

Primeiro, remontar a história do partido MDB em Lages, o que permitiria perceber os grupos iniciais participantes do processo de organização do partido em sua origem e a partir daí conhecer suas antigas vinculações partidárias: em que partidos estavam antes do AI-2 e se estas vinculações anteriores acompanhavam a tendência nacional ou não. Caso contrário, se o grupo inicial dos fundadores comportaria pessoas não relacionadas com o sistema partidário antigo.

Segundo, pressupondo que a chamada "Equipe Dirceu Carneiro" podia ser considerada como uma tendência de prática política diferente dentro do partido, era importante investigar como a sua liderança máxima, Dirceu Carneiro, firmou-se na instituição a ponto de ser indicado para vice-prefeito nas eleições de 1976. Ligada a esta questão, restaria aguardar a convenção do partido no município, para a indicação do candidato a prefeito nas eleições de 1982. Dependendo da escolha do candidato poder-se-ia inferir o peso político da "Equipe Dirceu Carneiro" no partido, e mais, se a própria "Equipe" conseguiria fazer um candidato para a sucessão na prefeitura. Para mim, a "Equipe Dirceu Carneiro" ter seu próprio candidato e elegê-lo na convenção para as eleições de 1982 significaria uma mudança indicativa na forma de seleção de um candidato em um partido de quadros, dada a prática democrática da "Equipe", que, segundo os entrevistados participantes desta, sempre consultavam as "bases". E mais, a vitória de candidato da Equipe nas eleições de 1982 seria indicativa de uma nova estrutura na re-

lação partido e seus adeptos. Pois, segundo nossa pressuposição, o candidato da "Equipe" não teria vínculos marcadamente personalistas e clientelísticos com seus adeptos.

Mas, qual a importância de se tentar fazer a monografia de um partido a nível municipal e analisar a possível mudança de prática política de um partido no Brasil ?

Com a chamada abertura no país, e posteriormente com a lei de reformulação partidária em 1979, o debate sobre a participação das massas no processo político se reacende, e é necessário evitar os erros do passado. A prática da política viciada dos partidos, onde o clientelismo grassa, e a troca de favores através da máquina administrativa, como condição "sine qua non" para a sobrevivência dos políticos, devem ser repensadas.

Os movimentos sociais de cunho reivindicatório pipocam nos principais centros urbanos do país; a reorganização dos trabalhadores no complexo industrial de Santro André, São Bernardo, São Caetano e Diadema (A,B,C,D,) possibilitam greves bem sucedidas e começam a retirar dos sindicatos sua pecha de meros "capachos" do governo.

Como canalizar esta ascensão das massas no cenário político do país ? Retorno ao passado populista ? Partidos de quadros com personalidades políticas marcantes "puxando" os votos ? As massas estão ainda dispostas a tolerar tal tipo de prática ?

O que significa para o regime de um país a presença de partidos de massa em seu cenário político ?

Por que o país ainda não conseguiu, no decorrer de sua longa história, um sistema partidário estruturado, apesar de ter um "Estado já formado"?<sup>18</sup>

São questões relevantes, que qualquer eleitor do Brasil, pelos momentos passados e pelo horizonte que hoje se entreabre, deveria formular.

As questões específicas diluem-se nas duas últimas perguntas, mais abrangentes, e para estas creio ser possível retirar da experiência anterior de países europeus algum caminho satisfatório.

Sobre o significado da presença de um partido de massa para o regime político de um país, um pequeno trecho assinalado por Viola, é elucidativo:

"A prática dos partidos operários e socialistas em fins do século XIX e começos do século XX conseguiu transformar regimes liberais de pluralismo de participação limitada em regimes democrático-representativos, sendo o sufrágio universal um ponto fundamental desta caminhada, ainda que não o único. Em outras palavras, a existência dos partidos operários e socialistas transformou profundamente a natureza do regime político, ainda que se mantivessem os parâmetros capitalistas da sociedade. A instauração de regimes democráticos neste sentido, longe de significar a supressão ou mascaramento da luta de classe, significou sua institucionalização através de determinadas regras do jogo, que tem como característica básica, como toda a regra, a incerteza em relação a ganhos e perdas..."<sup>19</sup>

Portanto, é de fundamental importância a organiza -

<sup>18</sup>Sobre o tema ver: SARTORI, G. op. cit. p.291.

<sup>19</sup>VIOLA, E.J. op. cit. p. XXXIII.

ção dos trabalhadores com suas reivindicações específicas em um partido que as canalize, pois isto pode significar uma democratização do regime político do país. Trata-se de não só democratizar mas também sustentar esse mesmo regime político. Sartori assim se refere a essa questão, respondendo à última pergunta:

"En particular y concretamente, un sistema de partidos pasa a estar estructurado cuando contiene partidos de masas sólidamente arraigados. Dicho en términos diferentes, los partidos de masas - los de verdad - son un buen indicador de un sistema de partidos estructurados".<sup>20</sup>

Isso significa que só teremos um regime político com um sistema partidário estruturado quando conseguirmos a efetiva organização de partidos de massas no país. Essa condição deve passar necessariamente a ser uma preocupação dos militantes dos partidos políticos, com reais intenções de modificação em suas práticas políticas, sob pena de estas ficarem a reboque das várias organizações sociais que surgiram no país nos últimos anos e mesmo ter seu papel de representação e canalização preteridos em prol de outra instituição - a Igreja - a qual vem sendo bem sucedida, a meu ver.

Nesta parte da exposição uma dúvida poderia surgir: por que ainda partidos de massas, citando como exemplo os da Europa, se estes já estão sendo questionados por terem suas estruturas organizacionais internas cristalizadas e monolíticas? Isto é, os partidos de massas já se vêem confrontados por partidos com organizações internas mais elásticas e com programas

<sup>20</sup> SARTORI, G. op. cit. pp. 291-292.

partidários mais adaptáveis conforme as necessidades de seu eleitorado, a cada eleição.

Responderia da necessidade de se aliarem as duas condições: partidos de massas com estruturas internas democráticas. Difícil, sim. Acho extremamente complexo concretizarmos isto na prática de nossos partidos, mas, pelo menos, todos os partidos que se pretendem de massas no país deveriam ter como ideal esse modelo.

E quanto a fazer uma monografia de um partido em âmbito municipal?

O aspecto de documentação por si só justificaria a proposta. Não podemos esquecer dois aspectos: os partidos políticos não têm somente a função representativa e o município de Lages, através da gestão 77/82, possibilitou uma brecha ou, se quisermos, uma alternativa para o exercício da função governativa de um partido através da participação ampliada em uma prefeitura.

## CAPÍTULO II

### 2. PARTIDOS POLÍTICOS: ALGUMAS QUESTÕES GERAIS

O reconhecimento da importância dos partidos políticos nas sociedades contemporâneas é um ato de fé.<sup>1</sup>

A fé na importância dos partidos políticos está estreitamente vinculada à secularização do poder político, à luta pelos direitos civis e possibilidades de reivindicações organizadas por parte de parcelas cada vez maiores da população de uma determinada nação.

Com a crença generalizada nessas condições conseguidas no decorrer do tempo, os partidos políticos tornaram-se importantes como veículos condutores destas mesmas aspirações.

Ato de fé não se explica, mas se justifica. Na Europa Ocidental e nos EE.UU, onde o sistema partidário está estruturado e não corre riscos de desaparecer através de um militar ou outro qualquer encastelado no cargo político máximo do país, ilegalmente; o índice de participação nas eleições sofre oscilações constantes. Nos Estados Unidos, o índice de abstinência em uma eleição presidencial já chegou a ser de 50% dos eleitores. Isso pode significar um desprezo pelas opções apresentadas, apatia política e mesmo acomodação.

---

<sup>1</sup>SARTORI, Giovanni. Partidos y sistemas de partidos. Marco para un análisis, Madrid, Alianza Editorial, 1980. V.I. pp. 35-42.

Entretanto, caso ponha-se em discussão a supressão do direito inalienável do voto pelos cidadãos desses países, a reação será imediata. O direito ao voto, a existência de partidos, estão introjetados na consciência dos cidadãos de tal forma que se tornaram rotineiros e não algo excepcional.

Para esta crença enraizar-se na sociedade, determinadas condições devem emergir.

Antes de tudo, uma constituição asselada garantindo a existência dos três poderes, como condição "sine qua non" para a existência dos partidos políticos. Apesar da ocorrência desta condição, outras devem se fazer presentes para o desempenho eficaz dos partidos em uma democracia representativa.

Paralelo a esta condição, há necessidade de heterogeneidade no seio da sociedade civil. Isto é, o medo do diverso, do conflito, da discussão devem ser suprimidos entre as elites e entre os cidadãos comuns. O pluralismo de idéias, de comportamento, de estratégias políticas deve perpassar toda a sociedade.

Os cidadãos devem estar cômicos de que os objetivos para melhor consecussão do desenvolvimento de uma nação não é privilégio de uma só parcela de povo dessa mesma nação. O rodízio na esfera do poder político deve ser algo pacífico e não justificativa para crises e golpes de Estado.

Por sua vez, a passividade do rodízio político repousa em uma divisão clara entre as coisas públicas e privadas resultantes da secularização do poder político no decorrer do processo histórico contemporâneo; pois, se não fosse as-

sim, qual o interesse dos detentores do poder político no rodízio ?

Com estas condições os partidos políticos podem emergir para o cenário da política. Como escreveu Sartori:

"... si la política moderna tiene algo que sea peculiarmente 'moderno', la novedad se deriva de una sociedad politicamente activa, o politicamente mobilizada. (...) Si es así, la política moderna requiere la canalización por partidos; o el partido único, cuando o donde no existen partidos en plural".<sup>2</sup>

Até o século XIX, não teremos a presença dos partidos atuando na esfera da política. Apesar disso, um século antes, o inglês Edmund Burke já conseguira detectar a importância destes para a nova modalidade de política que se esboçava. Para ele, resultava incompreensível como os homens poderiam seguir sem uma "conexión", pois os "fines requirerem medios, y los partidos son los 'medios adecuados' para permitir a "esos hombres poner en ejecución sus planes comunes, con todo el poder y toda la autoridad del Estado".<sup>3</sup>

Se não existiam os partidos políticos configurados ainda, o que tínhamos então ? As famosas facções, a quem Burke vituperava estrondosamente, mas que marcaram sua presença na nossa história desde os antigos romanos. Em que consistem as diferenças entre facções e partidos ?

Os componentes de uma facção não visam ao bem-estar comum de uma nação, mas sim, primordialmente, trabalham em cau

---

<sup>2</sup>Idem, p. 12.

<sup>3</sup>In: SARTORI, G. op. cit. pp. 28-30.

sa própria, procurando tirar o máximo proveito dos cargos que ocupam no exercício da política. Não compartilhem, sonégam. Não se utilizam da estratégia política e sim das con<sup>spirações</sup> políticas. Representam um grupo concreto com interesse próprio e não público. Ao contrário da origem da palavra partido<sup>4</sup>, que surge do termo compartilhar, resultante da união das palavras dividir e participar. Onde deve ter o partido, sempre, interesses nacionais. Isto não significa que na prática cotidiana dos parlamentos e partidos não nos deparemos, ainda, com as temíveis e viscerais facções.

No entanto, a penetração dos partidos políticos na consciência política da nação, com o "status" que possuem hoje, em algumas sociedades, representa um longo processo de luta e organização da chamada sociedade civil.

A transformação das facções em partidos políticos dá-se com a passagem do "governo responsável" para o "governo que responde".<sup>5</sup> No "governo responsável" temos as lutas políticas que se situam apenas entre o governo e o parlamento — esta a prática dos ingleses no século XVIII: o ministro, no caso, era responsável perante o parlamento. A passagem de um governo fechado para um governo com orientação democrática dá-se quando ocorre a "primeira obtenção de votos". Os partidos passam a procurar os votos e a partir daí os políticos começam a ter que cumprir exigências de seu eleitorado. Temos então o eleito

---

<sup>4</sup>Idem, p. 21.

<sup>5</sup>Ibidem, pp.45-50.

rado pressionando o partido. Este por sua vez é obrigado a pressionar o governo, para fazer cumprir os interesses das parcelas da população eleitoral que representa. Isto também provoca (a obtenção do direito ao voto e a extensão dele para as massas) uma solidificação dos partidos, o que irá delinear num terceiro momento o "governo por partidos" e, por extensão, o fortalecimento do sistema partidário. Com o direito do voto estendido a amplas camadas da população teremos o surgimento do partido de massas, cuja atuação, além do parlamento e governo, situa-se no âmbito externo, isto é, seu princípio básico é a educação política das massas para uma transformação da sociedade. O terceiro momento propiciará uma outra função ao partido político, além da representativa: a função governativa dos partidos.<sup>6</sup>

Em uma sociedade com democracia representativa asentada, esta função governativa dos partidos torna-se pacífica e inquestionável. Pode tornar-se questionável o indivíduo ou os indivíduos que irão exercê-la representando o partido, e às vezes isto é feito de maneira violenta (por exemplo, assassinatos de presidentes nos EE.UU), mas o caráter de rodízio dos partidos políticos na função governativa não o é.

A importância primordial que adquirem os partidos políticos, como instituições, para a sociedade moderna é in-

---

<sup>6</sup>Sobre o assunto ver: SOUZA, Maria do Carmo Campello de. Estado e partidos políticos no Brasil - 1930 a 1964. São Paulo, Alfa-Omega, 1976. p. 29.

questionável. Eles são, como observa Sartori: "la estructura central intermedia e intermediária entre la sociedad y el gobierno".<sup>7</sup> Uma sociedade moderna tem a necessidade peremptória da presença deles no cenário nacional, sob pena de um governo tornar-se impraticável e chegar a impasses insolúveis. Pois, sendo o canal de comunicação das aspirações da sociedade, sua ausência por períodos longos pode provocar explosões sociais incontroláveis, que com a intermediação dos partidos políticos tornar-se-iam perfeitamente evitáveis e racionalizadas. Isto não significa que não possam existir sociedades onde os partidos políticos são apenas pseudopartidos ou que exerçam apenas a função representativa, enquanto a função governativa está em mãos de grupos seletos, ilegitimamente encastelados no poder; ou a função governativa é predomínio exclusivo de um só partido, e a possibilidade de rodízio partidário nesta função é sinônimo de radicalização de grupos específicos visando à disfunção do sistema vigente. São elites que originalmente possuíam uma visão negativa da política formalmente instituída, por isso tentam aplastá-la da vida nacional. Não o conseguindo, criam, através de decreto, instituições partidárias falsas, e mais tarde, já compreendendo as coisas públicas como domínio privado exclusivo, querem tornar-se imutáveis em suas funções. Isto gera, por outro lado, um estado de desânimo e até um estado pretoriano, justificativa para golpes em determinados países.

Qual o conceito melhor de partido político, para se

---

<sup>7</sup> SARTORI, G. op. cit. p. 10.

trabalhar com uma realidade social como esta ? Weber, um pessimista declarado, já conceituava partido da seguinte maneira:

"Llamanos partidos a las formas de socialización que descansando en un reclutamiento (formalmente) libre, tienen como fin proporcionar poder a sus dirigentes dentro de una asociación y otorgar por ese medio a sus miembros activos determinadas posibilidades ideales o materiales (la realización de fines objetivos o el logro de ventajas personales o ambas cosas).(...) El acento de su orientación puede inclinarse más hacia intereses personales o más hacia fines objetivos."<sup>8</sup>

Segundo Sartori<sup>9</sup>, Weber foi o verdadeiro fundador da sociologia dos partidos, foi ele que chamou atenção sobre "as bases sociais da política e dos partidos em particular". Entretanto Weber, dentro de sua perspectiva histórica ainda segundo o autor, para a análise da evolução dos partidos, confundiu facção com partido ao ver nas associações de caráter político da Antigüidade e Idade Média<sup>10</sup> configurações de partidos. Isto é, Weber não percebeu a especificidade dos partidos políticos como instituições eminentemente contemporâneas.

Chamo atenção para dois itens no conceito de partido político de Weber: primeiro, a questão do interesse pessoal na política partidária. Logo, Weber não tem, nem poderia ter, uma visão idílica desta prática. Inclusive escreve que a atuação partidária pode ter exclusivamente esse caráter eminente -

<sup>8</sup>In: WEBER, Max. Economía y sociedad. México, Fondo de Cultura Económica, 1964. V.I. (3ª reimpresión, 1977) pp.228-229.

<sup>9</sup>Ver: SARTORI, G. op. cit. p. 52.

<sup>10</sup>Ver WEBER, Max. op. cit. p. 230.

mente pessoal, o que torna mais fácil a tarefa de investigação em uma realidade social como a nossa, onde os partidos políticos, para uma parte das figuras proeminentes que deles participam, assumem apenas o caráter de trampolim para concretizar objetivos e ganhos pessoais, fazendo-as suprimir de suas práticas político-partidárias os objetivos e programas de seus partidos políticos. Este caráter pessoal assume formas específicas no Brasil, desde o chamado coronelismo, passando pelo personalismo e clientelismo.

O segundo item é a questão do recrutamento formalmente livre. Para nós, a formação dos partidos tem-se dado sob legislação muitas vezes não legítima e em contextos políticos de exceção; digo exceção por uma questão de referencial teórico, mas o estado de exceção em alguns países da América Latina é a regra. O recrutamento por parte dos partidos ditos de oposição é uma tarefa árdua e que muitas vezes envolve riscos pessoais preciosos, fazendo com que a filiação e a militância partidária tornem-se difíceis e restritas.

Já Sartori, hoje, conceitua partido político de uma maneira bastante realística e abrangente, permitindo uma flexibilidade necessária para nossa realidade:

"... Un partido es cualquier grupo político identificado por una etiqueta oficial que presenta a las elecciones, y pueden sacar en elecciones (libres o no)\* candidatos a cargos públicos".<sup>11</sup>

<sup>11</sup> SARTORI, G. op. cit. p. 91.

\* O grifo é meu.

A noção de eleições "libres o no" de Sartori permite trabalhar tranquilamente com a realidade política no Brasil.

Como exemplos recentes do cerceamento de eleições no Brasil temos: Lei 6.339, de 1976 - Lei Falcão - proibindo a livre manifestação dos candidatos pelos canais de comunicação. O denominado "pacote de abril de 1977," impedindo a votação de um terço dos candidatos ao Senado. Outros exemplos podem ser citados, como empecilhos para efetivação de eleições livres no país: até 1955 não havia cédula oficial para votação nas eleições, os candidatos imprimiam suas próprias cédulas separadamente, para cada cargo. Em 1955 foi estabelecida cédula única para eleições presidenciais, em 1956 foi adotado a cédula única para os outros postos escolhidos através da forma majoritária, e a cédula única para as eleições proporcionais seria adotada somente em 1962. A proibição do voto do analfabeto até pouco tempo atrás, e a obrigatoriedade do voto no país configurariam falta de liberdade nas eleições. A proibição de uma parcela considerável da população brasileira de se manifestar politicamente descaracteriza os resultados de qualquer eleição. A obrigatoriedade do voto denota o autoritarismo por parte de quem faz as leis no país e ao mesmo tempo mantém a garantia dos votos para as elites rurais brasileiras, principalmente no Nordeste, que em troca de favores aviltantes - o próprio ato de levar os eleitores de carro ao local de votação, por exemplo, têm garantidos votos preciosos.

A questão no conceito de Sartori sobre partidos políticos restringe-se a eleições para todos os cargos públicos. Pareceu-me que nesse conceito, também, há uma margem excelente

para adaptar-se a qualquer realidade política, de acordo com as regras estabelecidas de cada país.

Burke, no século XVIII - já chamei atenção para a perspicácia deste filósofo em perceber uma nova forma de agremiação (dos partidos políticos) diferente das facções de seu tempo - conceituou partido da seguinte maneira:

"... Un partido es un cuerpo de hombres unidos para promover, mediante su labor conjunto, el interés nacional sobre la base de algún principio particular acerca del cual todos están de acuerdo..."<sup>12</sup>

O conceito de partido político de Burke deve ser notado pelo que representa de extremo de referência teórica, isto é, seu conceito é magnífico enquanto algo que poderia vir a ser mas que no cotidiano da prática política não é. Sendo política "a mediação entre idéias e interesses"<sup>13</sup>, a ocorrência da predominância do segundo termo sobre o primeiro é muito mais provável.

Nos três conceitos de partido político escolhidos por mim aparece um ponto em comum: todo partido político formalmente constituído almeja o poder, quer seja para colocar em prática sua proposta programática quer seja para que alguns de seus membros auferam benefícios pessoais. Ao mesmo tempo, cada conceito tem uma particularidade, permitindo uma utilização pa

<sup>12</sup>In: SARTORI, G. op. cit. p. 28.

<sup>13</sup>CERRONI, Umberto. Teoria do partido político. História e política 15, São Paulo, Livraria e Editora Ciências Humanas, 1962. p. 18.

ra vários momentos do meu trabalho.

O conceito de Weber possibilita trabalhar com o personalismo e clientelismo; o de Sartori remete ao próprio contexto institucional onde o partido desenvolveu-se (1966 a 1979), sem obrigar a fazer uma análise desse contexto. O de Burke\* é o marco referencial do que seria um partido político em termos ideais.

Maurice Duverger, apesar de ter sido um dos primeiros cientistas políticos a trabalhar sistematicamente com partidos, não revela em seu livro ("Os partidos políticos") um conceito formalmente constituído sobre o tema.

Apenas destaca que:

"Um partido é uma comunidade de estrutura particular. Os partidos modernos se caracterizam, antes de tudo, por sua anatomia: aos protozoários das épocas anteriores, sucedem os partidos de organismo complexo e diferenciado do século XX".<sup>14</sup>

Realça, portanto, a parte de organização dos partidos. Como irei trabalhar com o MDB/PMDB, em nível local, não interessa a análise de sua organização (estatutos, regimentos etc.), importando mais a dinâmica local da agremiação.

Em que pese o equacionamento teórico, dúvidas crescentes tomam conta do investigador disposto a trabalhar com a realidade da política partidária dos países da América Latina

---

\* Estou me referindo ao conceito de partido político de Burke, não ao conteúdo de sua obra.

<sup>14</sup> DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970. p. 15.

e, no caso específico, do Brasil. À medida que leituras de cunho teórico de autores europeus tornam-se conhecidas, percebe-se a gritante incompatibilidade entre aquilo com que se depara na realidade dos partidos e no próprio contexto político do país e a teoria política apreendida.

Uma questão central começa a se delinear: afinal existiram ou existem partidos políticos no Brasil ?

Duverger<sup>15</sup>, quando escreveu seu livro, foi taxativo ao dizer que não existem partidos políticos em sua acepção moderna na América Latina e por conseguinte no Brasil.

Conforme ele, aqui estaríamos ainda em partidos "pré-históricos" caracterizados por uma figura central que aglutinaria uma série de adeptos. Votariam estes na personalidade e não no partido e seu programa. Por esse motivo, ele não discutiu a América Latina diretamente em seu livro. (Ressalto que o livro foi escrito em 1951).

Sartori<sup>16</sup>, em nota, escreve que "de 1951 a 1973 contou vinte e seis golpes de Estado, com êxito, na América Latina", o que explica a exclusão desta de seu estudo sobre sistemas de partidos. Por sua vez, assinala, à mesma página, que nos períodos intermitentes - isto é, entre um golpe e outro - esta região não conseguiu uma "consolidação estrutural" de seu sistema partidário.

---

<sup>15</sup> DUVERGER, op. cit. p. 37.

<sup>16</sup> SARTORI, Giovanni. Partidos y sistemas de partido. Marco para un análisis. Madrid, Alianza Editorial, 1980, V.I. p. 291, nota nº 2.

Os argumentos dos teóricos são válidos, incontestáveis de certa forma. Duverger refere-se à parte da organização dos partidos na América Latina e Sartori à questão do contexto político institucional.

Lendo autores nacionais, a dúvida permanece. Benevides assinala:

"Um estudo mais amplo sobre partidos políticos no Brasil leva o pesquisador à posição ao mesmo tempo sedutora e desconfortável de lidar com 'objetos não (muito) identificáveis'." <sup>17</sup>

Com todas as adversidades que pesam sobre nós, cidadãos do terceiro mundo, resta-nos alguma esperança se olharmos com outra ótica para a nossa realidade. Por exemplo: até que ponto existe uma margem de manobra para nossas peculiares agremiações partidárias efetivarem algo, se assim entenderem, apesar do contexto político? Os cidadãos ficam totalmente passivos perante o estado de coisas com que se deparam ou demonstram de alguma forma sua insatisfação frente à situação política do país?

Estudos atuais sobre eleições e partidos políticos após o AI-2 nos dão conta desta margem de manobra:

"A supremacia eleitoral do MDB nas grandes cidades transformou-se, a partir de 1974, num dado político fundamental. Tornou-se evidente que a tendência do voto urbano a se manifestar como voto de oposição adquiriu desde aquele ano uma importância crucial no processo político, e não apenas no circuito da renovação dos mandatos parlamentares. Pode-se mesmo afirmar que

---

<sup>17</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. p. 12.

a receptividade dos grandes centros urbanos ao partido oposicionista foi um dos fatores básicos que retiraram as casas legislativas do limbo a que haviam sido relegadas, devolvendo-lhes ao menos uma pequena margem de influências do sistema político. (...)

No início da década ou, mais precisamente, no ano de 1970, quando o processo eleitoral adquiriu contornos de tragicomédia, poucos ousariam imaginar que ele seria alguns anos mais tarde um dos instrumentos, e talvez o principal, para romper o monolitismo autoritário então reinante.

(...) O aspecto talvez peculiar ao caso brasileiro recente é que o processo eleitoral - refiro-me em especial às eleições de 1974 - atuou como acelerador, sinalizando claramente para os círculos dirigentes o crescente descompasso entre sua conduta e os sentimentos de uma grande parte da população, notadamente da população urbana".<sup>18</sup>

Como consequência do bipartidarismo imposto, em 1965, pela cúpula militar e assessores, apesar de todas as "indiosincrasias" do governo central em relação ao partido de oposição, gerado por eles mesmos para dar uma fachada democrática ao regime político instaurado em 1964, o MDB conseguiu ser conhecido nacionalmente como uma sigla partidária de oposição.

A própria experiência de Lages pode ser vista como uma possibilidade de manobra no período vigente do regime político burocrático-autoritário.

Outra perspectiva seria trabalhar com o que temos e não com o que não temos, para então partirmos para críticas e

---

<sup>18</sup> LAMOUNIER, Bolivar (org.). Voto de desconfiança. Eleições e mudança política no Brasil: 1970-1979. São Paulo, Vozes - CEBRAP, 1980. p. 7.

propostas.

Como escreve Benevides:

"... já que se constata a sua manifestação concreta - de uma forma ou de outra - na arena política, não tem sentido estudar partidos políticos partindo-se de sua negação. Assim, o que nos interessa não é seguir critérios formais para dizer o que os partidos não são (...) mas sim, o que são..."<sup>19</sup>

Apesar das dificuldades e baseada nos termos da citação acima, permito-me usar os conceitos escolhidos como guia para reflexão (não para mostrar desvios, mas para explorar especificidades de nossa realidade). No entanto, julgo importante tocar em alguns pontos internos do país, esclarecedores de nossa pouca estruturação (ou institucionalização) partidária e de contextos quase sempre simulacros de democracia representativa, a partir de nossa Independência.

Entre os pontos internos realço: a) o acirrado regionalismo (da proclamação da República até 1930); b) o anti-partidarismo das elites brasileiras; c) o chamamento das forças armadas sempre que a situação política do país chega a determinados paroxismos; d) o medo das elites quanto à possível presença das massas na política; e) Estado centralizador.

A proclamação da República no país traz em seu bojo a ojeriza das elites econômicas em relação à centralização e-

---

\* Os grifos são da autora.

<sup>19</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política. 1956 - 1961. 3a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. pp. 60-1.

xercida pela corte no Império, bem como uma total desconfiança nos partidos de âmbito nacional, principalmente o Liberal e o Conservador, vigentes no período.

Como assinala Campello de Souza:

"A república federativa antes que consequência de progressiva ascensão burguesa correspondeu às exigências de maior autonomia e expansão da região cafeeira, vindo ao encontro dos interesses das outras províncias primário-exportadoras que reivindicavam do mesmo modo o afrouxamento dos laços centralizadores. Dada a crise política, referida a deteriorização das instituições imperiais, a inquietação militar tomou corpo, revelando-se ao mesmo tempo indício dessa crise e instrumento que efetivou a passagem para nova ordem republicana. A subsequente flutuação do poder exigiu a manifestação militar e os próprios civis exigiram sua intervenção no processo político, ausentes os caminhos institucionais por onde estes pudessem correr".<sup>20</sup>

Afonso Arinos refere-se, também, ao desgaste dos partidos no período imperial:

"Assim o desprestígio dos partidos imperiais era completo ao fim do reinado. Contra eles se levantavam os políticos, os militares, os positivistas e grandes camadas da opinião pensante (...) Esta hostilidade aos partidos nacionais é visível nos homens mais representativos da primeira geração republicana".<sup>21</sup>

As referidas ojeriza e desconfiança geraram, por sua vez, a marca registrada da primeira república: a chamada "política dos governadores", cujo fundador oficial, Campos Sa-

<sup>20</sup> SOUZA, Maria do Carmo Campello de. O processo político-partidário na primeira república. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). Brasil em perspectiva. 9a ed. Rio de Janeiro - São Paulo, Corpo e alma do Brasil - Difel, Junho de 1977. pp. 221-2.

<sup>21</sup> FRANCO, Afonso Arinos de Mello. História e teoria dos partidos políticos no Brasil. 2a ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1974, p. 55.

les, preferia chamar de "política dos Estados", tendo como característica básica o marcado federalismo e, por extensão, partidos nitidamente regionais.

Federalismo<sup>22</sup>, para os republicanos da época tratada, significava descentralização política e autonomia regional. Mesmo antes da proclamação da República os partidos republicanos, que estavam se formando, apregoavam a autonomia. Uma das primeiras deliberações do então nascente Partido Republicano Paulista, em 1872, rezava o seguinte:

"De acordo com as idéias democráticas e o regime federativo, conservaria, como até aqui, o Partido Republicano da Província de São Paulo sua independência e autonomia ante o centro estabelecido na Corte".<sup>23</sup>

Igualmente, na primeira reunião do Partido Republicano Mineiro, em 1888, proposta semelhante foi aprovada:

"Que se proclama, como consequência dos princípios republicanos, a autonomia do Partido Republicano da Província, dos partidos de outras Províncias, em tudo que for referente aos interesses da Pátria mineira, o que encerra a idéia de Federação".<sup>24</sup>

E novos partidos republicanos, com a constituição de 1891, proliferaram nos vários Estados de acordo com os interesses locais e mesmo com as dissensões no âmbito federal. Sem nenhum paradoxo, os dois partidos republicanos com maior

---

<sup>22</sup>Ver: FRANCO, Afonso Arinos de Mello. op. cit. p. 15.

<sup>23</sup>FRANCO, A.A. de Mello. op. cit. p. 58.

<sup>24</sup>Idem. p. 58.

força na política central e por extensão na "política dos Estados" eram os partidos Republicano Paulista - PRP - e Republicano Mineiro - PRM. Os dois Estados representavam o eixo central da economia nacional na época<sup>25</sup> (produtores de café, centros demográficos e geográficos do país).

No final do Estado Novo, coube ao Decreto-lei 7.586, de 28 de maio de 1945<sup>26</sup>, em seu artigo 110, parágrafo 1, tornar obrigatória a existência de partidos políticos em âmbito nacional. A lei preconiza a existência de dez mil eleitores em cinco ou mais Estados da República. O arranjo falseava a curto prazo a questão da regionalização dos partidos políticos, mas a longo prazo surtiu efeito, o que iria propiciar novo impasse no sistema partidário brasileiro:

"... Por um lado, os grandes partidos a nível federal penetravam em todos os estados da Federação, e, por outro lado, os partidos regionais cresciam a tal ponto no nível estadual, que este crescimento lhes permitia disputar eleições federais. Estes dois processos simultâneos indicam uma tendência extremamente importante do sistema partidário: a nacionalização da vida política.

Se nas primeiras eleições apenas alguns partidos foram capazes de competir com sucesso, com o passar do tempo, outras organizações, que inicialmente não tinham raízes localmente plantadas, passaram a penetrar no eleitorado se transformando em forças competitivas reais, chegando mesmo a haver casos de Estados em que os grandes partidos conservadores perderam seu monopólio\*.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Ibidem. p. 59.

<sup>26</sup> Ver: FRANCO, A.A. de Mello. op. cit. p. 80.

\* Os grifos são meus.

<sup>27</sup> BRASIL, Olavo. Partidos políticos brasileiros. 45 a 64. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983. pp. 102-4.

Do período da Constituinte de 46 até as eleições de 1962, tivemos uma possibilidade de evolução favorável à estruturação do sistema partidário, tanto com referência à identificação das siglas partidárias pelos eleitores quanto para a questão de penetração dos partidos políticos em termos geográficos. O risco de uma maior identificação do eleitorado com partidos políticos com propostas consideradas avançadas por parte da elite brasileira, acabaria gerando um impasse. Exatamente no período citado, a população brasileira estava pendendo mais para o setor urbano; aí o controle dos votos para as eleições majoritárias era dificultado. Lembro ainda que analfabeto não votava no país, fator prejudicial para a zona rural. Ocorria um descompasso entre o executivo e o legislativo, isto é, a tendência era termos partidos ditos progressistas para a época, no executivo, aglutinando-se no legislativo os partidos conservadores. Mesmo assim, no parlamento, os partidos de linha conservadora estavam perdendo cadeiras, abrindo fissuras para aprovação de leis com incipientes propostas de reformulação estrutural no país: algo impensável para os detentores do poder econômico e parte dos detentores do poder político. "Partidos sim, mas somente com nosso total controle."

O antipartidarismo das elites no Brasil repousa, desde sempre, como "norma vigorosa e assaz enraizada no pensamento político brasileiro"<sup>28</sup>, e está sempre pronto a despertar ao

---

<sup>28</sup> In: SOUZA, Maria do Carmo Campello de. Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964). São Paulo, Alfa-Omega, 1976. p. 30.

menor sinal perturbador.

Manifestou-se ele, em 1965, com o AI-2, ao acabar de uma só penada com o nosso sistema partidário, criando pseudopartidos para dar ao regime uma fachada "democrática"; posteriormente, quando o partido gerado para representar o papel de oposição enraizou-se entre o eleitorado, o governo novamente, em 1979, apontou uma reforma partidária. Não que se tenha maiores simpatias pelo bipartidarismo implantado no país em 65, mas esta é uma das faces da reforma partidária de 1979 que não se deve esquecer: a arbitrariedade.

Mas foi entre o golpe de 30 e o Estado Novo que o antipartidarismo entre as elites brasileiras despertou com veemência, principalmente com as influências da época, provenientes da Itália e da Alemanha, onde o fascismo e o nazismo suprimiram as atividades dos partidos que não os oficiais e aplastaram os sindicatos autênticos. Decorrente desse quadro, com princípios vindos da Itália, no Brasil a idéia de representação profissional ganhou simpatias em detrimento dos partidos políticos.<sup>29</sup>

Não só da Alemanha e da Itália vieram influências. As nossas elites, no período, se defrontavam com as "influências maléficas do ano vermelho" sobre a massa urbana do país (1922, fundação do Partido Comunista no Brasil), o que causava perplexidade e temor crescente aos dirigentes brasileiros.

---

<sup>29</sup>Ver: SOUZA, Maria do Carmo Campello de. op. cit. p. 65.

A República também trouxe em seu bojo o péssimo hábito das elites no Brasil de chamarem para intervir no processo político brasileiro, sempre que se julgam lesadas, as forças armadas. De tanto terem solicitado sua participação no processo, estas instituições acabaram criando uma autonomia inigualável e ao mesmo tempo a impressão de que a nação não sobrevive sem sua tutela. Portanto, determinam e são responsáveis pelos rumos do processo político.

Eduardo Prado, em 1923, demonstrou uma clarividência histórica ímpar ao escrever:

"Quem garante ao Brasil que a revolução de 15 de Novembro será a última? (...) Mas apesar do exército e da marinha, ou sobretudo graças a eles, talvez um dia nestas mesmas páginas um outro cronista (...) venha a contar aos eleitores da revista como se desfaz uma revolução no Brasil.

(...)

A política no Brasil está hoje reduzida à arte de adular com mais ou menos sucesso os militares.

É inútil que os brasileiros estejam alimentando ilusões pueris. Os partidos políticos, hoje, só poderão galgar o poder agarrados à cauda do cavalo de um general. (...)

A constituição doada pelo Sr. Deodoro, é inteiramente de sua própria autoridade, nenhum representante da nação foi ouvido. Quem garante a observação dessa lei que pode ser desfeita por quem a fez, sem que haja possibilidade de alguém impedir ou punir a sua violação por parte do soldado onipotente e irresponsável?

Tudo isto, pois, não passa de um bisantismo irrisório: todo o mundo sabe que dois regimentos na rua acabam com os plebiscitos, fazem evaporar qualquer governo e desaparecer num momento qualquer Assembléia".<sup>30</sup>

<sup>30</sup> PRADO, Eduardo. Fastos da ditadura militar no Brasil (1890). 5a ed., São Paulo, Livraria Magalhães, 1923. pp. 18-9 e 284-6. IN: SOUZA, Maria do Carmo Campello de. op. cit. p. 166, nota de número 19.

Atualidade inconteste.

Os militares são compactuados quer para promover períodos de exceção - vide o 1964 - quer para promover períodos constitucionais - como foi ultimato dos generais a Vargas em 18 de outubro de 1945. O pano de fundo não muda. Ameaça aos interesses imediatos das elites, quando estas percebem a possibilidade de perder o controle da situação política e quando as massas organizam-se e começam sua participação ativa na política do país. Atividade considerada pelas elites de domínio exclusivo delas.

Quiçá uma herança de praticamente quatro séculos de escravismo, onde o trabalhador assalariado ainda não é percebido como tal. Onde o liberalismo, como doutrina, é adaptado para esta realidade, onde a palavra povo assume ora caráter de identidade abstrata ora sinônimo de idiota necessariamente tutelado, portanto incapaz. Quando efetivamente se manifesta, deve ser aplastado como erva daninha que perturba a paz social. Suprema ousadia: determinar-se, eleger seus verdadeiros pares para qualquer representação. Impossível ! "O povo não se governa", deve ser "governado" por pessoas categorizadas; "não sabe o que quer", deve ser orientado por quem de direito o tutela.

Regionalismo, antipartidarismo, soluções militares para crises políticas, liberalismo capenga, incapaz de prerrogativa ou barganhas com as massas, foram fatores para a criação de um monstro com poderes quase que absolutos. Digo quase absolutos, pois é a partir desse quase que a sociedade civil se espreme, se contorce, tenta interferir e construir o seu destino.

As comunidades eclesiais de base, como atividade da Igreja; o município de Boa Esperança, no Espírito Santo, e o de Lages, são exemplos de iniciativas de cunho partidário e mostram possibilidades de organização do povo brasileiro.

## C A P Í T U L O   I I I

### 3. O MUNICÍPIO DE LAGES

#### 3.1. Informações básicas

Lages pertence à Associação dos Municípios da Região Serrana (AMURES), que abrange ainda os municípios de São Joaquim, Bom Retiro, Bom Jardim da Serra, Urubici, Alfredo Wagner, Ponte Alta, São José do Cerrito, Campô Belo do Sul, Anita Garibaldi, Correia Pinto e Octacílio Costa, a região está situada no planalto meridional, tendo como vegetação predominante os campos (daí a região ser também denominada de Campos de Lages), e a floresta de araucária.

O município, segundo o censo de 1980,<sup>1</sup> contava com uma população de 155.293 habitantes, dos quais 79,6% residindo na zona urbana (tabela nº 1). Até 1982, contava com 7 mil Km<sup>2</sup> de extensão territorial, dos quais 97% constituíam-se em zona rural. Atualmente a economia lageana está baseada na agricultura de pequena escala, indústria de laticínios e frigoríficos, serrarias e madeireiras. Até 10 de maio de 1982 contava também o município com duas grandes empresas de papel e celulose: Papel e Celulose Catarinense - situada no antigo distrito de Correia Pinto, que naquela data passou a ser municí-

---

<sup>1</sup> Fonte: IBGE. 1980.

pio - e OLINGRAFT\* - situada no antigo distrito de Otacílio Costa, também constituído município na mesma data. Observe-se que as duas empresas foram implantadas com capital externo ao município.<sup>2</sup>

Em 1984<sup>3</sup> Lages está com uma população de 142.089 habitantes, ocupa uma área de 5,5% do território catarinense e continua sendo o maior município do Estado, apesar de ter perdido 1.823 Km<sup>2</sup> de sua área com a emancipação dos distritos de Otacílio Costa e Correia Pinto\*\*.

### 3.2. Antecedentes históricos

Dois acontecimentos modificaram singularmente o município de Lages, neste século: a fixação do 2º Batalhão Rodoviário em 1934<sup>4</sup> e a vinda dos "gringos"<sup>5</sup> (italianos ou descen-

---

\* Atual Manville.

<sup>2</sup> IURA, Satomi. Lages e sua economia. 1978, (mimeografado), p.2.

<sup>3</sup> Informações cedidas pela Prefeitura Municipal de Lages, 1984.

\*\*Retornarei a essa questão no corpo do trabalho, pois o desmembramento dos municípios envolve questões político-partidárias.

<sup>4</sup> LENZI, C.A.S. Poder político e mudança social - Estudos sobre o poder político oligárquico no município de Lages - SC (tese de Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Direito, UFSC, Florianópolis, 1977. (mimeografado), p. 125.

<sup>5</sup> MARTENDAL, J.A.C. Processos produtivos e trabalho-educação. A incorporação do caboclo catarinense na indústria madeireira. Fundação Getúlio Vargas - Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de Administração de Sistemas Educacionais. Rio de Janeiro, 1980. (mimeografado), p.42.

dentes) provenientes principalmente do Rio Grande do Sul nas décadas de cinquenta(50) e sessenta(60). Até então, Lages dedicava-se primordialmente à pecuária extensiva.

A atual Lages foi fundada como Vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, em 1771, por paulistas à procura de gado nas coxilhas gaúchas. A movimentação de tropas do gado vacum, cavalari e muar do Rio Grande do Sul para São Paulo aumentou em intensidade e importância econômica com o início da exploração aurífera em Minas Gerais, pois havia a necessidade de transporte do ouro e também de sustento dos homens dedicados à exploração das minas. Para isso era necessário o domínio do território gaúcho por parte da coroa portuguesa. A conquista teve início com os lagunenses que preavam o gado no Rio Grande do Sul, transportavam-no de Laguna, via marítima, até São Vicente - São Paulo, de onde então era enviado para Minas Gerais.

No início do século XVIII ocorreu a descoberta do caminho do Morro dos Conventos. Esse novo trajeto, via terrestre, tornou mais rendoso o envio das tropas. Já atingia o chamado planalto de Lages, passando por Curitiba e dali para a feira de Sorocaba, em São Paulo. A rota persistiu até o século XIX, quando outro caminho foi traçado, na direção de Lages, através dos campos de Vacaria, não sendo a rota do Morro dos Conventos mais utilizada.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>SANTA CATARINA, Centro de Assistência Gerencial de. CEAG/SC. Evolução histórica - econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960). Florianópolis, CEAG/SC, 1980. pp. 51-2.

Originalmente, portanto, Lages foi fundada para tornar-se um entreposto das tropas provenientes do Rio Grande do Sul, através do Morro dos Conventos. Aos poucos a Vila Nossa Senhora dos Prazeres de Lages foi formando sua própria atividade econômica calcada na pecuária extensiva, propiciada não só pelo papel de entreposto que lhe fora dado, mas também por ter sua ocupação territorial baseada no regime de concessão de sesmaria. Assim tiveram origem as grandes fazendas nos campos de Lages possibilitando o surgimento de relações de trabalho bem diversas das existentes no litoral catarinense, onde a concessão de terras foi feita a partir de lotes medindo de 25 a 30 hectares, gerando uma economia de tipo camponesa - articulada com a pesca, em algumas regiões. No planalto lageano, ao contrário do camponês explorando a sua terra com força de trabalho familiar, temos as figuras do peão, do agregado, do vaqueiro, do almocreves e do bruaqueiro, em oposição à figura do fazendeiro, senhor das terras e da política local.

Além dos vínculos maiores existentes entre Lages, Curitiba e Rio Grande do Sul, por razões econômicas e de comunicação, outro motivo contribuiu para o aumento desse vínculo: o fato de Lages pertencer à província de São Paulo até 1820, quando passou para a jurisdição de Santa Catarina, o que gerou, a longo prazo, um dos motivos para a eclosão do Movimento do Contestado (1912-1915), afetando toda a região dos Campos de Lages.

Apesar de ter apenas seus campos explorados, até o início deste século, o planalto lageano apresentava um outro tipo de vegetação abundante: a floresta de araucária, conside-

rada até a década de 40 uma praga, pois atrapalhava a atividade pastoril. O pinhão, semente da araucária, serviria principalmente para a alimentação dos porcos. Foi com a migração, no primeiro quartel deste século, dos alemães (provenientes da região litorânea de Santa Catarina), mas primordialmente dos italianos originários das colônias do Rio Grande do Sul<sup>7</sup>, que os pinheirais - designação popular - passaram a ter importância econômica na região serrana e conseqüentemente no município de Lages.

Uma nova atividade econômica começa a mudar a face da velha Lages: as serrarias (produzindo madeira bruta) e as madeireiras (além de produzirem madeira bruta, podem beneficiá-las, bem como estocá-las)<sup>8</sup>, dirigidas pelos "gringos". A nova atividade retirou das fazendas a supremacia econômica e também desfêz o pólo aglutinador de força de trabalho que se fixava ao redor delas. As serrarias e madeireiras ofereciam uma nova modalidade de pagamento pela energia humana - o salário em moeda - não muito conhecida entre os trabalhadores das fazendas, tornando-se para estes uma novidade atraente. O fazendeiro, por sua vez, participa da nova atividade econômica vendendo seus pinheirais, primeiro os de melhor qualidade, posteriormente os pinheiros mais novos e com troncos finos.

Toda uma série de serviços paralelos estruturou-se para o pleno desenvolvimento da nova atividade econômica: meios

---

<sup>7</sup> MARTENDAL, op. cit. p. 33.

<sup>8</sup> MARTENDAL, op. cit. p. 42, nota 6.

de transporte, oficinas, pequenas fundições, borracharias, fábricas de carrocerias.<sup>9</sup> Segundo Martendal, "de 1950 a 1970, no vigor do ciclo da madeira, a cidade quadruplicou sua população de 20.000 para 80.000 habitantes".<sup>10</sup> Em grande parte, ainda segundo o mesmo autor, consequência do êxodo rural, este propiciado quer seja pela atração dos novos empregos nas cidades (gerados pelos serviços acessórios das madeireiras e serrarias, nas décadas de 50 a 70), quer seja, já na década de 70, pelo declínio das serrarias na região com o término da reserva de araucária, pela expulsão de muitos trabalhadores do campo para a cidade de Lages à procura de novas possibilidades de emprego.

Com a vinda maciça de novos contingentes populacionais para a cidade de Lages, mais bairros foram surgindo: Santa Helena, São Luiz, Centenário, Guarujá, Penha, Passa Fundo, Várzea,<sup>11</sup> todos apresentando características peculiares de bairros formados sem planejamento adequado: falta de saneamento, problemas habitacionais, educacionais etc.

A fixação no município, em 1934, do 2º Batalhão Rodoviário<sup>12</sup> (instituído em 1908 com a designação de 5º Batalhão de Engenharia, tendo como seu primeiro comandante o Marechal Rondon) foi outro ponto primordial para a cidade ganhar novo impulso. Com ele a população viu a possibilidade de uma op

<sup>9</sup> Idem, op. cit. p. 43.

<sup>10</sup> Idem, op. cit. p. 45.

<sup>11</sup> MARTENDAL, op. cit. p. 48.

<sup>12</sup> As informações específicas sobre o assunto foram retiradas de: LENZI, op. cit. pp. 125-8.

ção de emprego, pois efetivamente em 1951 o 2º Batalhão Rodoviário empregava cerca de 1.650 civis.

Dentre as obras efetuadas pela instituição militar citam-se: construção e asfaltamento da estrada federal de Lages a Rio Negro, infra-estrutura ferroviária naquele mesmo trecho (1950), reforma e retificação da estrada estadual entre Lages e Rio do Sul.

Em agosto de 1970 o 2º Batalhão Rodoviário foi transferido de Lages para Santarém, no Pará, provocando na cidade uma onda de desempregos.

Percebe-se que a saída do 2º Batalhão Rodoviário de Lages coincide com o período de decadência das serrarias e madeireiras, deixando no município, tais acontecimentos, profunda crise econômica e social.

Além dos problemas gerados no município pelo dois pontos enfocados acima, saliento que a cidade de Lages funciona como pólo de atração<sup>13</sup> de toda a região serrana. São trabalhadores que chegam à cidade tentando encontrar o impossível: melhores empregos e melhores condições de sobrevivência para si e sua família.

---

<sup>13</sup> IURA, Satomi. Lages e sua economia. 1978. (mimeografado), p. 2.

### 3.3. Antecedentes políticos<sup>14</sup>

Na vila Nossa Senhora dos Prazeres de Lages instalaram-se e prosperaram os remanescentes da família Ramos (o sobrenome é advindo do fato de um dos patriarcas da família - Laureano José Coelho - ter nascido em um domingo de Ramos), latifundiários prósperos, coronéis por obra e graça do imperador. Os Ramos subjugaram a vida política local desde os idos de 1850 até o ano de 1972.

O domínio do poder municipal nesse período dava-se quer através dos próprios componentes da família, quer através de pessoas ligadas à família com contratos de casamento e, mesmo quando a situação não permitia, por falta de disponibilidade de pessoal na família, através de correligionários.

Coube a um dos membros da família, Belisário Ramos, a fundação do primeiro partido em Santa Catarina em 1891, o Partido Republicano.

Apesar da existente dicotomia em termos geográficos, da falta de comunicação rodoviária mais eficiente e da diferenciação de estrutura social e econômica com o litoral, os Ramos paradoxalmente também dominavam o poder central estadual, onde revezavam-se com as famílias de importância política no litoral e Vale do Itajaí (os Konder, Vianna, Rupp, Bayer, Bornhausen). Talvez não tão paradoxal a situação, se pensarmos

---

<sup>14</sup>Informações a partir de: 1º) LENZI, op. cit. pp.84-103 e 2º) entrevistas feitas no decorrer do trabalho.

na ligação maior de Lages com o Rio Grande do Sul, Estado fiel da balança nos constantes alinhos e desalinhos dos outros dois Estados hegemônicos na política nacional: São Paulo e Minas Gerais.\*

As famílias do litoral e Vale do Itajaí estavam mais ligadas ao partido da União Democrática Nacional, enquanto aos Ramos coube a formação do Partido Social Democrático no Estado.

As cisões no âmbito interno da família Ramos darão, no entanto, um pano de fundo peculiar para o posterior desenrolar da política partidária em Lages. As brigas internas são iniciadas nos primórdios do século XX entre os irmãos Vidal de Oliveira Ramos (governador do Estado de Santa Catarina entre 1910-1914) e Belisário Ramos (domínio da prefeitura de Lages de 1902 a 1922) e ganham vulto com o rompimento irreduzível entre os primos Nereu Ramos (filho de Vidal de Oliveira Ramos) e Aristiliano Ramos (filho de Belisário Ramos).

Aristiliano Ramos governou o Estado entre 1932 e 1935, apoiando integralmente Getúlio Vargas; já Nereu Ramos apoiou os paulistas em 1932 e apesar desse comportamento conseguiu a interventoria do Estado de 1937 até 1945, através de influências na esfera federal. Não deu, portanto, possibilidade para que os sonhos de continuidade de seu primo se concretizassem. Durante o ano de 1945, Nereu Ramos organiza o PSD no Estado e Aristiliano Ramos, alijado do poder estadual, articula-se com a UDN e, com

---

\*Ver segundo capítulo do trabalho.

a interrupção da democracia representativa no Brasil e a decretação do ato institucional número dois (AI-2) em 27/10/65, apóia o Movimento Democrático Brasileiro em Lages, tendo como justificativa suas relações de compadrio no município\*.

Fatores como o crescimento populacional, urbanização, melhoria de serviços e transportes, contribuíram para a queda do prestígio dos coronéis em todo o país nas últimas duas décadas. Não só isso, entretanto; as transformações institucionais advindas com o "1964" deram sua contribuição decisiva para desencadear o processo de deteriorização do coronelismo em nosso país.

Assim expressa-se Cintra:

"... com a nova centralização operada na política brasileira após 1964, com o enfraquecimento do poder legislativo diante do executivo, com a supressão das eleições, exceto para os cargos de nível municipal ou para o poder legislativo, o coronelismo e as mediações políticas tradicionais viram secar muito da seiva que os nutria".<sup>15</sup>

O papel de intermediário exercido antes, entre os eleitores dos municípios do interior brasileiro e o futuro governador do Estado, pelos coronéis, perdeu muito de sua natureza, pois após 64 os futuros eleitos para o cargo político máximo do Estado serão ungidos de acordo com o prestígio e rela-

---

\* Entrevista dada por Aristiliano Ramos. Gravação em meu poder.

<sup>15</sup> CINTRA, Antônio Octávio. A política tradicional brasileira: uma interpretação das relações entre o centro e periferia. In: Cadernos DCP (Departamento de Ciência Política). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1, março de 1974. p. 100.

ções de força no topo da pirâmide e não mais na base. Inclusive, em alguns Estados brasileiros, o governo federal optou por ungir pessoas não identificadas com a política tradicional, tal foi o caso de Santa Catarina, onde o primeiro governador da leva "revolucionária" estava mais identificado com a tecnocracia. Aristiliano Ramos, em entrevista, reclama da pouca atenção desse governador para com o interior e o denomina com pouca cerimônia. Os dois governadores seguintes, se bem que eram de tradicionais famílias de políticos, não possuíam direta identificação com os coronéis, são de outra origem, do litoral.

A participação do número de estabelecimentos ligados ao setor da madeira no município lageano chega na década de 60, segundo o IBGE, a 64,5% do total de estabelecimentos industriais. Tal acontecimento gerou uma nova situação, não só em termos econômicos e sociais mas também políticos, pois possibilidades de uma nova elite surgiram, desvinculada dos hábitos e domínio anterior e com formas modernas de atuação. Também a situação posterior, na década de 70, com o início da decadência das serrarias e madeireiras, contribuiu com uma urbanização acelerada de Lages, mudando abruptamente sua população rural, que era de 67% na década de 60 e passa para 30% na década de 70 (ver tabela nº 1).

Com isso teremos duas consequências que alterarão a aparentemente modorrenta política lageana. Primeiro:

"... uma série de alterações sócio-políticas. A migração dos contingentes humanos que se ligaram à atividade madeireira, a fragmentação das fazendas, a industrialização - urbanização, tudo isso punha em cheque a hegemonia sócio-econômica e política da oligarquia latifundiária

ria tradicional..."<sup>16</sup>

Segundo: com a urbanização acelerada, o que antes era relativamente seguro tornou-se mais independente e passível de outras técnicas atualizadas para a nova situação: o voto.

Existem, com a urbanização, probabilidades de novas lideranças emergirem, calcadas em novas roupagens, uma nova relação entre eleitos e eleitores é delineada, os tipos de favores exigidos pela nova clientela é diferente das necessidades dos eleitores do interior. A coerção física torna-se mais difícil, dadas as maiores facilidades de divulgação e comunicação. Além disso, com o acesso a maiores informações, o eleitor tem mais possibilidades de escolha e inclusive de tornar ideológico o seu voto, sem maiores coações.

Cardoso e Lamounier nos dão elementos para tal assertiva no trecho seguinte:

"A crer nos dados (e por que não?), quanto mais urbanizado for o país, mais democrática será a opinião e mais independente das pressões do governo será o eleitorado".<sup>17</sup>

A família Ramos sofreu em Lages todos esses impactos, mas não esmoreceu de todo, como veremos posteriormente. Até a década de 60, o PSD (família Ramos) contaria quase que integralmente com os votos da zona rural lageana que, como se

<sup>16</sup>CEAG/SC. op. cit. p. 189.

<sup>17</sup>CARDOSO, F.H. e LAMOUNIER, Bolivar(coord). Os partidos e as eleições no Brasil. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. p. 11.

percebe na tabela nº 1, era a maioria da população. Ocorria exceção em dois distritos (Capão Alto e Paineira), onde existia uma relativa pressão do grupo udenista.

Já a UDN (para onde confluíram figuras da nova elite econômica) tinha seus votos concentrados dentro da cidade de Lages; nos bairros periféricos a divisão dos votos ficava entre o PTB e PSD, sendo que o PTB angariava os votos dos operários em sua grande maioria.

Com o bipartidarismo imposto ao país, a maior parte da família Ramos enquadra-se na Aliança Renovadora Nacional - ARENA, juntamente com as elites surgidas no apogeu da exploração da araucária; e os correligionários de Aristiliano Ramos, que antes pertenciam à UDN, passam a dar apoio ao MDB (seu sobrinho Laerte Ramos Vieira é um exemplo).

Após o AI-2, o PSD terá em Santa Catarina o último governador eleito pelo voto direto no país e em Lages o último prefeito da oligarquia será Aureo Vidal Ramos. Em 1972 já temos o MDB no governo municipal, na figura de Juarez Furtado. Com esse resultado, inicia-se o declínio político da família Ramos em Lages.

TABELA Nº 1  
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE LAGES

|           | 1980    | 1970    | 1960    | 1950   |
|-----------|---------|---------|---------|--------|
| urbana    | 123.616 | 89.494  | 34.761  | 14.134 |
| rural     | 31.677  | 39.234  | 81.014  | 59.897 |
| suburbana | -       | -       | 5.146   | 3.203  |
| TOTAL     | 155.293 | 128.728 | 120.821 | 77.234 |

FONTE: IBGE

## C A P Í T U L O   I V

### 4. ORIGEM DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO - MDB - EM LAGES

#### 4.1. A constituição do partido e sua participação nas primeiras eleições em Lages

Trabalhar com a instituição partido político significa tentar decifrar um mistério, destravar portas de uma comunidade fechada onde se podem encontrar fatos banais mas também segredos vetados para os não participantes da comunidade e mesmo para o não iniciado. Além disso, o investigador depara-se com a dificuldade menos teórica mas não menos intrigante de estudar por um lado a prática política formal de um partido político expressa nas atas, discursos dos parlamentares, entrevistas com os militantes, estatuto e programa do partido, e por outro, a "política dos miúdos", no dizer de Teotônio Vilela, isto é, o relacionamento cotidiano dos participantes do partido político com seu eleitorado em potencial, ou o que Sartori denomina a prática da "política invisível"<sup>1</sup>, seria a política "sans phrase" ocorrida intrapartido, onde se percebem os componentes do partido atuando sem as máscaras sociais necessárias na política formal, sem as amarras da "politesse" ou da

---

<sup>1</sup> SARTORI, G. Partidos y sistemas de partidos. Marco para un análisis. Madrid, Alianza Editorial, 1980, Vol. I, p. 133.

legislação vigente. Entre as duas práticas (formal/informal) existe uma dimensão muito complexa e cheia de labirintos. Confrontá-las torna-se temeroso e melindroso para quem pretende estudar partidos políticos.

Para os próprios atores dos partidos é difícil coordenar esta articulação. A engrenagem intra e entre partidos exige, muitas vezes, um comportamento que talvez fira a proposta política do participante; os pactos, os imprevistos aos partidos, os interesses de outros participantes, o comportamento irregular das bases sociais do partido condicionadas por certas práticas e mesmo ditadas por sua própria especificidade colocam em xeque frequentemente a coerência do político, pois a determinação da coerência pode significar a perda de um mandato ou mesmo a perda de uma prefeitura.

Enfim, quero expressar a preocupação do pesquisador em trabalhar satisfatoriamente com todas essas variáveis.

Não fosse somente isso, ainda se tem, como já fiz referência no capítulo anterior\*, a particularidade de estudar partidos políticos no Brasil, o que significa dizer: trabalhar com um "objeto não (muito) identificável".

Às vezes depara-se com documentos, outras não. Em determinada ocasião os documentos estão com uma pessoa indicada, outras não; após peregrinações e peregrinações encontramos os documentos na sede do partido. Mas não todos. O Cartório E-

---

\*Ver nota nº 16.

leitoral local nos remete para o Tribunal Regional Eleitoral na Capital. O da Capital não tem certeza de ter os dados preciosamente necessitados.

Enfim, tal qual um mosaico, consegue-se articular o trabalho. Aí, no exato momento, ocorre uma reformulação partidária. Por coincidência, é a partir de uma reformulação partidária que o Movimento Democrático Brasileiro surge no cenário da conturbada política nacional.

Em Lages, a primeira reunião para formar a comissão diretora municipal do partido ocorre quatro meses após a Aliança Renovadora Nacional - ARENA - e o Movimento Democrático Brasileiro - MDB - passarem a ter existência legal (15 de março de 1966) em 18 de julho de 1966. Antes foram feitas algumas reuniões preparatórias em casas esparsas. Na mesma data foi eleito o gabinete executivo municipal estando presentes dois deputados estaduais do partido eleitos pela região serrana (Evilásio Caon e Ladir Cherubini - o primeiro originário do PTB e o segundo da UDN); estavam como delegados coordenadores.

Faziam parte da citada comissão vinte e cinco pessoas, todas do sexo masculino. Interessante salientar que o MDB em Lages foi formado por contingentes oriundos principalmente do PTB (segundo a tendência nacional), e contingentes da UDN; apenas uma pessoa era oriunda do PSD, ao contrário da tendência nacional.

Benevides assinala, em seu livro sobre a UDN, que este partido seria, em 1965, a primeira força do Bloco Parla -

mentar Revolucionário.<sup>2</sup>

David Fleischer (1979),<sup>3</sup> através de pesquisa, consta que entre 1966 e 1967, dentre os noventa e quatro deputados da UDN na Câmara Federal, oitenta e quatro foram para a ARENA.

TABELA Nº 2

ORIGEM PARTIDÁRIA DOS PRIMEIROS FUNDADORES DO MDB EM LAGES

| PARTIDO        | Nº DE PESSOAS | %           |
|----------------|---------------|-------------|
| PTB            | 10            | 40%         |
| UDN            | 09            | 36%         |
| PSD            | 01            | 4%          |
| PSP            | 01            | 4%          |
| Sem informação | 04            | 16%         |
| <b>TOTAL</b>   | <b>25</b>     | <b>100%</b> |

FONTE: Entrevista feita em 11/02/82.

Tal tendência reflete as dissensões no meio político-partidário do município, onde o PSD era o partido da parte predominante na política local e estadual da família Ramos, que

<sup>2</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. p. 231.

<sup>3</sup> Citado por: KINZO, Maria D'alva. Novos partidos: o início do debate. p. 221. In: LAMOUNIER, Bolivar (Org.). Voto de desconfiança. Eleições e mudanças políticas no Brasil. 1970 a 1979. Rio de Janeiro, Vozes, Cebrap, 1980.

iria aderir em bloco à ARENA. A parcela minoritária da família, pertencente à UDN, com poucas influências já na política local, deu apoio ao MDB. Ocorre uma exceção por parte de dois componentes da ala majoritária da família Ramos em Lages, a ser discutida no próximo capítulo.

O primeiro presidente do gabinete executivo municipal do MDB foi Domingos Valente Júnior - PTB - e o vice Celso Anderson de Souza - UDN -, sendo secretário geral Felisberto Odilon Córdova - PSD -. A distribuição dos cargos para a primeira executiva do partido denota uma composição estratégica em relação ao antigo quadro partidário.

Um ponto importante a salientar é o tipo de profissão exercida pelos primeiros fundadores do partido.

Como se depreende da tabela nº 3, a maioria dos primeiros fundadores do Movimento Democrático Brasileiro em Lages eram profissionais liberais.

TABELA Nº 3

## PROFISSÃO DOS PRIMEIROS FUNDADORES DO MDB EM LAGES

| PROFISSÕES              | Nº DE PESSOAS | %           |
|-------------------------|---------------|-------------|
| serventuário de justiça | 01            | 4%          |
| industrial              | 03            | 12%         |
| motorista               | 02            | 8%          |
| economista              | 02            | 8%          |
| radialista              | 01            | 4%          |
| médico                  | 02            | 8%          |
| agrônomo                | 01            | 4%          |
| advogado                | 02            | 8%          |
| protético               | 01            | 4%          |
| pecuarista              | 01            | 4%          |
| comerciante             | 04            | 16%         |
| farmacêutico            | 01            | 1%          |
| contabilista            | 01            | 4%          |
| escriturário            | 01            | 4%          |
| engenheiro              | 01            | 4%          |
| auxiliar de justiça     | 01            | 4%          |
| <b>TOTAL</b>            | <b>25</b>     | <b>100%</b> |

FONTE: Arquivo do partido do Movimento Democrático Brasileiro de Lages. Ata de 18/07/1966.

Este fato dificultava a ação repressora do período. Inclusive, é de se fazer notar a presença de industriais, os quais também seriam menos sujeitos a pressões diretas do regime.

Segundo um entrevistado (28-10-82), participante da organização do partido em Lages, essa formação foi difícil: dada a situação da época, muitos temiam perseguições. Suas palavras a respeito da filiação partidária refletem o clima vigente no período: "Foi um castigo, alegavam que não iam dar os nomes, podia ocorrer fiscalização".

O atual deputado estadual pelo PMDB Francisco de Assis Küster, trabalhando em 1969 no 2º Batalhão Rodoviário, fala do "clima ruim e a impossível convivência" com o emprego a partir do momento em que passou a militar no MDB e candidatou-se por esse partido em 1969.

O então deputado estadual Evilásio Caon viria a ser cassado posteriormente.

Outro fato é a participação de todos os primeiros fundadores do partido no sistema partidário existente anteriormente ao AI-2, indicando uma não renovação nos atores do então nascente partido, pelo menos até as duas primeiras eleições em que o MDB de Lages participou. Fato normal dado o contexto. O MDB no município lageano estaria seguindo a tendência nacional. Por outro lado, nas eleições de 1969 e 1972 (períodos ainda de obscuridade) o MDB de Lages apresentou participantes novos, que se configurariam como lideranças.

Em 13 de outubro de 1966, três meses após a primeira reunião formal do partido, foi realizada uma segunda reunião para indicação e aprovação dos candidatos à vereança municipal. Os critérios para indicação dos candidatos foram: "ordem, disciplina e respeito partidário". Entre os escolhidos, a grande maioria pertencia ao comércio (proprietários de) mas também figura na lista a indicação de dois médicos. Deve-se observar o aparecimento do nome de Juárez Rogério Furtado\* na transcrição da ata referente a essa reunião, em um adendo, indicando-o para a Câmara Municipal.

Para essas eleições de 1966,<sup>4</sup> o MDB concorreu com nove candidatos, recebendo 6.791 votos, elegendo quatro vereadores. A ARENA concorreu com dezoito candidatos e elegeu nove; recebeu 13.596 votos. Portanto o MDB conseguiu apenas a metade dos votos dados à ARENA.

---

\*Juárez Rogério Furtado seria o primeiro prefeito de Lages do MDB e figura polarizadora de uma das alas do partido.

<sup>4</sup>Fonte: TRE/SC.

Os vereadores eleitos pelo MDB para a Câmara Municipal foram: Celso Anderson de Souza (vice-presidente do Partido), com 2.503 votos, o mais votado; Nilton Bento Pinheiro; Batista Luzardo Muniz (atual vice-presidente do PMDB, eleito em 1984); e Juarez Rogério Furtado com 648 votos, o menos votado dos eleitos. Nesta relação para a vereança municipal já aparecem dois nomes que iriam marcar presença na futura vida do MDB: o médico Celso Anderson de Souza e o advogado Juarez Rogério Furtado, conforme tratarei no item 5.3.

Somente em 18 de março de 1968 ocorre uma nova reunião formal do MDB, tendo como objetivo a eleição do novo diretório municipal. Foi eleito para presidente o engenheiro Wolfgang Koblitchack, cujo critério de eleição foi o fato de ter recém-ingressado no partido e a "necessidade de renovação do quadro diretivo"\*. Para a vice-presidência do partido foi eleito o vereador Juarez Furtado. Fazendo parte do diretório municipal aparece o industrial e comerciante James Gilson Berlin, que, com a reforma partidária de 1979, ingressaria no Partido Popular e com a fusão deste com o PMDB disputaria em 1982, junto com Juarez Furtado, na sigla do PMDB, a prefeitura de Lages.

No mesmo ano de 68, em 17 de maio, ocorre uma reunião (já na primeira sede do MDB), motivada pela demissão do presidente da executiva (Wolfgang Koblitchack) e a necessidade de uma nova eleição. Foi então eleito o economista Luiz Benja-

---

\*Argumento defendido pela então deputado estadual Evilásio Caon. Ata de 18 de março de 1968.

mim Pereira que permaneceria na presidência do partido até março de 1974. Luiz Benjamim Pereira era oriundo do PTB e em 1979 se filiaria ao Partido dos Trabalhadores. Através das atas percebe-se, por parte deste militante do partido, um discurso mais ideológico e menos pragmático.

Também foi confirmado, na mesma reunião, Juarez Furtado na vice-presidência da executiva, cargo que ocuparia até janeiro de 1972.

Um mês antes da eleição para a prefeitura municipal, no dia 11 de outubro de 1968, é realizada a reunião, obrigatória por lei, para indicação dos candidatos a prefeito. O partido decidiu pela participação de três sublegendas. Antes dessa reunião, ocorrera uma outra no mês de setembro (28-09-68), com o propósito de discutir critérios para indicação de nomes ao próximo pleito. Foi sugerido o nome de Evilásio Nery Caon, que, segundo argumento, teria "faixa eleitoral que não poderia ser desprezada". Evilásio Caon declinou da indicação: "Como deputado, líder na Assembléia, sem modéstia, é uma das peças da mecânica emedebista em Santa Catarina, sendo que sua indicação à prefeitura municipal esvaziaria os princípios e interesses superiores do partido" (como consta na ata). Em aparte o vereador Batista Luzardo Muniz esclareceu que "a faixa eleitoral daquele (Caon) seria absorvida pelo vereador Juarez Furtado".

Depois da negativa do então deputado estadual Evilásio Nery Caon foram definidos os seguintes nomes para concorrer ao pleito municipal: Pe. José da Silva Moreira e Oscar Steffen com 12 votos; Evilásio Nery Caon e Juarez Furtado com 21 votos; Álvaro Ramos Vieira e Celso Anderson de Souza com 10

votos, totalizando 44 votantes.

A eleição de 15 de novembro de 1968 para a prefeitura de Lages apresentou os seguintes resultados:<sup>5</sup> Pe. José da Silva Moreira, 2.836 votos; Álvaro Ramos Vieira, 4.176 votos e Evilásio Caon, 5.900 votos, com um total de 12.912 votos para os três candidatos do MDB.

A ARENA concorre ao pleito com apenas um candidato, Áureo Vidal Ramos, prefeito de Lages desde 1965. Ele sozinho recebeu 14.000 votos. A ARENA saiu vencedora na eleição de 1968 com uma diferença de 1.088 votos.

O MDB, na eleição de 1968, jogou com sua estrela máxima na época, Evilásio Caon, angariando os votos do antigo PTB, e para colher os votos da antiga UDN lançou Álvaro Ramos Vieira, pertencente à ala minoritária da família Ramos na política catarinense, ambos encabeçando duas das três sublegendas que concorreram à prefeitura.

Em 1969, ARENA e MDB defrontaram-se novamente para a renovação da Câmara Municipal. Os resultados finais não demonstram avanço significativo para o então partido de oposição, que recebe novamente metade dos votos<sup>6</sup> (8.115) dados para a ARENA (16.098), concorrendo com maior número de candidatos (16) em relação às eleições de 1966. A ARENA concorreria com 18 candidatos, igual número de 1966.

---

<sup>5</sup>Fonte: TRE/SC.

<sup>6</sup>Fonte: TRE/SC.

A mudança significativa ocorreria no quadro interno do partido. Juarez Furtado, que nas eleições de 1966 foi o último classificado para a Câmara Municipal (648 votos), reverte a situação e passa para o primeiro lugar (1.878 votos). Em segundo lugar ficou Clito Zappellini Neto, médico, originário das fileiras do PTB, presidente do partido de março de 1974 a maio de 1975, sendo também um dos filiados fundadores do partido. Clito e Juarez posteriormente entrariam em conflito, ocasionando "râchas" internos no partido.

Outro destaque a ser feito foi a eleição de Francisco de Assis Küster, em última classificação, para vereador. Político que anos depois seria um dos expoentes do partido como deputado estadual, Küster é conhecido pela sua autenticidade na defesa dos objetivos do partido, sempre presente nas manifestações populares ocorridas na Capital.

Para as eleições de 1970 o MDB, em Lages, lançou para deputado estadual Juarez Furtado e para deputado federal Luiz Benjamim Pereira, tendo como critério para indicação do último "sua identificação com a causa partidária e com o eleitorado". Concorria, também, para deputado federal, pela sigla do MDB, Laerte Ramos Vieira, proveniente das fileiras da UDN e irmão de Álvaro Ramos Vieira, um dos postulantes ao cargo de prefeito, pelo MDB, em 1968.

São eleitos <sup>7</sup> Juarez Furtado e Laerte Ramos Vieira pela região serrana. Luiz Benjamim Pereira, no município de La-

---

<sup>7</sup>Fonte: TRE/SC.

ges, obtêm 4.251 votos de um total de 9.852 votos conseguidos. Laerte Ramos Vieira no município consegue apenas 3.974 votos de um total de 29.852 obtidos em todo o Estado.

Juarez Furtado com 8.637 votos terá a 5<sup>a</sup> cadeira das 11 que o MDB conseguiu para a Assembléia Legislativa. A ARENA conseguiria 26 cadeiras.

De acordo com um entrevistado, Juarez Furtado foi o herdeiro dos votos de Evilário Nery Caon que, cassado pelo regime em 13 de março de 1969, foi suprimido da vida político-partidária. Evilásio Nery Caon, em entrevista de 29 de junho de 1981 à investigadora, diria o seguinte: "Fui eu que convidei o Juarez para participar do MDB. O que o Juarez e o Dirceu falam é o que o PTB falava".

O ano de 1972 será decisivo para o partido em Lages.

A convenção realizada em agosto no salão nobre, superlotado, da Fundação Universitária do Planalto Catarinense<sup>8</sup> indicou duas sublegendas para concorrer ao pleito municipal. Juarez Furtado e Dirceu José Carneiro como candidatos a prefeito e vice-prefeito, respectivamente. Na segunda sublegenda saiu para prefeito Laerte Ramos Vieira e Clito Zappelini Neto para vice-prefeito. Dentre os quatro disputantes, uma figura sem vinculação anterior com os partidos extintos com o AI-2: Dirceu José Carneiro.

---

<sup>8</sup>In: Jornal: "Correio Lageano", Lages, 29 de agosto de 1972.

Na convenção da ARENA realizada no dia 24 do mês de agosto, poucos dias antes da do MDB, foram tiradas, também, duas sublegendas: para prefeito Nilton Borges da Costa e João D'Ávila Vieira para vice; na outra saiu Remi Goulart para prefeito e João Argon Preto de Oliveira para vice-prefeito. Entretanto, apenas a primeira sublegenda concorreu às eleições.

#### 4.2. A questão financeira do partido: 1966 - 1972

Nas atas do partido, no período referido, a questão financeira é tocada em duas datas. A primeira, em 5 de novembro de 1969, registra o orçamento da campanha (eleição de 30 de novembro para Câmara dos Vereadores), na quantia de Cr\$ 23.000,00 provenientes de doações de contribuintes. Na segunda, em 19 de março de 1972, é sugerida a confecção de carnê visando a uma contribuição mensal para cada dirigente do partido. Na mesma ata, aparecem nomes de doadores (todos militantes da cúpula partidária) de móveis para a primeira sede do partido.

O atual deputado e tesoureiro do partido em Lages (março de 74 a julho de 75), Francisco de Assis Küster, em entrevista concedida em 16 de junho de 1982, lembra que "contribuição sistemática não ocorria; ocorriam, sim, contribuições esporádicas ou rateios entre amigos" e acrescenta ainda que "o então deputado Evilásio Caon contribuía bastante em dinheiro, também pessoas não filiadas ao partido contribuían (pessoal do comércio)".

O professor Mário Gonçalves da Silva, também tesoureiro do partido de março de 1968 a agosto de 1969, depôs o seguinte (entrevista concedida em 28 de novembro de 1982): "A princípio havia uma cobrança de mensalidade do pessoal do diretório (Cr\$ 10,00), alguns davam mais; às vezes as despesas eram pagas por um só (Evilávio Nery Caon ou Luiz Benjamim Pereira). Algumas firmas simpatizantes do partido contribuïam quando o partido ia pedir". E concluiu que "nem hoje tem sistemática de cobrança".

Juarez Furtado, em entrevista de 31 de maio de 1984, perguntado sobre a sobrevivência do MDB em Lages em termos financeiros, respondeu: "O MDB sobrevivia em Lages da forma como sobrevivem os partidos políticos, ou seja: contribuições de seus filiados ou não; verba ainda que irrisória, destinada pela Justiça Eleitoral, e a participação de quantos colaboravam espontaneamente".

Quanto à campanha para as eleições respondeu: "Não apenas em Lages mas no Brasil inteiro, ao que parece, a campanha dos candidatos é feita substancialmente, com recursos próprios. Os partidos participam muito pouco".

Küster, na mesma entrevista (16 de junho de 1982) relembra sua primeira campanha política em 1969: foi feita de bicicleta e ele próprio imprimiu apenas mil folhetins.

Com referência às campanhas, o professor Mário Gonçalves da Silva afirmou: "As firmas simpatizantes contribuïam com carros, os postos de abastecimento e muitos simpatizantes ofereciam gasolina; os restaurantes serviam comidas mais bara-

tas ou gratuitamente. Mas em sua grande maioria o candidato desembolsava".

Na questão financeira o MDB em Lages caracterizou-se, no período, como um autêntico partido de quadros: colaboração de simpatizantes ou parlamentares do partido.

As tentativas de sistematização das contribuições - quando feitas - visavam atingir apenas a cúpula partidária e não todos os filiados, o que seria uma maneira de democratizar o acesso às decisões do partido e uma nova forma de participação, além do voto, para os filiados.

Há que se salientar o contexto autoritário da época, que poderia impedir iniciativas desta ordem.

As campanhas eleitorais obedeciam estritamente à tradição partidária do país - o candidato, financiando sua própria campanha, cria um círculo vicioso difícil de romper, o "quem pode mais, leva mais" nas eleições; ao mesmo tempo, cria bolsões dentro do partido, dificultando a renovação dos atores que dominam no partido. Há exceções, claro, sendo elas capengas e muitas vezes inibidoras de vôos mais ousados, pois o candidato sem recursos deve se apoiar em outro candidato mais poderoso, e com este apoio teme desvincular-se, sob pena de morrer politicamente.

Uma ressalva deve ser feita: para vitória de um candidato o aspecto financeiro não é uma variável independente. Colaboram outras variáveis concomitantes: domínio de alguns órgãos de apoio do partido, o domínio de uma prefeitura ou mesmo a propriedade de algum escritório com possibilidade de pres-

tar serviços à clientela do partido. Escritório de advocacia, por exemplo. No MDB de Lages, este contexto é típico. Evilásio Nery Caon era advogado; Juarez Furtado também, com escritório montado juntamente com seus irmãos, o que lhe possibilitava contatos permanentes com suas "bases", mesmo quando ausente (deputado estadual e federal).

#### 4.3. Personalidades partidárias. Considerações sobre o período de 1966 a 1972

Até o início de 1972, as atas do partido registram reuniões com objetivos estritamente formais: seleção e homologação dos candidatos para as eleições; indicação e votação do diretório e executiva municipal do partido. Há uma exceção em 1968, quando da renúncia do engenheiro Wolfgang Koblitchack de seu cargo de presidente do partido, ocorrendo três reuniões para a formalização de nova eleição, que acabou sendo feita em uma churrascaria, apesar de o partido já ter sua sede. Nesses sete anos de existência do partido constam vinte e duas atas registradas, desde sua fundação até o final de 1972. Ressalte-se que, para eleições do diretório e executiva municipal, foram apresentadas sempre chapas únicas. Apesar da diversidade da origem partidária anterior ao bipartidarismo, foi conseguido um equilíbrio através de composição. Esse equilíbrio de certa forma também está refletido na escolha dos candidatos para as eleições. À medida que um ia crescendo eleitoralmente, outros galgavam novos postos ou foram suprimidos pelos acontecimentos do contexto autoritário.

Até 1972 não coincidiu de um candidato "forte", digamos assim, imiscuir-se no terreno de outro.

Evilásio Nery Caon foi cassado quando deputado estadual, abrindo possibilidade para Juarez Furtado candidatar-se ao cargo em 1970. Por sua vez, Francisco Küster teve chance de expandir-se e surgir como outro expoente do partido na Câmara dos Vereadores.

Pelos documentos e algumas entrevistas, percebe-se até 1972 uma preocupação do MDB de Lages apenas com as eleições, uma característica básica do conceito de partido político em Giovanni Sartori.

O novo partido herdaria os eleitores do antigo sistema partidário através de políticos de expressão como Evilásio Nery Caon, embora alguns atores ampliassem aos poucos essa herança, tal o caso de Juarez Furtado e Francisco de Assis Küster.

Entre os primeiros militantes do partido (não são os 25 fundadores, mas inclusive os filiados de primeira hora) podemos identificar subgrupos, principalmente em função de suas raízes partidárias anteriores. Temos os udenistas ferrenhos que entraram para o MDB para lutar contra os tradicionais pessedistas que foram para a ARENA. Outro subgrupo era formado pelos oriundos do PTB ou sem vinculação partidária anterior ao AI-2 que lutavam contra a situação instaurada pela chamada "revolução de 64". Ainda havia outro subgrupo, denominado "popular" entre seus pares, cuja atuação no partido visava ou visa à obtenção do voto, exclusivamente. Seriam os que teriam ou têm uma prática política-partidário pragmática. Este subgrupo esta

ria centrado em uma figura com tradição pessedista.

Nos vários subgrupos vamos encontrar já o delineamento da ação dos políticos que nos períodos posteriores iriam caracterizar e dar forma ao MDB em Lages: Juarez Rogério Furtado, Francisco de Assis Küster, Dirceu José Carneiro e Celso Anderson de Souza.

Nascido em 1º de abril de 1938 em Lages, Juarez Rogério Furtado, técnico em contabilidade, formou-se bacharel em advocacia em 1964 pela Universidade Católica do Paraná.<sup>9</sup>

Sua ligação partidária anterior ao AI-2 era com o PSD. Seu pai fora vereador por esta sigla representando a região de São José dos Cerritos, antigo Distrito de Lages (entrevista em 30-06-81). O mesmo informante assinala que Juarez, não encontrando campo dentro da ARENA, uniu-se ao MDB, apesar das ligações do pai com o grupo do PSD que foi para a ARENA. Continuando, o entrevistado afirma ser Juarez Furtado "um rapaz de contato", "muita ligação com o povo" dada sua condição de advogado trabalhista.

No partido em Lages, exerceria a vice-presidência de março de 1968 a janeiro de 1972. Em janeiro de 1980 é indicado para a presidência da "comissão provisória do PMDB".

Foi vereador de 1966 a 1970 (líder da bancada em todo este período); eleito deputado estadual em 1970, sagrou-se vitorioso nas eleições de 1972 para a prefeitura lageana. Em

---

<sup>9</sup>Fonte: "Jornal do Juarez". Publicação de responsabilidade do Deputado Juarez Furtado. 1982.

1978 é eleito deputado federal e em 1982 é derrotado para prefeito, na sigla do PMDB. Atualmente exerce a advocacia em Lages e diz ter como objetivo (entrevista de 31 de maio de 1984) "o governo do Estado, para podermos continuar prestando serviço ao povo e ao partido".

No partido a nível municipal é delegado à convenção regional e no Diretório Estadual é membro da Executiva.

Em jornal publicado sob sua responsabilidade, para a campanha eleitoral de 1982, é classificado como "político hábil, carismático, executivo dinâmico e incansável, polêmico e corajoso, Juarez Furtado é líder por vocação\*". Corroborando as palavras grifadas, são enumerados, no mesmo jornal, vários títulos recebidos. Cito um: "O Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários de Lages, em 1977, reconhecendo o trabalho do ex-prefeito Juarez Furtado, outorgou-lhe o título 'Pai do Motorista'".<sup>10</sup>

Perguntado (entrevista de 31 de maio de 1984), por que sua opção pelo MDB e posteriormente pelo PMDB, respondeu: "A escolha do MDB que veio a ser PMDB depois, foi por discordar, desde o início, da ditadura (1964), governo que ainda hoje dirige os destinos da nação".

Partido, para ele, significa "a trincheira dentro da qual podemos nos abrir para lutar em favor de idéias, ideais e direito do povo a ser representado ou defendido" (entrevista

---

\* Os grifos são meus.

<sup>10</sup>In: "Jornal do Juarez". p. 2.

em 31 de maio de 1984).

E o papel dos partidos políticos em uma sociedade é "representar os anseios dessa sociedade e lutar para conquistar as realizações que fomentam esses anseios".

Votação recebida por Juarez Furtado no decorrer de sua vida político-partidária:<sup>11</sup>

| ANO    | CARGO             | Nº DE VOTOS |
|--------|-------------------|-------------|
| 1966   | vereador          | 648         |
| 1968*  | vice-prefeito     | -           |
| 1969   | vereador          | 1.878       |
| 1970   | deputado estadual | 18.637      |
| 1972   | prefeito          | 13.445      |
| 1978   | deputado federal  | 38.898      |
| 1982** | prefeito          | 25.843      |

Com exceção da senatoria e vice-prefeitura, Juarez Furtado ocupou todos os cargos eleitorais permitidos pelo contexto político-institucional do bipartidarismo, caracterizando, em termos formais, uma carreira política bem estruturada, galgada posto a posto, sem ascensão fulminante e uma prática política determinada pela experiência no legislativo e executivo.

Juarez Furtado é considerado da ala "popular" do

<sup>11</sup> Fonte: TRE/SC

\* Em 1968, concorre para vice-prefeito na sublegenda de Evilásio Nery Caon. O MDB é derrotado.

\*\*Derrotado por Paulo Duarte, que concorreu pelo PDS.

partido.

Francisco de Assis Küster pertenceria, no jargão atual, ao grupo "autêntico" do partido. Um filiado de "primeira hora" do MDB em Lages, sofreria pressões. Seu pai, inclusive, não acatou bem sua decisão pró-MDB. Declarou-se petebista do coração antes de 65 (entrevista de 16 de junho de 1982).

Seu pai, de acordo com um entrevistado (25 de julho de 1981), teve vinculações com a UDN.

Aristiliano Ramos, chefe udenista em Lages, perguntado em uma entrevista em quem votou para deputado estadual, respondeu: "Votei num nome aí, Francisco Küster aqui do Cerri<sup>to</sup>; o pai e avô dele foram meus companheiros. Nem sei, nem conheço, não sei se formado ou analfabeto, votei pela lembrança. O avô e pai eram meus chefes políticos nisso aí".

Nascido em 1944, filho de operário (carpinteiro), Küster começou a trabalhar aos onze anos no 2º Batalhão Rodoviário, sediado na época em Lages; dos dezessete aos vinte cinco anos trabalhou na cooperativa do Batalhão. Concluiu o primário aos quinze.

No partido exerceu o cargo de tesoureiro de março de 1974 a julho de 1975 e presidente no período de agosto de 1979 a janeiro de 1980. O último presidente do MDB em Lages.

Com a eleição de Juarez Furtado para a prefeitura em Lages, ocupou o espaço político deste, elegendo-se deputa

do estadual em 1974.

Participação em eleições:<sup>12</sup>

| ANO  | CARGO  | Nº DE VOTOS |
|------|--|-------------|
| 1969 | vereador   | 468         |
| 1972 | vereador   | 1.574       |
| 1974 | deputado estadual  | 13.305      |
| 1976 | candidato à prefeitura de Lages                                  | 1.231       |
| 1978 | deputado estadual  | 18.746      |
| 1982 | após hesitação, aceita ser candidato a prefeito; eleito dep.est. | 31.753      |
| 1984 | eleito líder da bancada do PMDB na Assembléia Legislativa        |             |

Sobre o papel do partido político em uma sociedade, opinou (entrevista em 20 de janeiro de 1984) que "deve ser progressista e democrático, onde o povo deve fazer o seu caminho. Em um partido político deve ocorrer uma identidade teórica e ideológica e exercida na prática". Em sua perspectiva não há tradição partidária no país, conseqüentemente não há partido político no Brasil; a existência do partido político implica em um programa ideológico seguido por seus militantes. Continuando, acha que "o partido político deve fazer parte do Governo" (estava se referindo ao Brasil). Perguntado por que não ocorre, respondeu: "os governantes arbitram em nome do povo".

Em entrevista concedida em 28 de fevereiro de 1984,

---

<sup>12</sup>Fonte: TRE/SC.

Dirceu José Carneiro relatou o seguinte de sua vida: nasceu em Mattos Costa - Porto União - em 1945; aos oito anos foi para Campos Novos. Sua família tem cento e oitenta anos de Santa Catarina dedicados à atividade agrícola. O pai nunca teve participação efetiva na política, o avô paterno foi vereador em Porto União, o avô materno foi membro do Conselho em Curitiba. Sua formação escolar foi: ginásio em Caçador, científico em Lages (enquanto trabalhava no Banco do Brasil) e faculdade de Arquitetura no Rio Grande do Sul.

Em 1964 foi presidente da União Lageana de Estudantes, fechada em suas mãos por um dos representantes do "regime" em Lages.

Em Porto Alegre foi presidente do Diretório da Faculdade de Arquitetura, segunda faculdade mais atuante politicamente na época (a primeira era a de Filosofia).

Após cinco anos afastado de Lages, retorna como profissional em julho de 1971, quando então filiou-se ao MDB. Foi secretário do partido de janeiro de 1972 a março de 1974. Antes já fazia trabalhos políticos nos bairros.

Em 1972, participa da sublegenda de Juarez Furtado como candidato a vice-prefeito, quando o MDB sagra-se vitorioso\*. Em 1976 é eleito prefeito do município lageano com 27.848 votos. Nas eleições de 1982 é eleito deputado federal com 64.609 votos, sendo o sexto colocado do PMDB.<sup>13</sup>

---

\* No período ocupou o cargo de supervisor da Secretaria de Obras e Viação.

<sup>13</sup> Fonte: TRE/SC.

Partido político, para ele, representa "em termos etimológicos parte da sociedade, não representa toda a sociedade. Nas democracias formais está a serviço de grupos dominantes, distorção que precisa ser corrigida".

Para a sociedade, os partidos políticos são "canais para realizar aspirações da sociedade, espécie de carro-chefe, elemento mais importante; no entanto as aspirações da sociedade não são esgotadas por esse canal" (entrevista de 28 de fevereiro de 1984).

Dirceu José Carneiro não esteve ligado à política tradicional de Lages, nem teve vinculação com o sistema partidário formalmente constituído antes do bipartidarismo e sua ascensão política no partido pode ser considerada rápida, mesmo sendo companheiro de chapa, em 1972, de uma das figuras mais influentes no partido, Juarez Furtado.

Celso Anderson de Souza não é um homem de grande expressão na vida pública do partido. Sua atuação restringe-se mais ao âmbito privado do MDB. Sua indicação para presidente do partido, em 1975, coincide com uma crise interna deste. Depreende-se das atas que sua atuação como presidente do partido, em um dos períodos do governo de Juarez Furtado, pautou-se por equilíbrio e senso conciliatório.

Udenista ferrenho, Celso Anderson de Souza foi um dos fundadores do Movimento Democrático Brasileiro, sendo seu primeiro vice-presidente (julho de 1966 a março de 1968). Exerceu a segunda vice-presidência do partido de março de 1968 a agosto de 1969 e foi seu presidente de julho de 1975 a setembro de 1976.

Eleito vereador em 1966, foi um dos mais votados, com 2.503 votos;<sup>14</sup> concorreu como vice-prefeito em 1968 na sublegenda de Álvaro Ramos Vieira (também da UDN); em 1976 concorreu como vice-prefeito na chapa de Dirceu José Carneiro. Durante a gestão de Dirceu José Carneiro, exerceu o papel de secretário da Saúde; último prefeito do PMDB em Lages, com o afastamento de Dirceu José Carneiro para concorrer às eleições de 1982.

---

<sup>14</sup>Fonte: TRE/SC.

## CAPÍTULO V

### 5. O MDB NO GOVERNO: GESTÃO JUAREZ FURTADO 1972-1976

#### 5.1. As eleições de 1972 em Lages

A eleição de 1972 para a prefeitura de Lages é fato exemplar do paroxismo que marca nosso sistema partidário, no caso, a implantação autoritária do pseudobipartidarismo.

Como já citei no capítulo anterior, tanto na convenção da ARENA como na do MDB, eram duas sublegendas para concorrer às eleições.

Pela ARENA, numa sublegenda saíram como candidatos Nilton Borges da Costa e João D'Ávila Vieira (receberam vinte votos na convenção). O titular dessa sublegenda pertencia ao "Movimento Prô-Lages", movimento esse que aglutinava o empresário local com propostas de modernização do município.

Na outra sublegenda saíram Remi Goulart e João Argón Preto de Oliveira (com dezoito votos na convenção), ligados à oligarquia Ramos da ala pessedista.

Pelo MDB, numa sublegenda foram indicados Juarez Furtado (com ligações pessedistas) e Dirceu José Carneiro; na outra foram eleitos para concorrer às eleições Laerte Ramos Vieira (da família Ramos mas da ala udenista) e Clito Zappelini Neto.

Em ofício datado de 30 de agosto de 1972, dirigido

ao presidente do diretório municipal da ARENA e publicado em 1º de setembro no "Correio Lageano", a pedido, Remi Goulart e João Argon Preto de Oliveira apresentaram renúncias de suas candidaturas. No comunicado ao eleitorado da Aliança Renovadora Nacional dizem desejar "harmonia para o partido e paz, porém se negam a servirem a grupos e companheiros com interesses pessoais e com objetivos de alcançar o poder" (sic). Reiteram a disposição de ser "úteis ao partido e à revolução". A renúncia causa surpresa na cidade de Lages.<sup>1</sup>

No dia primeiro do mês de outubro (domingo) é publicado no "Correio Lageano", a pedido, um pronunciamento político, escrito por Álvaro Ramos Vieira (udenista), irmão de Laerte Ramos Vieira, um dos fundadores do MDB em Lages e um dos candidatos a prefeito deste partido em 1968.

No pronunciamento declarava-se favorável à candidatura de Nilton Borges da Costa e de seu companheiro de chapa o Dr. João D'Ávila Vieira. Sendo Nilton Borges da Costa a pessoa certa para enfrentar a falta de mercado de trabalho em Lages com "a implantação de um parque industrial que dará vagas e melhores condições de vida às famílias pobres e desempregadas dessa região (...) estamos com o candidato que não aceita e que condena a pregação da animosidade entre as classes, jogando os empregados contra os empregadores", (...) estamos com o candidato que já tomou a iniciativa neste sentido (Lages irra-

---

<sup>1</sup>"Correio Lageano" de 03 de setembro de 1972.

\* Os grifos são meus.

dia capitais para toda a região serrana) e que já está entrosado com as classes empresariais com vistas à implantação de um parque industrial que propiciará novos empregos e diminuirá o número de desempregados".

E continuando: "Nossa formação e tolerância admitem, entretanto, que muitas pessoas, além das explicações já feitas e que justificam plenamente o porquê do nosso lugar de hoje, tenham a vontade de perguntar: o Alvinho não é irmão do Laerte, e este não é agora um dos candidatos a Prefeito? E não é bom candidato? Que aconteceu? Brigaram? O Alvinho está contra o Laerte?"

"E nós respondemos dizendo inicialmente que não estamos contra ninguém, que estamos, isto sim, em primeiro lugar, a favor da comunidade lageana, (...) nossa filosofia de vida é superior aos interesses e conveniências particulares; por isto primeiro Lages e a sua gente.

"E se Lages deve vir primeiro, é necessário que o Laerte não desça da posição que lhe compete, continuando a servi-la e engrandecê-la como seu único representante, na Câmara Federal, de onde não deve sair (...), sabemos que a sua participação como candidato neste pleito foi colocado somente para fazer a vontade de políticos que fizeram esta trama invocando fidelidade partidária apenas para que seus votos fossem somados a outrem\*".

Mas ressalta adiante que a soma dos votos de Laerte

---

\*Os grifos são meus.

servirá para um candidato da oposição que, "no nosso entender, não reúne as condições mínimas e indispensáveis para a ocupação da chefia do nosso poder executivo".

Termina apelando para que todos votem em Nilton Borges da Costa.

No mesmo dia, primeiro de outubro, sai publicado na coluna intitulada "Catarina, meu irmão" do "Correio Lageano" um apelo ao prefeito Aureo Vidal Ramos\*\*. Pede rompimento do silêncio do prefeito e que ele assuma o comando político: "No momento grave de nossa política municipal, é V. Exa. quem decidirá, como líder incontestado que é, o fiel da balança".

No dia 20 de outubro, na coluna "Curtas" do "Correio Lageano" sai publicada uma pergunta capital: "O Senhor Manoel Antunes Ramos é presidente de qual ARENA: a que apóia o Sr. Nilton Borges da Costa e Sr. João D'Ávila Vieira ou Laerte Ramos Vieira e Clito Zappelini Neto?".

No dia 4 de novembro sai em manchete de primeira página no "Correio Lageano": "Renuncia o presidente do Diretório Municipal da ARENA".

Na carta de renúncia, também publicada, o Sr. Manoel Antunes Ramos (do antigo PSD) relata seus infrutíferos esforços para "a conciliação ao longo das demarches que antecederam e sucederam a convenção municipal da ARENA". Fala de seu despreendimento "inclusive quando abriu mão de sua possível can

\* Os grifos são meus.

\*\*Filho de Carlos Vidal Ramos, este ligado ao Coronel Aristiliano Ramos (UDN); casado com uma filha de Vidal Ramos Júnior (PSD).

didatura e não foi sequer entendido como a manifestação de um desejo sincero e ardente de unir o partido e fazê-lo cada vez mais forte e coeso".

No dia 8 de novembro mais matéria sobre a renúncia de alguns membros do Diretório Municipal da ARENA. Todos discordam da condução de alguns membros do partido e reclamam "da marginalização de velhos companheiros dentro do partido".<sup>2</sup>

No dia 12 de novembro, três dias antes das eleições, aparece um comunicado, a pedido, no "Correio Lageano", com o título "ARENA ENGROSSA SUAS FILEIRAS", assinado por personagens políticas e religiosas endossando a candidatura de Nilton Borges da Costa. Na nota dizem do acerto do candidato em se propor a governar através de equipes, com um projeto de gabarito com vistas a um desenvolvimento de Lages "para daqui a vinte anos". Conclui a nota que ele faz bem em não acreditar em "messianismo político". (Alegação criticando a forma de política exercida, até então, em Lages.)

Na página 3 do "Correio Lageano" do dia 17 de outubro, uma matéria publicada a pedido: "Inaugurado comitê pró-candidatura Laerte e Clito". No decorrer do texto Laerte salienta que a corrente que apóia sua candidatura "é o verdadeiro movimento pró-Lages, pois é constituído por homens das mais diferentes correntes sociais, e que imbuídos do mesmo propósito tudo farão para uma Lages mais forte e progressista". Rebate a crítica da facção adversária que o dava "como simples par

---

<sup>2</sup>In: "Correio Lageano", p. 3.

tecipante da atual campanha".

No dia 25 de outubro, na última página do "Correio Lageano", também a pedido, uma nota era endereçada "aos nossos amigos e ao povo em geral", onde os simpatizantes da extinta União Democrática Nacional dão apoio ao "nosso velho correli-gionário" Laerte Ramos Vieira. Essa nota é assinada por cerca de 86 pessoas.

Observa-se que o apoio é para o antigo companheiro de partido. Não para o novo partido.

Para tentar apaziguar os ânimos e chamar votos, estiveram na cidade de Lages, dias antes do pleito,<sup>3</sup> o então governador Colombo Salles, o vice-governador, os dois senadores por Santa Catarina (ambos da ARENA), o presidente estadual da ARENA, Renato Ramos da Silva, e o vice-presidente da ARENA em Santa Catarina, Jorge Konder Bornhausen.

No seu discurso, Renato Ramos da Silva conclamava a "união de todos os arenistas, mesmo aqueles que estão apoiando candidatos da outra grei partidária para que a ARENA conquise uma retumbante vitória em 15 de novembro".

Obviamente, os apelos foram infrutíferos.

Juarez Furtado, ajudado pela sublegenda de Laerte Ramos Vieira, sagrou-se vitorioso nas urnas. Os resultados ofi

---

<sup>3</sup>"Correio Lageano", 07/10/72. O jornal dedica ao assunto três páginas.

\*Os grifos são meus.

ciais<sup>4</sup> não desmentiram a afirmação do irmão de Laerte Ramos Vieira: Juarez Furtado e Dirceu José Carneiro receberam 13.445 votos; Laerte Ramos Vieira e Clito Zappelini Neto obtiveram 10.839 votos, totalizando 24.284 votos para os candidatos do MDB.

A única chapa da ARENA (Nilton Borges da Costa e João D'Ávila Vieira) teve 18.316 votos.

Graças à sublegenda, isto é, a possibilidade permitida pela lei eleitoral, de candidatos do mesmo partido concorrerem pelo mesmo cargo e dando como resultado para o partido, a soma de votos desses candidatos, a prefeitura finalmente passaria para o MDB.

Não só Laerte Ramos Vieira, há que salientar, obteve apoio de grupos da ARENA, identificados como seu passado de udenista. Juarez Furtado também seria ungido pelas "benesses" de pedessistas incrustados na sigla arenista.

Quando da renúncia dos arenistas Remi Goulart e João Argon Preto de Oliveira, ligados ao esquema oligárquico da antiga linha pessedista, Emília Ramos (viúva do pessedista Vidal Ramos Júnior e que teria parentesco com o pai de Juarez Furtado, conforme entrevistas de 30 de junho de 81 e 21 de julho de 81), ficou "agoniada", para usar a expressão de um dos entrevistados, e definiu-se pelo apoio a Juarez Furtado. Seu genro Áureo Vidal Ramos, então prefeito de Lages, teve o mesmo procedimento.

---

<sup>4</sup>Fonte: TRE/SC.

Nilton Borges da Costa (Tom Costa) para essas pessoas representava o desconhecido e a incerteza, pois, como assinalava o jornal "Correio Lageano" do dia 18 de agosto na coluna "Curtas": "Tom Costa é de família ilustre, mas não fez nada pela terra". Provavelmente a ala dos Ramos possedistas, com a vitória deste para a prefeitura, poderia perder o controle da instituição em detrimento da nova elite de industriais de Lages.

Juarez, apesar da sigla partidária, era uma probabilidade de ainda deter um pouco de poder político nas mãos, na prefeitura do município. Contudo, depois que Juarez assumiu "deu um chega para lá em Nutá"\*. (Entrevista de 16-06-82).

Para a Câmara municipal o MDB elegeu oito vereadores (Francisco Küster o mais votado), conquistando as quatro novas vagas criadas na Câmara. A ARENA manteve o mesmo número de cadeiras da eleição anterior: nove vereadores.

Na relação dos candidatos à vereança pelo MDB, dois nomes significativos para a gestão posterior: Terezinha Fornari Carneiro (esposa de Dirceu José Carneiro) com 661 votos, a décima mais votada. Posteriormente, devido a desistências, seria uma das vereadoras nesse período.

O economista Cosme Polese, com 257 votos, seria secretário do Planejamento na gestão de Dirceu Carneiro nos dois últimos anos.

Como curiosidade, durante o período pré-eleitoral

---

\* Aureo Vidal Ramos.

(setembro/outubro e até 15 de novembro), o nome de Dirceu José Carneiro não foi citado uma vez sequer no "Correio Lageano", exceto quando dos resultados da convenção, em 29 de agosto de 1972.

Para o eleitor comum do MDB, a prática formal deste partido na sua campanha eleitoral de 1972, em Lages, era de fazer oposição ao prefeito da sigla arenista e ao próprio partido da situação. O papel desempenhado pelo dois cabeças das duas sublegendas concorrentes à Prefeitura e pelos candidatos à vereança do MDB, nos palanques, levavam-no a pensar em tal possibilidade; mas na prática informal intrapartidária, os componentes do partido MDB tinham absoluta certeza de que o quadro era distinto. A conquista do voto, a obtenção da vitória passavam diretamente pelos conchavos e alianças que nada tinham a ver com o programa partidário da oposição.

A leitura das várias edições do "Correio Lageano" no período eleitoral deixa entrever o dramático, senão cômico, cotidiano de um partido gerado nas tramas de uma situação política geral, onde ele (o partido), é totalmente alijado das decisões. Por sua vez, a relação do partido com seu eleitorado também esconde sua impotência perante esta situação geral e as tramas no contexto específico do partido, gerando um distanciamento perverso com suas bases sociais e um círculo vicioso difícil de romper.

Uma outra observação que se depreende das notícias publicadas no jornal é a comprovação da introjeção, por camadas da população eleitoral lageana, do antigo sistema partidário.

rio. Apesar dos sete anos de bipartidarismo ainda vamos ver abaixo-assinados em prol de antigo companheiro do partido (caso de apoio a Laerte Ramos Vieira, antigo udenista) o que faz pensar na estratégia correta da chamada "revolução de 64" de obli<sup>ter</sup>ação do sistema partidário pré-64. Poderia significar, a continuação dos antigos partidos, com o decorrer dos acontecimentos, um poder paralelo à tecnocracia, o que se tornaria mais difícil com o bipartidarismo pois este implicou uma rearticulação nacional dos antigos participantes dos partidos e uma nova fixação das siglas partidárias então implantadas no momento, por parte do eleitorado.

Uma outra reflexão que poderia "transpirar" das notícias do "Correio Lageano" é o fato de o MDB ainda em 1972 não ter uma identidade própria ou uma personalidade marcante que polarizasse os votos. Talvez por não deter ainda uma instituição "tipo prefeitura", por exemplo, que poderia se constituir em um forte esquema do partido.

Na gestão de Juarez Furtado isso iria se efetivar, e, a partir de minhas impressões, calcaria uma marca própria ao MDB em Lages, desligando-o da herança política, anterior ao AI-2, praticada no município.

## 5.2. A organização formal do partido em Lages: 1972 - 1976

### a) Os subdiretórios em Lages

Os subdiretórios, em linguagem formal poderiam ser

considerados o que Sartori denomina de núcleos:<sup>5</sup> "las unidades de base, mínimas y locales", onde os militantes, filiados e simpatizantes do partido<sup>6</sup> estariam organizados, discutindo questões políticas gerais e problemas específicos de seu interesse.

Em Lages, a referência aos subdiretórios nos documentos do partido aparece pela primeira vez em ata datada de primeiro de março de 1972; a sugestão da proposta, de encarregar uma comissão para a formação dos subdiretórios na cidade e no município, partiu, nessa reunião, do então deputado estadual Juarez Furtado. Lembro que faltavam oito meses para as eleições da nova gestão na prefeitura.

Entre setembro de 1974 e outubro de 1975 aparecem cinco atas transcritas, relatando especialmente a formação de subdiretórios em vários bairros de Lages. Para consecução des-

---

<sup>5</sup> SARTORI, G. Partidos y sistemas de partidos. Marco para un análisis. Madrid, Alianza Editorial, 1980, V.I. p. 101.

<sup>6</sup> Assim entendidos: A) Militantes: "Categoria particular de adeptos ou filiados... o militante é o adepto ativo... Assiste regularmente às reuniões, participam da difusão das palavras de ordem, apóiam as organizações da propaganda, preparam campanhas eleitorais... Não devemos confundir-los com os dirigentes: não são chefes, mas executantes, sem eles não haveria verdadeira execução possível".

B) Filiados: "Obviamente os que assinam com plena clareza a ficha de filiação de um partido, aceitando o seu programa".

C) Simpatizantes: "... é mais que um eleitor e menos que um adepto... o simpatizante declara seu voto... sua ligação ao partido não é consagrada pelos laços oficiais e regulares de um compromisso assinado de uma contribuição regular... porque a recusa de ingressar nos quadros do partido?... suas funções não lhes permitem adesão formal..."

Ver: DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos. 3a ed., Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1970, pp. 137, 138, 139, 145, 146.

ses objetivo participam vários vereadores e o próprio prefeito (Juarez Furtado).

Em uma dessas atas datada de 13 de outubro de 1974, duas anotações particularmente interessantes: todos os participantes da reunião de formação dos subdiretórios já são considerados filiados ao MDB; a segunda anotação diz respeito à já organização de 35 subdiretórios no município.

Em outra ata (28-09-74) há uma referência ressaltando a importância da ajuda dos subdiretórios para a administração do MDB na prefeitura de Lages.

Juarez Furtado, às perguntas "qual a origem dos subdiretórios em Lages ? Como foram formulados ? Quem participou da sua organização ?" respondeu o seguinte: "A origem dos subdiretórios era - e ainda é - uma decorrência do programa partidário do MDB e PMDB. Eram formados com a reunião do povo no bairro ou em alguma rua do bairro, centro da cidade e/ou no interior quando explicávamos da necessidade de nos organizarmos para que o povo pudesse vencer as eleições. Participavam vereadores e pessoas convidadas pelo companheiro a quem solicitávamos o serviço".\*

Em termos formais, como já explicitiei no início do item, os subdiretórios poderiam ser considerados núcleos do partido no município. Mas especificamente poderiam ser considerados como tais ? Parece-me que a resposta foi dada por um en-

---

\*Os grifos são meus.

entrevistado (11-02-82): "Subdiretório ? Um cabo eleitoral com nome mais progressista".

O mesmo entrevistado afirma que "a organização do 'Juarez' era o subdiretório".

Outro entrevistado (28-11-82), perguntado como eram formados os subdiretórios, disse: "Localizava-se uma pessoa conhecida e entrava-se em contato com ela, marcava-se uma reunião e fundava-se um subdiretório. Geralmente um vereador ia junto". E complementando "vereador gosta de subdiretório e também a cúpula do partido".

Um informante, diretor de um dos serviços da prefeitura na gestão de Dirceu Carneiro (entrevista de 28-11-82), utilizou uma expressão de baixo calão para referir-se à forma como eram formados inicialmente: "Os subdiretórios foram feitos 'nas coxas' na época de Juarez Furtado". Numa entrevista feita em 12 de fevereiro de 1982 o então presidente da JPMDB (Juventude do Partido do Movimento Democrático Brasileiro), afirmou ser Juarez Furtado o organizador dos subdiretórios e que estes eram "uma forma de organizar eleitoralmente o município".

Quanto às eleições para o preenchimento de cargos dos subdiretórios, o depoimento de um assessor que trabalhou nas duas gestões do MDB/PMDB da prefeitura é interessante: "Era feita por aclamação; a nominata, muitas vezes, já chegava pronta na reunião. Outra prática era receber livros de atas de reuniões futuras".

Sobre a função dos subdiretórios no período de 1972-1976, o conteúdo das respostas dos entrevistados resulta escla

recedor sobre a caracterização dos subdiretórios como elementos fortalecedores da relação clientelística, da qual os cabos eleitorais são peças fundamentais de intermediação.

Juarez Furtado (31-05-84) afirma que a relação mantida entre o prefeito Juarez Furtado e os presidentes dos subdiretórios era o seguinte: "Valorizávamos a sua pessoa, bem como a todos os membros pertencentes aos subdiretórios como se fossem, e realmente o eram, uns "marechais" de campanha\* e de auxiliares da administração, nas suas respectivas regiões. Inclusive seu acesso nos órgãos da Prefeitura, assim como no Gabinete do Prefeito, era livre de qualquer formalismo. Eles participavam, realmente, do nosso governo, num trabalho espontâneo e gratuito".

Dirceu Carneiro (28-02-84) esclareceu que o subdiretório "era o único canal, em 1976, da população com a Prefeitura". E mais não comentou.

Um outro entrevistado (11-02-82), com ênfase, informou que o subdiretório "era a força do partido. A ARENA tentou imitar e não conseguiu".

Perguntado sobre o papel dos subdiretórios, um dos fundadores do partido respondeu (28-11-82) que "discussão política tinha muito pouco, combinar o curral com trabalho de base é difícil. Trabalho de base é a longo prazo e o curral de votos é imediatista".

---

\*As aspas são do entrevistado. Os grifos são meus.

O número de subdiretórios nas informações dos entrevistados é variável. Juarez Furtado registra mais de 130 subdiretórios durante sua gestão, em todo o município. Seu ex-assessor de Comunicação (11-02-82) fala em 120 subdiretórios. Outro informante (28-11-82) afirma que em quase todos os bairros de Lages haviam subdiretórios.

Pelos registros da prefeitura existiam, no período do MDB, 52 subdiretórios na cidade (perímetro urbano) e 26 no interior do município,<sup>7</sup> totalizando 78 subdiretórios em todo o município. O que não deixa de ser um número significativo levando-se em consideração comparações com outros municípios, principalmente Florianópolis, a Capital do Estado, onde a organização dos subdiretórios praticamente inexistia na época do MDB e atualmente (PMDB) os planos são para implantação de cerca de 20 subdiretórios.

Os subdiretórios em Lages constituíram-se neste período em uma rede organizacional elaboradíssima e de importância estratégica fundamental tanto para o partido como para a atuação do prefeito. Ao mesmo tempo que organizou eleitoralmente o município, foi a garantia de um atendimento popular mediado pelos seus presidentes.

A formação de subdiretórios em Lages traz em seu cerne a marca registrada do clientelismo e não o contrário, a possibilidade de uma organização alternativa, a nível local, como proposta. A comprovação está nos relatos. A formação dos

---

<sup>7</sup>Fonte: Prefeitura Municipal de Lages. Novembro de 1972.

subdiretórios implicava sempre uma pessoa já conhecida "a quem solicitávamos o serviço" e eram como "marechais", e não a tentativa de uma organização coletiva onde propostas de cunho comunitário pudessem ser discutidas e levadas pelo grupo à instituição. Não. Os problemas da coletividade eram levados à prefeitura por um intermediário: os cabos eleitorais, que "funcionam como um elo importante na cadeia de transmissão das demandas dos diferentes segmentos do eleitorado até a cúpula parlamentar".<sup>8</sup>

Além do mais, a solução dos problemas por parte da prefeitura aparece como um favor de duas pessoas determinadas: o prefeito e o cabo eleitoral; reiterando, primeiro, a passividade e o condicionamento político do provável eleitor; e segundo, dando oportunidade ao prefeito e/ou parlamentar de serem considerados como altamente paternais com possibilidade de resolverem, por favor, os problemas individuais ou mesmo de bairro, da rua etc. A estratégia empregada não permite ao cidadão perceber que o prefeito e o parlamentar, se ungidos, o foram através de seu voto; se resolvem seus problemas, é através do pagamento de seus impostos. Logo, deve exigir, não pedir através de intermediário.

Em relação ao partido, os subdiretórios constituem-se em organizações que apresentam duas questões relevantes e que não podem ser relegadas. A primeira questão é que efetiva-

---

<sup>8</sup> DINIZ, Eli. Voto e máquina política (Patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972. p. 122.

mente o subdiretório dá uma força eleitoral ao partido não desprezível; a segunda é se é o partido ou uma pessoa do partido que domina o subdiretório, como foi o molde dos criados em Lages. E se quem domina a organização do subdiretório ainda domina uma prefeitura, como aconteceu no caso lageano, a situação torna-se crítica. E mais, o caso específico, se a pessoa ainda tem à disposição um escritório de advocacia onde presta serviços à população, essa pessoa inevitavelmente tornar-se-á um pólo poderoso e aglutinador de forças do partido, podendo destruir quem se interponha em seu caminho político traçado. Como contrapor-se politicamente a este ?

Existe uma outra possibilidade a ser levantada quanto a esse tipo de organização formal do partido, com característica clientelística: é a relação entre o cabo eleitoral e o prefeito - e/ou parlamentar. Elas devem ser sempre satisfatórias para o cabo eleitoral (subdiretório), pois ao mesmo tempo que este se constitui na força eleitoral do partido, pode provocar sua desgraça política numa eleição. A fidelidade do cabo eleitoral está sempre dependente das possibilidades do político de atender seus pedidos. Quem o cabo eleitoral intermedia, isto é, os componentes da esfera de influências tanto dele como do político (de quem ele resguarda os interesses), pode ficar agradecido "ad infinitum" por qualquer favor recebido. Mas o cabo eleitoral tem perfeitamente nítida sua importância capital tanto para o político como para o partido. Seguindo-se esta linha de raciocínio, o cabo eleitoral pode romper com determinado partido, levando com ele seus ascendentes, mas o partido e o político a quem ele serve devem pensar e repensar a pos

sibilidade de um rompimento com determinado cabo eleitoral. Paradoxo dos mais delicados para quem, participante de uma instituição partidária, tenha lampejos de modernização para com a organização. Minando a força do cabo eleitoral sem as devidas precauções (tal como a preparação de quadros novos), há sérias probabilidades de uma derrocada em determinada eleição.

b. A Juventude do Movimento Democrático Brasileiro - JMDB - em Lages

As informações conseguidas sobre a JMDB em Lages são parcas, pois as atas do período não se encontravam na sede do partido e, lá, não souberam informar-me onde estavam. Tenho apenas o registro da ata do partido criando a JMDB em Lages e uma entrevista feita em 02 de fevereiro de 1982 com o então presidente da JPMDB em Lages, que também participara da JMDB.

O chamado, em ata, órgão auxiliar de jovens do MDB foi criado em 16 de abril de 1974 através de uma comissão composta por Cosme Polese, Elio Bell, Manoel Nunes (suplente de vereador e diretor do Departamento de Educação e Cultura na gestão de Juarez Furtado e Dirceu Carneiro) e vereadora Terezinha Carneiro.

As informações do entrevistado (o então presidente da JPMDB em Lages) dão conta de que a função exercida pela JMDB, no período de 1974 a 1976, pela experiência dele no setor Jovem do Partido, era a de preparar os comícios, fazer panfletagem, promover bailes, auxiliar no subdiretório. Faziam parte dos comitês eleitorais, sendo que as atividades da JMDB se

concentravam mais, nesses períodos. Discussão política propriamente, na época, ocorria de raro em raro.

c) O Departamento feminino do MDB em Lages

Esta outra organização formal do MDB é citada pela primeira vez nos documentos oficiais do partido, em ata datada de 12 de abril de 1976, onde aparece transcrita a sugestão de uma comissão especial encarregada da criação do Departamento feminino do MDB em Lages. Foram sugeridos 23 nomes para a comissão, entre os quais destacam-se: Terezinha Fornari Carneiro (vereadora e esposa do vice-prefeito Dirceu José Carneiro), Mary Furtado (esposa do então prefeito Juarez Furtado), Nina Rosa da Cunha Wolff (esposa do secretário do MDB de julho de 1975 a setembro de 1976, Vilarino Wolff) e Nina Rosa Polese (esposa de Cosme Polese, futuro secretário do Planejamento na gestão Dirceu Carneiro).

A primeira reunião do Departamento feminino (ata nº 01, de 14-05-76) teve a participação do presidente do partido no município, Celso Anderson de Souza. Na abertura dos trabalhos, explicitou ele a finalidade do MDB: "Redemocratização do país através da conscientização do povo. Outras metas: volta do estado de direito, a independência dos poderes, reabilitação do habeas-corpus, a alteração do modelo econômico do Brasil, a alteração da política educacional e habitacional". Como se percebe, são todas questões do momento político e econômico por que passava e passa o país.

Já a vereadora Terezinha Carneiro, além de comentar

a importância do trabalho da mulher dentro do partido, especificou os princípios fundamentais do MDB: "Primado da pessoa humana, direito e participação; importância das comunidades de base; estado democrático, responsabilidade pelo bem-estar, efetivo desenvolvimento brasileiro". Concluindo sua intervenção, a vereadora falou da necessidade "de serem ampliadas as candidaturas femininas".

Nessa reunião foram indicadas as dez coordenadoras do movimento feminino; também foi iniciada uma discussão em pequenos grupos tendo em mente os objetivos do Departamento feminino. Na segunda reunião (ata de 19-05-76) foram definidos os objetivos prioritários do Departamento: 1) qualificar a mulher para efetiva participação política, mediante conhecimento da realidade brasileira local; 2) divulgar os princípios partidários; 3) incentivar a participação da mulher na vida política da comunidade; 4) ampliar a candidatura feminina.

Juntamente com os objetivos foi elaborado um plano de ação imediata visando à campanha eleitoral de 1976, do qual constava: "instruir sobre a importância do voto e a forma certa de votar; estimular a indicação de uma mulher para os subdiretórios, para assumir a representação do Departamento feminino no bairro; envolver as participantes do Departamento feminino nas reuniões de subdiretório nos bairros".

As atas subsequentes relatam as reuniões do Departamento feminino nos bairros da cidade, com uma expressiva preocupação em discutir questões partidárias (discutir os princípios e os objetivos do partido, preocupação com o nível da campanha eleitoral). Esse cuidado com o conhecimento de maté-

rias sobre o partido não encontrei em qualquer outro documento analisado, do MDB e PMDB de Lages.

Quanto às reuniões nos bairros, existe um anexo na ata de nº 19 (16-08-76) transcrevendo as principais finalidades dessa reunião: "1) organizar uma diretoria para que esta fique responsável pelo bairro, dirigindo agora e principalmente no dia da eleição o seu grupo para uma melhor fiscalização no seu bairro; 2) orientá-las para que façamos uma campanha sem ataques pessoais, sem polêmicas, uma campanha de nível elevado como emedebistas que somos; 3) conscientizar o eleitor a respeito do voto livre e direto; 4) as senhoras presentes receberão uma carteirinha com foto para ficarem fazendo parte da ala feminina e com a responsabilidade de trabalhar pelo partido, orientando o eleitor".

Evidencia-se aí o eixo central das reuniões nos bairros: a campanha eleitoral de 1976, o que em essência é a preocupação dessas organizações formais do partido em Lages. Tal como os subdiretórios, que, evidenciando a organização mais importante do partido em Lages, servirão como órgãos de contato para a efetiva realização das reuniões do Departamento feminino nos bairros (atas de 26-05-76, 27-05-76 e 07-07-72).

É ressaltada também em algumas atas a necessidade de serem visitados bairros onde o MDB tivesse tido inexpressiva votação em eleições anteriores (07-06-76) e a necessidade da presença nessas reuniões (de bairros) das esposas de candidatos (05-07-76, 23-08-76). Em uma das reuniões promovidas na casa da vereadora Terezinha Fornari Carneiro (candidata à reeleição em 1976 e seu marido candidato a prefeito) compareceram 165

mulheres, número por demais expressivo comparando-se com o número de mulheres que compareceram à reunião na residência de Mary Furtado (12 pessoas), sendo ela primeira-dama do Município. O grande comparecimento de mulheres para a reunião na casa de Terezinha Carneiro talvez possa ser explicado pelo trabalho intenso da vereadora em grupos de mulheres nos bairros.

A preocupação com a questão financeira do partido, relacionada com a campanha eleitoral, estaria presente no Departamento feminino denunciada somente através de vendas de cafezinho, decalques, promoções de jantares, nunca com um pagamento de mensalidades por parte das suas participantes, indicando uma solução de curta duração e sem uma vinculação política maior com o partido (atas de 26-05-76 e 07-06-76).

No total, o livro de atas do Departamento feminino relata 21 reuniões, todas no ano de 1976, revelando uma intensa movimentação motivada pelo ano eleitoral. Devo ressaltar a presença constante, nessas reuniões, de Mary Furtado e principalmente de Terezinha Carneiro como pessoa de participação ativíssima.

Como observação pessoal, retirada das notícias de jornais, devo informar da presença de delegação feminina de Lages nos vários encontros promovidos sobre mulheres em Santa Catarina. Em 1984, quando de minha última visita a Lages, com objetivos centrados na pesquisa, tive informação de uma reunião de mulheres do PMDB realizada com o propósito de rearticular o movimento.

Obviamente, a eleição para qualquer cargo é uma

das preocupações básicas para um partido formalmente constituído, quer seja ele de quadros ou de massas, pois, como afirma Key,<sup>9</sup> "as eleições são momentos dramáticos na luta pelo poder. (...) As eleições seriam a essência vital de um partido político, das vitórias retira a vida, das derrotas a morte lenta e inglória". Mas, para um partido que se quer moderno, a organização de suas bases deve transgredir esses momentos cruciais. Na medida em que aglutina forças no período de não eleição, a mobilização para as campanhas eleitorais torna-se mais fácil e menos desgastante para os militantes do partido. No caso contrário, há uma hiperatividade em curto espaço de tempo, e posteriormente uma queda brusca na organização do partido, provocando a desestruturação conseguida no decorrer da campanha, o que configura um desperdício de energia e tempo.

Para um partido de quadros, cujo objetivo maior é o poder político, e com amplas possibilidades financeiras, o desgaste não é tão grande pois contrata companhias de serviços especializados. No caso de um partido de massas, cujos objetivos de arregimentação das bases sociais devem ultrapassar o espaço de tempo das campanhas eleitorais e açambarcar períodos para campanhas de conscientização política - pois sua meta, além de ganhar eleições é exatamente formar militantes conscientes para o partido e cidadão com possibilidades de participação na organização da sociedade civil para fazer frente ao Estado -, o comportamento deve ser radicalmente distinto do partido de

---

<sup>9</sup> Citado por: BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. p. 165.

quadros.

Infelizmente não é o que se evidencia nos documentos e entrevistas de participantes do partido no período analisado (1972-1976).

Todas as organizações formais (JMDB, ala feminina, subdiretórios) estruturadas no MDB, neste período, tiveram como propósito o domínio do partido (por parte de quem coordena estas), tal qual uma máquina, cujo objetivo final é a vitória, não fundamentalmente do partido, mas da personalidade dominante dele. Mesmo as pessoas que estão militando no partido com outro intuito que não o clientelismo, são levadas pelo rolo compressor da máquina. Pois, se o "patrão" domina a máquina também ocorre de dominar os manobristas. E os militantes partidários do beneficiamento do partido como um todo, são obrigados a trabalhar em prol dos escolhidos pelo detentor da máquina. Ou se abstêm no período eleitoral. Mas a abstenção pode significar a derrota na eleição.

### 5.3. A questão financeira do partido: 1972-1976

No período mencionado, aparece novamente, em ata do partido, preocupação com a sua estruturação financeira em Lages.

Em ata de 22 de julho de 1975, o assunto vem à tona e o presidente do partido pede ao tesoureiro (Edézio Henrique Waltrick Caon) o seu plano de estruturação financeira do partido em Lages. O planejamento financeiro do tesoureiro fri-

sava a necessidade de contribuições entre os membros do diretório, suplentes, "estendendo-se aos cargos de confiança do executivo municipal, vereadores e contribuições espontâneas em geral". Apesar da apresentação do plano, em ata de 02 de setembro do mesmo ano o tesoureiro reclamava da necessidade de dinheiro para compra de material para a tesouraria. Uma semana após (ata de 08-09-75), o tesoureiro informa que a arrecadação de Cr\$ 850,00 possibilitou cobrir as despesas com a tesouraria.

No ano de 1976 (ata de 29-03), o vice-prefeito Dirceu Carneiro reclamava de uma dívida que o diretório tinha para com ele, referente às eleições de 1974. Aproveitando o ensejo, o presidente explanou a "necessidade de acertar as contribuições dos deputados ao partido". Na mesma reunião, é constituída uma comissão de finanças.

A preocupação e a perturbação com o aspecto financeiro do partido são uma constante para os tesoureiros e seus ajudantes e, naturalmente, para quem, no final, arca com todas as despesas partidárias. Apesar disso, os planos elaborados, quando efetivados, são de curta duração. As propostas partem dos tesoureiros da instituição. Não há uma diretriz geral do partido. E essas propostas não conseguem ultrapassar a cúpula dos componentes partidários.

Parece-me que a não ultrapassagem da cobrança de mensalidades para os militantes e mesmo filiados de modo geral, está na característica esporádica e clientelística da relação que o partido mantém com suas bases sociais, não permitindo uma relação onde o filiado se tornaria "dono" também do partido. Como a relação é paternal (escondendo o autoritaris -

mo), o político sequer se permite pensar no filiado comum como um provável contribuinte.

Condicionado pelo tipo de contato mantido com o político e pela forma superficial com que se filiou ao partido (reuniões ligeiras, sem maiores discussões políticas), o filiado, caso uma proposta de contribuição chegasse até ele, não a receberia como um dever que redundaria em direito adquirido em participar no partido, mas sim desconfiado, até mesmo com a impressão de estar sendo espoliado.

#### 5.4. A administração de Juarez Furtado na prefeitura

##### a) A modernização da cidade: medidas de impacto

Analisando as causas da derrota da ARENA para a prefeitura de Lages, a coluna "CURTAS" do "Correio Lageano"<sup>10</sup> levanta quatro hipóteses: a primeira seria pela má administração do prefeito anterior, Aureo Vidal Ramos; a segunda, um repúdio ao governador Colombo Salles; a terceira, a revolta do empregado contra o empregador; a quarta teria sido a motivação de "mudar para ver o que acontece".

No final do comentário o articulador da matéria questiona a figura da sublegenda, onde nem sempre quem vence representa a maioria dos eleitores.

---

<sup>10</sup> 19-11-72.

Sobre a segunda hipótese levantada, já em entrevista o coronel Aristiliano Ramos (ala udenista dos Ramos) fez uma séria restrição ao governador, que não deu suficiente atenção para o município e não propiciou a Lages obras de impacto como pontes, por exemplo.

Perguntado a que ele atribuía a vitória do MDB em Lages respondeu: "Exatamente isto, descontentamento, má-vontade contra o governo que não faz nada no interesse do povo. Que obras foram feitas aqui na região? O Colombo Salles fez lá pelo litoral. Quis com isso dar uma demonstração de má-vontade. Foi mais contra o governo do que a favor do MDB. Votei no meu sobrinho, o Laerte".

A terceira hipótese creio ser apenas um alarme descabido e impróprio do colunista, talvez influência da propaganda oficial da época que veiculava acintosamente, pelos órgãos de comunicação, a paz social, a segurança nacional etc., significando estas a imposta acomodação dos trabalhadores aos ditames de seus patrões e do regime burocrático autoritário. O MDB, pela propaganda oficial, surgia como canal subversivo dessas condições.

A primeira e a última hipótese, sim, têm substância especial.

Juarez Furtado, na voz de dois entrevistados (11-02-82 e 28-02-84), encontrou, quando de sua posse, "uma pre-

feitura enferrujada, não tinha agilidade, totalmente ineficaz", e teve clarividência suficiente para "engraxar a máquina" e amplas possibilidades de modernizar a cidade através da assessoria de técnicos vinculados ao Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) e ao Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU).

O Instituto Brasileiro de Administração Municipal - IBAM foi criado em 1952. Sua principal fonte de recursos é proveniente de convênios para a execução de serviços de consultoria, treinamento e pesquisa. Sua área de atuação abrange: "Organização e reorganização da estrutura do governo municipal, modernização da legislação tributária municipal e de cadastros, organização administrativa dos serviços urbanos (água e esgoto, limpeza urbana, mercado e abastecimento, transportes coletivos, obras públicas, cemitérios, ensino de 1º grau, bibliotecas etc.), implantação ou aperfeiçoamento de procedimentos operacionais e de desenvolvimento municipal e urbano".<sup>11</sup>

Formalmente o IBAM não tem nenhuma conexão com o governo federal.

O Serviço Federal de Habitação e Urbanismo - SERFHAU foi criado em 1964, juntamente com o Banco Nacional de Habitação - BNH, que é o agente principal do Sistema Financeiro de Habitação. O SERFHAU seria o agente técnico do sistema. Com a criação do BNH, foram estabelecidas, pelo governo implantado em 1964 no país, as bases principais para a institucionaliza-

---

<sup>11</sup> In: "IBAM, o que é, o que faz". (mimeo). p. 1.

ção do planejamento urbano na esfera do governo federal\*.

Juarez, com perspicácia, aproveitou a oportunidade que se entreabriu e imediatamente açambarcou as idéias correntes na época e colocou-as em execução. Já em 14 de janeiro de 1973, antes da posse, o "Correio Lageano" publicava a notícia da participação do prefeito e do vice-prefeito, no Rio de Janeiro, em um curso promovido pelo IBAM; ao mesmo tempo aproveitavam a oportunidade para visitar Campinas (SP), considerado, na época, município modelo em administração municipal; Curitiba e Ponta Grossa (PR) "para estudar seus planejamentos e adaptá-los em sua futura administração".

No dia 24 de janeiro de 1973, o "Correio Lageano" exprimia seu voto de confiança ao novo governo: "todos desejam que Juarez Furtado faça uma ótima administração, a maior que Lages já teve\*\*, como ele próprio dizia quando falava ao povo de sua terra. Sabe-se que conseguido isto a vitória maior será da cidade e de toda a sua gente". Conquista rápida, embora "um pouco sutil", no meu entender, da editoria do Jornal.

A presença dos técnicos do IBAM e SERFHAU em Lages é registrada pelo jornal no dia 26 de janeiro de 1973. Juarez anuncia as propostas consequentes da visita: criação de um gabinete de Planejamento, Empresa Lageana de Urbanização, Plano Diretor de Lages, industrialização do município. A última medida, diante da opinião pública, atacava o maior problema dos

---

\*Devo agradecimento especial ao arquiteto Otávio Fortes pelas informações sobre o IBAM e o SERFHAU.

\*\*Os grifos são meus.

municípios: o desemprego.

As palavras do prefeito eleito, na entrevista, denotam seu deslumbramento pela modernização e pelos novos conhecimentos recém-adquiridos no curso realizado na Guanabara: "Sou contra qualquer espécie de improvisação e tudo o que for feito em Lages será dentro da mais moderna técnica. (...) E ninguém pode trabalhar sem aprender por mais acostumado que esteja na sua rotina, o funcionário deve aprender e atualizar-se, porque as técnicas se renovam. Nós, por exemplo, o Dirceu e eu temos curso de Administração Pública, mas procuramos nos modernizar".

Sobre a industrialização adiantou: "No início de março, ou até é possível que em fevereiro, será implantada em Lages uma indústria que nós conseguimos no Rio de Janeiro. A única exigência que fizemos aos Diretores desta indústria foi o emprego exclusivo de nosso operariado e demos tudo o que precisava e até o que não foi pedido nós demos".

Sobre a administração de Campinas comentou: "E além de excepcional administração, nos impressionou muito, que é uma decorrência desta ótima administração, o fato de que em Campinas onde tem uma estrada tem um asfalto, onde tem uma rua, por mais pobre que seja o bairro, tem asfalto ou calçamento. Onde tem uma casa tem um nome, um jardim". Depreende-se de suas palavras a importância dada, na sua observação da administração de Campinas, às obras tradicionais que sempre impressionam a opinião pública pela sua aparência e impacto.

Fazendo um comentário estritamente político, Juarez Furtado aproveita a oportunidade para firmar a sigla partidária --

ria à qual pertencia e a sua legitimidade como prefeito eleito: "Queremos salientar mais uma vez, que o governo de Campinas é do MDB, mais uma prova de que o povo, em tese, não errou quando nos escolheu para administrar Lages. Nossas intenções são as mesmas daquele moço lá de Campinas."

O vice-prefeito, Dirceu Carneiro, daria uma entrevista no mesmo dia. Suas opiniões também giraram em torno da ótima impressão causada pela administração municipal de Campinas e das excelentes possibilidades apresentadas pelos cursos feitos no IBAM e SERFHAU, com uma cautelosa ressalva: "Uma transformação administrativa como a que vai sofrer a prefeitura de Lages com a nossa entrada, não poderá produzir todos os seus resultados imediatos. Será uma transformação radical e para que consigamos um resultado realmente ideal, recomenda a técnica que não haja precipitação."

As manchetes e matérias dos meses seguintes no "Correio Lageano" dão conta de um novo ritmo implantado na administração municipal lageana. Estilo diferente de governar e iniciativa de programas e obras propiciando a renovação visual da cidade.

No dia 16 de março de 1973 a manchete do "Correio Lageano" é significativa quanto ao novo estilo de governar: "Reforma administrativa da prefeitura" (primeira página) e na última como subtítulo: "Prefeito governa nos bairros". A matéria versa sobre essa atitude que foi "recebida como verdadeiro júbilo pelos presentes". O chefe do executivo lageano determinou, na oportunidade, que "todo o maquinário do município se transferisse para os bairros citados e somente deixasse aquele lo-

cal após equacionados todos os problemas expostos pelos seus moradores."

Em anexo, enumero uma série de medidas, publicadas como matéria pelo "Correio Lageano", nos anos da administração Juarez Furtado, indicativas do processo de modernização pelo qual passou a cidade.

Os projetos e a execução real de obras que se poderiam considerar progressistas para o município, aliados a uma eficiente divulgação (ver o próximo subitem), imprimiram uma característica marcante à gestão do primeiro emedebista na prefeitura, gerando como consequência uma fixação de eficiência à sua imagem. As obras concretizadas por Juarez Furtado "saltam aos olhos" do possível eleitorado, ainda mais que a gestão anterior, calcada na inércia de quem deteve o poder por vários anos, não criara nenhuma possibilidade de "ares novos" na cidade.

O "calçadão" está "ali" no centro, dando um ar de cosmopolitismo à cidade. A rodoviária (embora inacabada) é portentosa. A iluminação do estádio era de longa data uma aspiração dos aficionados pelo futebol.

Pontes são sempre aspirações do interior e, como dizia o "Correio Lageano" (15-05-73): "As necessidades imediatas do nosso povo têm sido atendidas na medida do possível pelo poder Executivo. Foram construídas, nos três meses da administração de Juarez Furtado, oito pontes, de importância vital para a ligação dos distritos com a sede do município".

Tudo isto ampliou a repercussão do partido (subentenden

do-se Juarez Furtado ) entre um eleitorado tradicionalmente indeciso a classe média. Muitos entrevistados remetem-se a tal fato, inclusive, como um dos fatores para justificar a grande popularidade de Juarez Furtado.

Um dos entrevistados (11-02-82) foi peremptório: "a classe média tem boa imagem de Juarez por causa das obras (calçada, turismo etc.)".

Outro informante (11-02-82) diz ter Juarez Furtado atingido "os anseios da comunidades; a classe média ficou satisfeita, criou um distrito industrial, ficou com fama de trazer indústrias (embora as indústrias não viessem)".

Devo lembrar a não detenção por parte do MDB da maioria na Câmara dos Vereadores (oito vereadores contra nove da ARENA), embora detivesse toda a mesa com exceção da presidência, conseguida através de uma manobra de última hora,<sup>12</sup> o que implicou recusas sucessivas de projetos provenientes do Executivo.<sup>13</sup>

Com a prefeitura nas mãos Juarez Furtado se consolidou como a liderança máxima local do partido. Incontestavelmente qualquer resquício de força dos antigos fundadores de partido esmaeceram nessa época.

O depoimento de um emedebista de "primeira hora" é bastante significativo de como ocorreu a ascensão de Juarez

---

<sup>12</sup>In: "Correio Lageano" de 02 de fevereiro de 1973.

<sup>13</sup>Idem: 04 de janeiro de 1974.

Furtado e de seu estilo quer nas fileiras do partido quer em sua atuação na administração da prefeitura: "Em 1968\*, estávamos com dificuldades de encontrar candidato, Juarez aparece na reunião com milhares de assinaturas pedindo para ele ser candidato a prefeito. Fizeram uma jogada (o diretório), convidaram três candidatos, Juarez Furtado lidou para tirar o padre\*\* (vice de Evilásio Nery Caon).

"Ele começou a formar um grupo, nós éramos inocentes, saíamos com propaganda dos três candidatos. Ele fazia a propaganda junto, depois saía sozinho. De 1968 a 1972, Juarez não teve apoio do grupo; em 1972, o grupo apoiou Laerte Ramos Vieira. Laerte propôs numa reunião a distribuição de cargos (50% dos cargos para cada um); e Juarez também não cumpriu. Dilmir Sell (padre) ficou pouco tempo na prefeitura, o Clito Zappelini\*\*\* também saiu da Prefeitura."

Perguntei ao mesmo entrevistado<sup>14</sup> o motivo da grande popularidade de Juarez Furtado e ele respondeu: "Juarez é populista, sua filosofia é primeiro o poder, depois agir; nós pensávamos em conquistar o poder através do trabalho". Durante sua gestão, segundo a mesma pessoa, uma frase constante na bo-

---

\* Eleições para prefeito.

\*\* Juarez acabou saindo como vice-prefeito na sublegenda de Evilásio Caon.

\*\*\*Clito Zappelini Neto, candidato a vice-prefeito na sublegenda de Laerte Ramos Vieira. A saída de Zappelini da prefeitura causou polêmica no partido e consta em ata. Relatarei posteriormente.

<sup>14</sup> Entrevista concedida em 28 de outubro de 1982.

ca de Juarez Furtado era: " 'Isso aí dá voto'? Juarez é personalista, não perde contato. Tem um escritório, 'Organização Positiva', junto com dois irmãos (Pedro e Moacir); Vilarino Wolff também é seu intermediário".

Analisando a pessoa de Juarez Furtado, explicitou: "O homem é muito mais vivo do que todos nós juntos", concluindo brilhantemente: "Na política você tem valor quando fica em evidência, Juarez está sempre acontecendo".

Feita a mesma pergunta (quais os motivos de sua grande popularidade ?) para Juarez Furtado, a resposta foi diplomática ao extremo: "Sê é que se pode contar com uma grande popularidade, ela é decorrente de uma participação muito intensa nestes vinte anos de carreira política".

A distribuição, durante a campanha de 1982, de uma publicação denominada "Jornal do Juarez", editada sob a responsabilidade do ainda deputado federal Juarez Furtado, dá mostra de uma das estratégias utilizadas por ele para angariar simpatias de um potencial eleitor. Na página 3 do citado jornal são transcritas algumas cartas de agradecimento, com conteúdos diversos: uma senhora agradece os cumprimentos pela passagem de seu aniversário, chamando a atenção de que tal ação ocorre anualmente. Na carta-resposta faz a seguinte observação: "Ficou grata por lembrar-se de uma data que nos é peculiar, mesmo sem ter vínculos de amizade\*somente a grande consideração por um ser humano, que parece ser insignificante, mas lembrada por

---

\*Os grifos são meus.

Vossa pessoa me faz feliz. (...) E se depender do meu sim, será certamente eleito, nas próximas eleições\*".

Outro senhor assim responde: "Inicialmente meus sinceros agradecimentos pelo cartão. Nem meus próprios amigos mais chegados o fizeram, motivo pelo qual me sinto muito honrado pela distinção de tão ilustre cidadão (...) eu continuo com o senhor, desde que não passe para o PDS\*".

Outros depoentes confirmam o estilo personalístico (o nome do Jornal já é indicativo) e clientelístico de Juarez Furtado. Um deles reitera (16-06-82): "Juarez tem esquemas de cartas". Outro (11-02-82) afirma: "Juarez tem carisma enorme, dorme na cama do cidadão, visita casas".

Ouvi de uma pessoa moradora de Lages e pedi confirmação a dois militantes do partido em Lages: Juarez teria pessoas em Lages que na sua ausência enviariam cartões de pêsames para a família do falecido, em seu nome.

Ouvi outros informes. Particularmente nas primeiras visitas que fiz a Lages, objetivando o trabalho, fiquei hospedada na residência de um casal de idade. Conversando sobre minha pesquisa, ela comentou: "Tu sabes, Elizabeth, que uma vez em Curitiba encontramos Juarez Furtado, tu sabes que ele nos reconheceu, atravessou a rua e veio apertar nossa mão. Não sei explicar, mas ele é como se fosse um de nós!"

Sua ação pessoal como prefeito também mereceu, desde os primeiros momentos, comentários-surpresas; o Jornal "Cor

---

\*Os grifos são meus.

reio Lageano", ao publicar a matéria sobre o dia de audiência pública (11-02-73) implantado por Juarez Furtado, destacou o seguinte depoimento de um trabalhador da prefeitura: "a reportagem ouviu de funcionário que trabalha há trinta anos na Prefeitura, que é a primeira vez que vê um chefe de executivo almoçar no seu gabinete e logo em seguida reiniciar seu trabalho". A reportagem é finalizada da seguinte maneira: "Parabéns, Dr. Juarez Furtado, pela imensa vontade demonstrada em atender a todos que o procuram".

Um funcionário das duas gestões do MDB/PMDB, que teve maior intimidade com o "estilo" Juarez Furtado, relata (28-10-82): "No tempo do governo de Juarez ocorriam reuniões mas a opinião de Juarez é que prevalecia".

E o próprio prefeito dessa primeira gestão do MDB em Lages, como analisou a experiência? Para ele, o MDB ganhar pela primeira vez a prefeitura em Lages significou "a oportunidade de aplicar princípios programáticos e oferecer ao povo lageano uma administração consoante com os interesses e necessidades da parcela mais pobre da comunidade", exatamente uma maioria sempre desprezada, ou explorada por politiquinhos, pelos governos de oligarquias anteriores. Naturalmente não foram esquecidas as outras classes".

Sobre o significado de ter sido prefeito e a caracterização de sua gestão, sintetizou: "1. pude servir a minha terra e seu povo, motivado por ideais que impulsionavam para

---

\*Os grifos são meus.

essa tarefa; 2. a experiência adquirida, como um fator bastante valioso na vida de qualquer pessoa; 3. o direito de aplicar idéias e princípios políticos e pessoais, que entendia necessários para minha terra, dentro de uma realidade, com os pés no chão, apesar de termos minoria na Câmara Municipal e um Governo Estadual e Federal contra.

"A gestão foi dinâmica e caracterizou-se pela seriedade na condução dos negócios públicos, pela 'garra' de uns companheiros de trabalho, basicamente jovens e desejosos de acertar, por realizações em todos os setores da comunidade, em número muito maior do que esperado pelos próprios habitantes de Lages e, sobretudo, por uma dedicação muito grande de todos quantos serviram ao nosso governo".<sup>15</sup>

Parece-me serem satisfatórias e significativas às várias perspectivas realçadas neste subitem sobre o impacto e procedimento de uma das figuras polarizadoras e polêmicas do partido, e que posteriormente seria um dos principais eixos do desenlace dos acontecimentos que culminaram na derrota do PMDB nas eleições de 1982 em Lages. No próximo subitem, ao falar da relação entre imprensa e administração de Juarez Furtado na prefeitura, tento deixar transpirar algumas opiniões sobre assuntos diversos do então prefeito, que, a meu ver, dão mais subsídios sobre este controvertido ator do partido em Lages.

---

<sup>15</sup>Entrevista de 31 de maio de 1984.

b) O papel da imprensa na administração Juarez Furtado.

Para apreender a dinâmica interna de um partido é fundamental perceber "a presença do partido na imprensa".<sup>16</sup> A relação nos dá conta, dependendo do jornal, da receptividade do partido perante a opinião pública, sua articulação com as elites, sua preocupação em divulgar determinadas figuras em detrimento de outras, de como surgem as lideranças partidárias, as manifestações dos parlamentares etc.

Em Lages, uma referência sobre a presença do partido na imprensa aparece em apenas uma ata (12-07-1975), onde um dos presentes convida os restantes para ouvir e divulgar o programa "Informativo do MDB" transmitido pela rádio "Princesa". Especificamente sobre o partido tenho somente essa informação.

Sobre a administração do prefeito Juarez Furtado o "Correio Lageano" deu-me uma amostragem altamente significativa da organização da prefeitura e sua relação com a imprensa, no período. O paradoxo, se é que se pode falar em paradoxo, em se tratando da dinâmica interna dos partidos políticos no país, reside na afirmação discursiva dos políticos "jurando de pés juntos" que estão a serviço do partido, exercendo seu programa partidário etc. (ver subitem anterior, sobre a declaração do prefeito Juarez Furtado e sua gestão na prefeitura) e na prático

---

<sup>16</sup> Ver: BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. A UDN e o ude-nismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 162.

ca cotidiana toda a divulgação incide sobre a pessoa do política ou da sua equipe. Dificilmente a sigla partidária fica em destaque, a não ser quando do interesse do político, caso de um confronto com atores de outros partidos, por exemplo.

No dia 3 do mês de junho de 1973, o "Correio Lageano", em página inteira (p.3), trazia a seguinte chamada: "Objetivo! Franco! Esclarecedor! Assim será o Programa Atualidades Executivas!" E no corpo da matéria: "... A voz da própria administração pública municipal em diálogo com a coletividade. A partir de hoje por este jornal e emissoras locais..." Abrindo a série "O primeiro mandatário do município Dr. Juarez Furtado" fazendo um pronunciamento onde ressalta a proposta do "Atualidades Executivas". Seria: "... Uma comunicação básica a ser alicerçada em um diálogo honesto, franco e aberto..."

"Atualidades Executivas" desde o primeiro domingo de junho de 1973 até o domingo anterior às festas natalinas de 1976 esteve presente no "Correio Lageano", não faltando uma semana sequer durante todo o período da gestão de Juarez Furtado. Semanalmente, a coluna trazia sínteses de assuntos de natureza diversa ligados a obras, cursos, oferecidos pela prefeitura à comunidade.

Em algumas semanas, também focalizava, especificamente, pronunciamentos dos responsáveis pelos vários Departamentos da prefeitura. Ali, na coluna, eram expostos os objetivos desses órgãos e obras realizadas.

Impreterivelmente havia um espaço onde Juarez Furtado escrevia sobre conteúdos diversos (a chamada "Coluna Sema-

nal"). Os títulos englobavam assuntos tais como: "Indústria e Poluição", "Lages e o Mundo", "Lages e o Club de Roma".<sup>17</sup>

Abaixo, reproduzo alguns trechos da "Coluna Semanal", a meu ver de interesse, para conhecimento das opiniões de Juarez Furtado.

No dia 25 de novembro de 1976, na "Coluna" com o título "Governantes e Governados" emite a seguinte opinião: "... Pois assim como nós temos o direito de ser considerados como o prefeito de todos os lageanos, o governador, se bem tenha chegado ao poder por caminhos diferentes, é também o governador de todos os catarinenses". Frisando que o governador subiu ao poder por meio distinto, chega à conclusão de que esse mesmo governador é também, de direito, o governador de todos nós. Raciocínio traçado sem levar em consideração a legitimidade dada através dos votos. Nem sempre o que é de direito o é por legitimidade. Juarez Furtado foi prefeito de Lages por direito e legitimidade, uma vez que eleito através do voto secreto e universal. Já o governador foi indicado com base em uma lei não votada, mas imposta. Relembro a condição de advogado do então prefeito. Anteriormente, em discurso pronunciado<sup>18</sup> quando da inauguração da galeria de honra (Câmara Municipal), o senhor Juarez Furtado elogia o presidente do país no momento: "... Aos outros homens públicos, constantes desta galeria e muito especialmente ao Exmo. Sr. Presidente Emílio G. Médici, o nosso

<sup>17</sup> "Correio Lageano" de 24-06-73, 29-07-73, 04-11-73, respectivamente.

<sup>18</sup> "Correio Lageano" de 23-11-73.

respeito, gratidão e afeto nesta oportunidade, bem distante da materialidade do partidarismo. Tudo tem sua hora certa, precisa e oportuna..."

A questão dos presidentes no país, após 1964, transcende a questão partidária e penetra numa questão política por demais delicada: período de exceção versus período constitucional, com um agravante: no caso do presidente Garrastazu Médici, além do período de exceção, a história registra a tentativa de uma passagem de regime burocrático autoritário<sup>19</sup> para um regime político totalitário.<sup>20</sup>

Na crônica (28-07-74) "Lages de Fora", o prefeito provoca os arenistas: "A ARENA deixou Lages do lado de fora do alto comando partidário (...) será que a ARENA não tem homens de valor entre os lageanos? Tem, obviamente tem. O que a ARENA não tem é sentido político". E demonstrando ser um político que não perde oportunidade, conclui a crônica com o seguinte: "E o lageano, mesmo o que é arenista, deve estar se preparando para dar uma resposta condigna àqueles que tão claramente os ignora. A resposta será dada em novembro". Na última frase Juarez Furtado faz alusão às eleições de novembro de 1974, para deputado estadual e federal.

<sup>19</sup> Sobre os termos ver:

O'DONNELL, Guillermo. Desenvolvimento político ou mudança política. In: PINHEIROS, Paulo Sérgio (coord.). O Estado autoritário e movimentos populares. Rio, Paz e Terra, 1980. pp. 23-69.

O'DONNELL, Guillermo. Acerca del corporativismo y la cuestión del Estado. Buenos Aires, Cedes, 1975.

<sup>20</sup> ARENDT, Hannah. Totalitarismo, o paroxismo do poder. Rio de Janeiro, Documentário, 1979.

Em "O dever de comunicar-se" (13-12-74), Juarez demonstra uma das causas de sua popularidade entre a população local com um discurso direto e tocante: "... Na realidade, o povo está conosco dentro da prefeitura. Pois nós mesmos somos o povo. Não sabemos e não gostamos de viver em torres de marfim. (...) Pelo rádio, pelos jornais, pela televisão, pelo contato direto, nós estamos sempre em contato com o povo pois o povo é, para nós, a própria vida".

Quando participou de um curso em Madri ("Correio La geano" de 02-03-75) o prefeito não interrompeu sua "Coluna Semanal". Enviava da Europa suas impressões e mesmo depois de sua vinda continuou a escrever sobre alguns países que visitou.

A respeito da relação hierárquica entre operários e gerentes na Europa (25-05-75) comenta: "... Mas nós notamos, desde o começo da nossa visita, este profundo sentido hierárquico. (...) Nós o notamos e, sem dúvida, o compreendemos. Mas, com franqueza, achamos muito preferível o nosso sistema, o nosso sentido igualitário da vida!" Proveniente de um município que sofre influências da cultura gaúcha, onde Deus é denominado de "Patrão Maior" e indicando uma subordinação terrena e espiritual e ao mesmo tempo hierárquica em relação ao patrão, não deixa de ser curiosa a visão de igualdade entrevistada pelo prefeito em nossa realidade.

Em 08 de junho de 1975 explicitou os objetivos de um encontro entre sua "mulher" (a expressão é do prefeito) e professores das "Faculdades Laborales" (Espanha), para discutir os pontos básicos "do programa educacional orientado para a educação dos filhos das famílias economicamente menos desen-

volvidas".

Continuando no dia 15 de junho, concluiu o tema: "As observações feitas por minha mulher Mary Furtado, na Europa, estão sendo aplicadas, onde convenientemente, na Divisão do Serviço Social da Prefeitura de Lages, onde ela trabalha como voluntária, sem qualquer remuneração desde janeiro de 1973".

Falando da situação da mulher européia (20-07-75) asuntou: "... De maneira geral, porém, podemos dizer e esta é a opinião de Mary Furtado que a mulher européia é mais independente intelectualmente do que a brasileira mas carece, talvez, do sentido de dever familiar tão profundo como o das mães do Brasil. A razão talvez seja o fato de que, como concluiu Mary Furtado com convicção, a vida da mulher européia, é, em geral, bem mais difícil do que a da brasileira".

Finalizo com essa opinião, que para mim é elucidativa de todo o discurso de Juarez Furtado, mediado sempre pelo meio-termo, sem ferir e romper com o "status quo" e com o senso comum. Denotam as "Colunas" escritas por Juarez Furtado um conteúdo discursivo personalizado, sem uma análise elaborada da nossa realidade social.

Perguntei ao ex-prefeito Juarez Furtado (31-05-84) dos objetivos da "Coluna Semanal" no "Correio Lageano" durante sua gestão na prefeitura. Respondeu-me: "Em outros órgãos também tínhamos "uma Coluna Semanal", não só no citado órgão de imprensa. O objetivo era informar o que fazíamos na administração, sem vedetismo, e também, dizer ao povo o que pensava o Prefeito".

Percebe-se, pela resposta de Juarez Furtado, a não preocupação direta com a expressão partidária na "Coluna Semanal" e sim a referência direta com a sua administração e seu pensamento como prefeito.

Nem todos tinham a mesma opinião sobre o prefeito Juarez Furtado. O "Correio Lageano" de 21 de julho de 1974 trazia a seguinte manchete na primeira página: "Câmara reclama dos gastos do Executivo". No corpo da matéria são reproduzidos alguns termos utilizados por um vereador a respeito dos gastos com "orgia publicitária" e "arengas domingueiras". Alusão óbvia !

Outra informação a ser esclarecida me foi dada por um entrevistado (28-02-84), colaborador próximo do ex-prefeito durante toda a sua gestão: quem escrevia a "Coluna Semanal" do "Correio Lageano" assinada pelo prefeito, não era o próprio. Registro o depoimento salientando que foi apenas uma pessoa a referir-se ao assunto, não houve oportunidade de fazer checagem.

Independentemente de ser ou não o ex-prefeito o redator da "Coluna", deduzo ser impossível alguém escrever sobre assuntos diversos pelo então prefeito sem ter sua aquiescência quanto ao conteúdo das matérias. Logo, não invalida tal fato a perspectiva dada por mim sobre a questão.

#### c. O vice-prefeito na administração Juarez Furtado

Quando indicado para vice-prefeito na convenção em debista do dia 27 de agosto de 1972, Dirceu Carneiro tinha um ano de retorno à cidade de Lages, como profissional; também fa

zia um ano de filiação partidária, já era secretário do Partido em um diretório em que, com sua exceção, eram todos filiados de "primeira hora" do partido. O presidente no momento era Luiz Benjamim Pereira, militante fundador do partido.

Por que a escolha recaiu sobre ele ? As atas do Partido no período não registram nenhum atrito maior quanto a sua indicação.

As respostas conseguidas para a pergunta, em número de três, são diferentes umas das outras mas não se contradizem.

Um secretário da "EQUIPE DIRCEU CARNEIRO" e diretor\*, na mesma função, na gestão de Juarez Furtado, explicou (23-05-81): "Dirceu Carneiro foi secretário do MDB, indicado como vice-prefeito, mais tarde, por falta de opção".

Juarez Furtado, explicitando por que o escolheu como companheiro de chapa, deu a seguinte resposta (31-05-84): "Simplesmente por ser arquiteto. Queríamos e fizemos um governo político-técnico, não era de Lages, um ilustre desconhecido. O critério de escolha foi pessoal. Eu entendia que a soma dos conhecimentos de um advogado, de há muito militando na política, com a soma dos conhecimentos de um arquiteto poderiam oferecer a Lages a visão política e administrativa de que o município carecia. Mesmo sendo uma escolha pessoal solicitei e obtive o apoio de meu partido. No entanto nem sempre esses critérios dão certo, o melhor seria escolher "gente" conhecida, do

---

\*Antes de 1976, as Secretarias eram denominadas Departamentos, no quadro organizacional da Prefeitura.

partido e do local, para não correr os riscos que corri".

Dirceu Carneiro (28-02-84) diz ter sido consensual, dentro do partido, a sua indicação para vice-prefeito. Justificou a escolha através de seu conhecimento travado com muita gente, seu trabalho como secretário do partido.

Outro motivo de sua indicação foi a facilidade de comunicar-se na linguagem rural do caboclo lageano, pois a oposição geralmente perdia no interior do município e ganhava no meio urbano. Fez ele uma campanha mais rural mas sem se descuidar do contexto urbano.

A atuação do vice-prefeito não se limitou à simples substituição do prefeito em seus períodos de ausência (férias, viagens) e sim foi caracterizada por ocupar um cargo vital numa prefeitura, a Secretaria de Obras e Viação, a qual permite o contato direto com as aspirações imediatas da população em uma gestão caracterizada como implementadora de obras, quer inovadoras (calçadão) ou tradicionais (pontes, calçamentos etc.).

Como ele mesmo constataria ao falar como vice-prefeito, pela primeira vez, na "Atualidades Executivas" ("Correio Lageano" de 10-06-73): "Falta de infra-estrutura rural, estradas, escolas, pontes, assistência ao homem do campo, poucas máquinas, é muito trabalho a ser feito (...) é preciso planejar agora que ainda é tempo de distribuir as funções urbanas, disciplinar as circulações (...), proteger os habitantes da poluição ambiental, evitar as enchentes, melhorar as estradas (...). Para isso é preciso cada lageano ter confiança em si

mesmo acreditar que, juntos, estamos transformando a nossa terra. (...) A iluminação a sódio das principais avenidas, ruas e praças, grande plano comunitário de calçamento, escolas e hospitais distritais".

Visto ter Dirceu Carneiro exercido esse papel na instituição, pareceu-me que o seu "discurso" na gestão como vice-prefeito já era algo distinto do prefeito Juarez Furtado. Baseio meu pressuposto em pronunciamentos de Dirceu Carneiro para a página Dominical da prefeitura no "Correio Lageano" e em outras falas transcritas pelo mesmo jornal.

Reproduzo alguns trechos onde as opiniões expressas parecem esboçar o que seria sua atuação, posteriormente, como prefeito.

Em 30 de setembro de 1973, assim se comunicava com os leitores do "Correio Lageano", fazendo um pronunciamento para "Atualidades Executivas": "Tudo isto é trabalho de Equipe onde todos pensam, todos agem, todos trabalham, visando exclusivamente o bem comum, visando o bem-estar da comunidade lageana".

No dia 20 de janeiro de 1974, na mesma coluna, escreveria: "É necessário e importante que exista participação do povo, para que os governantes possam cumprir com êxito os encargos que o próprio povo lhe deu".

Denotando um discurso mais substancial e consoante com o momento político vivido na época, assim se expressou quando tomou posse como prefeito, durante uma viagem do primeiro mandatário do município ("Correio Lageano" de 09-01-75): "Nes-

te ato público estamos exercendo uma prerrogativa de nossa instituição política. Democrática no pleno sentido.

Exercemos aqui a possibilidade de transferir a condução dos assuntos de interesse do município, de um dirigente para o seu substituto, igualmente credenciado pelo povo, sem ferir dispositivo algum, seja de ordem institucional, de costume ou de tradição. (...)

Para em nome do povo e do nosso Partido exercer as responsabilidades que a lei nos impõe (...) recebemos esse encargo acreditando na plena capacidade de trabalho de nossa equipe."

Com uma atuação ativa e influente (reconhecida pelo próprio prefeito - 31-05-84), como eram as relações do vice-prefeito com o prefeito? Havia algum tipo de atrito? Para Dirceu Carneiro,<sup>21</sup> o atrito localizava-se na defesa de uma coerência entre os discursos proferidos e a prática efetiva: "Aquilo que se falava no palanque tinha que ser cumprido, a gente queria realmente cumprir mediante os compromissos, queria cumprir um programa".

Comentando a "Coluna Semanal", dizia vê-la como uma prática sem objeção, "se fosse coisa verdadeira".

Quanto à atitude de Juarez Furtado em relação ao seu vice-prefeito, pelos exemplares do Jornal "Correio Lageano" folheados um a um por mim, durante a gestão 72/76 não havia

---

<sup>21</sup> 28 de fevereiro de 1984.

omissão de sua parte. Ocorria geralmente referência ao nome do vice-prefeito.

Corroborando com isto, o expectador lageano também recebia uma imagem de complementação entre os dois cargos.

A visão era a ocorrência de uma "divisão de tarefas"; para alguns, Dirceu, como vice e mesmo como prefeito, dedicou-se mais ao setor rural, enquanto Juarez Furtado deu atenção ao setor urbano. Segundo um entrevistado, assessor das duas gestões (11-02-82), "Dirceu era considerado o bom administrador e Juarez, o político".

Um técnico-agrícola da prefeitura, entrevistado em 23 de maio de 1981, deu o seguinte depoimento: "Até 1972, o governo não fez nada. A partir de 1972, com Juarez Furtado, as coisas mudaram, só que o Juarez deu importância para a cidade e classes médias, o Dirceu deu atenção aos bairros pobres, havia uma complementação". Um outro trabalhador do "PROJETO LA-GEANO DE HABITAÇÃO", desenvolvido na administração Dirceu Carneiro, com quem conversei na mesma data (23-05-81) tinha idêntica opinião. Apenas um contato (24-05-81) emitiu depoimento de que via clara a situação. Para ele, eram bem distintos os papéis dos dois políticos. Saliento que essa pessoa já trabalhara como relações públicas na prefeitura; logo, conhecia os meandros interno do gabinete.

Destarte a impressão generalizada da comunidade lageana de "divisão de tarefas" entre o vice e o prefeito (essa impressão continuaria com referência às duas gestões). Anotei dois depoimentos reveladores da situação, no âmbito interno da prefeitura. Um militante do partido desde a década de

60, portanto conhecedor do assunto, analisou a relação entre o vice e o prefeito da seguinte maneira: "Dirceu avançava, cercava Juarez" (16-06-82). Quase complementando este primeiro depoimento, uma pessoa participante da "Equipe Dirceu Carneiro" atribuiu certa frase a Juarez (28-10-82) nada respeitosa em relação a Dirceu Carneiro. Isto quando o trabalho do vice começou a sombreá-lo.

Mais uma vez a política invisível, a política vivida no cotidiano é filtrada pela "polítesse", jogando para os simples filiados e adeptos do partido uma configuração harmônica e estabilizada do processo desenvolvido na prefeitura no período de 1972 a 1976. Não só nesse período - a imagem permaneceu para a gestão seguinte. Os depoimentos colhidos dão conta disso. Durante praticamente todo o período da segunda gestão do MDB/PMDB na Prefeitura de Lages os adeptos não percebiam as cisões que permeavam os dois novos blocos, já formados, do partido.

#### d. O partido e a administração Juarez Furtado

As eleições de 1972, indubitavelmente, projetaram o partido para toda a comunidade lageana. Mas no período 1972/76, a nível interno, o partido fortaleceu-se ?

De 1972 a 1976 o partido em Lages sofreu modificações em sua dinâmica interna. Fortaleceu-se quanto à organização formal com a criação dos subdiretórios em 1972, a JMDB em 1974 e a Ala Feminina do partido em 1976, permitindo uma efetiva organização com objetivos bem delimitados: ganhar as elei-

ções. Por outro lado, as diferenças internas do partido em determinado momento tornaram-se conflituosas e chegaram a um confronto. Até 1974, a animosidade ainda não é descortinada aparentemente, mas em 19 de dezembro de 1974 já há sinais visíveis: o "Correio Lageano" traz a notícia da demissão do professor Dilmar Sell dos quadros da prefeitura. A justificativa do prefeito: "ato de rotina administrativa".

Em ata de 1º de março de 1974 existe referência a uma desavença com Júlio Cesar Lourenzatto. Este participara do diretório do MDB em Lages em cargos diferentes por três gestões consecutivas, de 1968 a 1972. Dilmar Sell também participaria de duas gestões da executiva municipal como secretário (de 69 a 72 e de 74 a 75). Finalmente, em ata de 12 de agosto de 1975 há mais uma menção de conflitos dos componentes do partido. Um suplente de vereador assim se expressou: "E isto porque, continuou, não é admissível que companheiros sejam pisoteados pelo Sr. Prefeito tal como aconteceu com o Padre Dilmar\* e Carlos Mincarone".

Estes embates eram representativos da luta do "velho contra o novo" e vice-versa. A ala antiga do partido com alguns componentes com ideais, a meu ver, "puristas", propondo a fazer um trabalho de cunho desvinculado do clientelismo, a nova ala representada por um político do partido com uma novidade, uma arma poderosa: o poder institucionalizado.

---

\*Prof. Dilmar Sell, já citado.

Neste período - devo esclarecer - apesar da dissensão entre Juarez Furtado e Dirceu Carneiro, o momento não propiciava a Dirceu Carneiro a formação de outro pólo na agremiação.

O clímax foi em julho de 1975, dia 13, eleição do novo diretório do partido em Lages, estando inscritas duas chapas.

Única eleição para o diretório com duas chapas inscritas em toda a história do MDB em Lages. Chapa 1 e Chapa 2. Nome da primeira: "CHAPA AUTÊNTICA DA UNIÃO CÍVICA OPERÁRIA-ESTUDANTIL". Na composição dela estavam todos os que tiveram problemas com Juarez Furtado, com a exceção de Dilmar Sell. Todos os componentes, portanto, pertenciam ao que chamo o grupo antigo com propostas "puristas", sem maiores conotações, apenas para fazer confronto com o outro pólo, o de Juarez Furtado, com propostas clientelísticas.

A Chapa 1 foi apresentada por Luiz Benjamim Pereira, também do grupo. Uma observação: era este grupo que detinha o diretório (a executiva) do partido quando desta nova eleição.

Na Chapa 2 havia pessoas ligadas à fundação do partido, mas sem uma proposta delineada, e novos participantes do partido que trabalharam na fundação da JMDB; por exemplo, o prefeito e o vice-prefeito.

A Chapa 2 venceu o pleito. Foi uma eleição concorrida, votaram 431 eleitores dos 976 filiados ao MDB de Lages na data do acontecimento.

O "Correio Lageano" traria em sua edição de 15-06-75: "Chapa nº 2 venceu eleição do novo Diretório do MDB". No corpo da matéria os números demonstrariam a supremacia do novo grupo: "Votaram quatrocentos e trinta e um eleitores. A chapa nº 2, encabeçada pelo Dr. Felisberto Odilon Córdova, obteve duzentos e trinta e cinco votos contra cento e noventa e cinco votos da chapa nº 1 encabeçada pelo Dr. Clito Zappelini Neto." Portanto uma diferença pró chapa 2 de 40 votos.

Dr. Clito Zappelini Neto, diretor do Departamento de Assistência e Saúde da prefeitura na gestão Juarez Furtado, presidente da anterior executiva do MDB e candidato a vice-prefeito em 1972 na chapa de Laerte Ramos Vieira e que encabeçava a lista da Chapa 1 seria o próximo assunto para as atas do partido. Motivo: questões pessoais com o prefeito. A transcendência da divisão do partido, a partir daí, é clara. Neste momento o vencedor já estava declarado. Qualquer regalia para com o grupo antigo seria concessão em nome da união partidária\*.

Houve réplicas sobre o discurso da "união", pois, segundo um participante de uma das reuniões do partido, "ele não está nada santo, pelo contrário, no meu entender ele está bastante prostituído".<sup>22</sup>

Estas polarizações internas a nível de "estratos al

---

\* Inclusive essa eleição de 13 de julho de 1975 seria anulada, ocorrendo uma nova, com uma só chapa, conciliadora.

<sup>22</sup>Ata de 04 de agosto de 1976.

tos do partido", Sartori<sup>23</sup> denomina de frações e divide-as. Para o contexto do partido em Lages, elas poderiam ser denominadas: fração por interesse e fração por princípio. O grupo que denomino com propostas "puristas" seria a fração guiada por princípios, derrotada neste momento (1975). Os componentes desse grupo, com um trabalho a longo prazo, poderiam levar, com suas propostas, a uma modernização do partido, mas, por outro lado, o objetivo premente de um partido, qual seja, participar e vencer uma eleição, poderia ser postergado "ad infinitum" sem ter nas mãos uma instituição como a prefeitura ou mesmo a organização do partido moldada pelas influências de Juarez Furtado.

O outro grupo, o de fração por interesse, ligado aos preceitos clientelísticos (esta caracterização, como observa Giovanni Sartori,<sup>24</sup> costuma ser mascarada com a "bandeira da eficácia e do realismo técnico"; a chamada do autor é pertinente para o caso da gestão Juarez Furtado na prefeitura, onde o contato clientelístico com um potencial eleitorado era revestido com a modernização da fachada da cidade, com uma reforma administrativa que continuou a permitir decisões centralizadas sem a participação efetiva da população), ao contrário, demonstrou através de sua liderança máxima, Juarez Furtado, uma capacidade organizativa para participar e vencer eleições e dificilmente levaria à promoção de um partido de mas-

---

<sup>23</sup>Ver: SARTORI, Giovanni. Partido y sistemas de partidos. Marco para un análisis. Madrid, Alianza Editorial, V.I. pp. 102, 105, 106.

<sup>24</sup>Idem. p. 105.

sas, mesmo a longo prazo.

Tenho a fazer ainda, sobre a eleição de 1975, para o diretório do MDB em Lages, uma observação peculiar: todos os entrevistados, quando eu fazia referência ao episódio, não se lembravam ou diziam nada ter acontecido, com exceção de um, que era ligado ao grupo de fração por princípio.

Não só com o grupo específico do partido o prefeito do período teve atritos, e também não só com a bancada arenista na Câmara Municipal. A bancada emedebista criou entraves para alguns projetos enviados pelo prefeito àquela instituição.

Cito uma das atas do partido onde a questão é debatida com mais vigor, em 13 de abril de 1976, dia em que a reunião da executiva do partido teve como objetivo "analisar um possível desencontro entre os interesses do Executivo, da bancada do MDB no Legislativo, e do Partido". O pivô da discussão foi um projeto enviado pelo prefeito propondo a organização e construção de uma câmara mortuária a ser explorada por particulares na cidade de Lages. Justificativa da liderança da bancada para a não apreciação do projeto: o prefeito não teria obedecido ao combinado de discutir com a bancada todos os projetos, antes de enviá-los para a Câmara dos Vereadores.

Juarez Furtado, a personagem principal do período, foi uma figura que polemizou em praticamente todas as frentes em que atuou. Faça-se exceção a seus eleitores que permaneceram fiéis a ele até as eleições de 1982.

### 5.5. As eleições de 1974 e 1976.

As eleições de 1974, em Santa Catarina, acompanharam o quadro das eleições no Brasil, quando a legenda oposicionista recebeu um vertiginoso aumento de votos em praticamente todo o país. No Estado o MDB, superando as expectativas, conseguiu retirar da ARENA a supremacia da representação no Senado Federal.

Em Lages, o único candidato eleito pela região para a Assembléia Legislativa foi do MDB: Francisco de Assis Küster, o nono colocado em todo o território catarinense, com 13.305 votos<sup>25</sup> (o MDB conseguiria 18 cadeiras da Assembléia Legislativa das 40 disponíveis).

Especificamente em Lages, o MDB lançou para concorrer às eleições de 1974, para deputado estadual, três candidatos: Francisco de Assis Küster, Rogério Rudolf e Aristiliano Melo de Moraes. Este último participou como cabeça de uma sublegenda que deveria concorrer para a prefeitura em 1976.

Para a Câmara Federal o partido lançou dois candidatos, Laerte Ramos Vieira e Luiz Benjamim Pereira. Benjamim estaria concorrendo pela quarta vez como candidato a deputado federal<sup>26</sup> (antes da reforma partidária concorria na sigla do PTB). Entre os sete candidatos eleitos pelo MDB no Estado, Laerte Ramos Vieira foi o segundo colocado. Nas eleições de

---

<sup>25</sup>Fonte: TRE/SC.

<sup>26</sup>"Correio Lageano" de 20 de agosto de 1974.

1970, para o mesmo cargo, Laerte ficara com o quarto lugar com 29.521 votos.<sup>27</sup> Em 1974 receberia 60.034 votos.<sup>28</sup>

Nestas eleições o partido ainda conseguiu concorrer sem maiores seqüelas intrapartidárias.

Küster ocupou o espaço político da região Serrana deixado por Juarez Furtado como deputado estadual. Laerte Ramos Vieira, dentro do MDB, não tinha nenhum concorrente com condições iguais às suas na região. O quadro não apresentava possibilidades de maiores atritos dentro do partido. O grupo de militantes do partido, aqueles que participaram de sua organização desde os primeiros instantes, também tiveram a chance de participar das eleições com indicações suas (Luiz Benjamin Pereira, Aristiliano Melo de Moraes, por exemplo). Mesmo não conseguindo representação parlamentar.

Em 1976 o quadro modificou-se, influenciado pelas dissensões ocorridas anteriormente (1975), quando então delinear-se claramente dois pólos no partido, com confrontos diretos.

As discussões para a indicação do prefeito já foram permeadas por acusações por parte dos primeiros fundadores da instituição aos novos integrantes do partido, ainda aliados de Juarez Furtado, aparentemente.

Em ata do dia 04 de agosto de 1976, quando foram debatidas as questões relativas ao próximo pleito para a prefei

---

<sup>27</sup> Fonte: TRE/SC.

<sup>28</sup> Idem.

tura e Câmara de Vereadores, ocorreram debates com acusações deste teor: "Nesta altura o Companheiro C.R.\* usou da palavra para formular as seguintes perguntas: se as duas candidaturas dos Companheiros Dirceu e Küster já haviam sido debatidas? Como amadureceram estas candidaturas? Representam algum grupo dentro do partido? Ao que respondeu o Sr. Presidente dizendo acreditar que tais candidaturas não representam qualquer grupo dentro do Partido; que pelo menos tal fato, jamais chegou ao seu conhecimento".

Após algum tempo de discussão um dos atores principais das considerações pronunciou-se: "Ao que redarguiu o companheiro A.M.M.\*, dizendo não estar acostumado a partido da situação, uma vez que sempre foi oposição, e por isso mesmo não entendia um Partido cuja atuação armava esquemas para ganhar dos próprios companheiros .

"Prosseguindo o debate, o companheiro D.C.\* disse achar interessantes os debates colaterais dentro dos critérios adotados como reunião para troca de idéias. Assim concluiu pela afirmação de que conhece bem a esperteza do companheiro A.M.M.\* em termos de política, circunstância que o levava a acreditar que se aquele companheiro tivesse intenções de sair candidato não ficaria em casa de braços cruzados, mas já estaria de corpo e alma na luta.

"Não depois que prepararam apenas um candidato, respondeu A.M.M.\*. Continuando, disse o companheiro D.C.\* que as

---

\*Na ata, o nome está por extenso.

demarches desenvolvidas provavam ao contrário; (...) foram enviados todos os esforços de acertar melhor as coisas. Prova disto, é que hoje aqueles que reclamavam detinham metade do Diretório na mão, (...) retornando a palavra o Sr. Presidente ressalvava, que, no seu entender, não fora preparado candidato\*\*. Se o companheiro D.C.\* desenvolvera um trabalho tendente a projetar-se para perspectivas políticas futuras cumprira, como qualquer um poderia e deveria tê-lo feito, com um desejo pessoal de significativa importância para o Partido."

Com alguns apartes, pedindo conciliação, a reunião continuou neste clima, até a proposta de votação para estabelecer a quantidade de sublegendas com que o MDB concorreria ao próximo pleito. Resultado da votação: três sublegendas. Solução que, aparentemente, contentaria as duas frações do partido.

Na mesma reunião, o responsável pela Comissão de Organização dos Subdiretórios salientou que nos encontros efetivados por estes, aparecia mais de um nome para Prefeito e 51 nomes para vereador. Realmente o MDB lançaria, em 1976, três sublegendas e 51 nomes para concorrer à Câmara dos Vereado-

---

\*\*O depoimento de Juarez Furtado (31-05-84), confirma a acusação do A.M.M. Respondeu-me o Sr. Juarez: "O vice-prefeito em minha gestão exerceu o papel de Supervisor da Secretaria de Obras e Viação, com ampla liberdade de participação de mando, na condução dos trabalhos políticos e administrativos da Prefeitura, sendo 'preparado' desde o primeiro dia de gestão, para ser o futuro prefeito de Lages, e a maioria dos prefeitos assim não procedem. Preparado, como já dissemos, de início ao fim, para ser Prefeito, não houve outra alternativa senão lançá-lo candidato a Prefeito".

\* Na ata, o nome está por extenso.

res. Na ata da convenção (22-08-76), constam 42 votantes, sendo que as três chapas inscritas receberam cada qual 14 votos. Os números das sublegendas foram decididos por sorteio: MDB 1 - Dirceu Carneiro e Celso Anderson de Souza, MDB 2 - Aristiliano Melo de Moraes e Luiz César Reginatto, MDB 3 - Francisco Küster e Germiniano Cordeiro Filho.

Dirceu Carneiro receberia os votos provenientes do trabalho de todo o aparato oficial do partido, incluído aí o resultado de seu desempenho como vice-prefeito. A sublegenda do MDB 2, conseqüência da trégua intrapartidária, tentaria angariar os votos da "velha guarda", pré AI-2, e o MDB 3 deveria ficar com os votos dos eleitores não simpatizantes de Dirceu Carneiro.

Três dias antes das eleições, a comissão executiva do Diretório Municipal reúne-se em caráter extraordinário. Motivo: a renúncia dos componentes da sublegenda nº 2.

Apesar deste percalço a vitória do MDB nas eleições de 15 de novembro de 1976, em Lages, foi consolidadora do trabalho feito pela prefeitura e pelas organizações formais do partido, marcando, sem sombra de dúvida, uma desvinculação do partido com o antigo sistema partidário. O vencedor absoluto do pleito era um nome novo na política, que sabendo aproveitar-se do seu cargo anterior conseguira firmar uma imagem.

Resultado das eleições para a prefeitura de Lages em 1976.<sup>29</sup>

| MDB                         | VOTOS  |
|-----------------------------|--------|
| 1) Dirceu Carneiro          | 27.848 |
| 2) Francisco de A. Küster   | 1.231  |
| 3) Aristiliano M. de Moraes | 523*   |

| ARENA                 | VOTOS  |
|-----------------------|--------|
| 1) Paulo A. Duarte    | 11.462 |
| 2) Evaldo Amaral      | 8.301  |
| 3) Aderbal A. Andrade | 4.621  |

A ARENA elegeu nove vereadores e o MDB dez. Entre os eleitos: Terezinha Fornari Carneiro.

O candidato da ARENA Paulo Alberto Duarte seria, nas eleições de 1982, consagrado nas urnas para prefeito de Lages pela sigla do PDS.

---

<sup>29</sup>Fonte: TRE/SC.

\* Os votos não foram computados, devido a renúncia da sublegenda.

## CAPÍTULO VI

### 6. A GESTÃO DIRCEU CARNEIRO NA PREFEITURA: 1977 - 1982

"Lages viveu clima de festa com a vitória de Paulo Duarte".<sup>1</sup>

Trazendo em primeira página a fotografia sorridente de Paulo Duarte e outra foto do povo em cima de caminhões batucando, portando faixas e dançando nas ruas, o diário daria uma notícia que deixaria não só os peemedebistas lageanos perplexos, mas também boa parte dos "turistas ideológicos" que havia visitado Lages, parte da comunidade universitária de Florianópolis e de outros Estados que acompanhavam a experiência e principalmente o candidato preferido do PMDB, Juarez Furtado, pois ele afirmara ser tranqüila a sua vitória. Assim pronunciou-se para o "Correio Lageano" de 18 de agosto de 1982: "aqui venceremos com mais de 15 mil votos".

Realmente Juarez Furtado, em termos absolutos, recebeu mais votos do que Paulo Duarte mas, infelizmente, para ele, o que em 1972 lhe garantira a vitória, em 1982 foi a garantia da vitória do PDS: a sublegenda. E como ele mesmo escreveu: "Uma eleição é um jogo de futebol: ou se perde ou se ganha. A única diferença é que o jogo pode ser empatado e uma

---

<sup>1</sup>"Correio Lageano" de 21 e 22 de novembro de 1982.

eleição não".<sup>2</sup>

O resultado da votação de 15 de novembro de 1982 para a prefeitura lageana foi indubitavelmente cruel para com a "Equipe Dirceu Carneiro" e ao mesmo tempo confirmadora: Juarez Furtado continuava sendo um dos líderes máximos do partido em Lages.

Juarez Furtado e Vilarino Wolff, candidato a vice-prefeito em sua sublegenda, receberam 25.722 votos; James Gilson Berlim e Mário Figueiredo 1.986 votos (esta sublegenda foi apoiada por parte da "Equipe"), totalizando 27.708 votos.

Paulo Alberto Duarte e seu candidato a vice-prefeito, João Cardoso, ganhariam 22.918 votos; a outra sublegenda do PDS, representada por Newton Borges da Costa e Cláudio Ramos Floriani, receberia 6.620 votos, com um total, para a legenda do PDS, de 29.538 votos.<sup>3</sup>

O PDS estava apto para entrar legitimamente na prefeitura de Lages, com uma diferença de apenas 1.830 votos a seu favor, após dez anos de governo emedebista em Lages.

Houve choros, lamúrias, xingações, acusações, mas embora as regras possam ser discutidas, o jogo democrático é este.

Restavam, após as emoções dos primeiros momentos, as tentativas de explicar, ou quiçá justificar, a derrota de

---

<sup>2</sup>Entrevista de 31 de maio de 1984.

<sup>3</sup>Fonte: TRE/SC.

uma gestão na qual os projetos levados a efeito foram conhecidos em praticamente todo o país e até internacionalmente (como o Projeto Lageano de Habitação); na qual aparentemente a população de baixa renda "trabalhada" pela "Equipe Dirceu Carneiro" dava o seu apoio incondicional à prefeitura. O jornal "Correio Lageano", se não deu seu apoio total aos projetos da gestão 77/82, também não teceu comentários contra; inclusive alguns articulistas do diário elogiavam ações da "Equipe", principalmente o Projeto Lageano de Habitação.

Sem sombra de dúvida o trabalho desenvolvido pela "Equipe Dirceu Carneiro" abriu caminho para experiências em outros municípios, suscitou debates acadêmicos, controvérsias em jornais, mas infelizmente, em termos partidários, as expectativas não foram revertidas em votos para a legenda.

Resta ver, ainda, se no decorrer de seis anos de experiência da "Equipe Dirceu Carneiro", o partido foi modificado em algo, propiciando uma modernização.

#### 6.1. A questão financeira do partido no período de 1977 a 1982

As atas do Movimento Democrático Brasileiro, até 1979, não registram nenhuma novidade, ou melhor, não fazem menção sobre o assunto.

O PMDB, quando constituiu-se após a lei de reforma partidária de 1979, em seu programa básico denomina-se "um partido de massas, que não se limita à sua expressão parlamentar. Atuará permanentemente, e não apenas nos períodos elei-

torais..."<sup>4</sup>

Propondo-se a ser um partido de massas, o PMDB necessariamente deve ter uma "política financeira" vinculada a suas bases, pois esta é a condição primeira de um partido em tal condição, significando isto a sua independência dos poderosos chefes e grandes grupos.

Realmente, no capítulo III de seu programa, referente aos direitos e disciplinas partidárias, estabelece o artigo 12 o seguinte: "São deveres dos filiados ao Partido (...) e) pagar a contribuição financeira estabelecida pelo Diretório respectivo".<sup>5</sup> Mas a parte que trata do patrimônio do partido, no parágrafo 1º do art. 13, retira o caráter obrigatório da mensalidade: "(...) os filiados aos Diretórios Distritais ou municipais poderão pagar uma contribuição anual, cujo mínimo será fixado pelo respectivo Diretório". E mais, através de um critério assistencialista, é estabelecido no segundo parágrafo do mesmo artigo: "As Comissões Executivas poderão anistiar os filiados em débito ou dispensar o pagamento dos filiados reconhecidamente pobres".<sup>6</sup>

Com tais proposições, em seu próprio programa, alia da a uma desorganização quase histórica no país a este respei-

---

<sup>4</sup>In: PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro/ Princípios Básicos - Programa - Estatutos. Estado do Rio Grande do Sul/Assembléia Legislativa. Programa Básico. p. 22.

<sup>5</sup>Idem. p. 59.

<sup>6</sup>Ibidem. p. 87.

to, consequência da falta de uma efetiva participação partidária, a possibilidade de o PMDB tornar-se um partido de massas, no aspecto financeiro, é quase nula. Lages não foge a essa regra.

Nas entrevistas, consegui uma informação interessante sobre a questão financeira. Dois funcionários da prefeitura (28-10-82) relataram-me que, desde 1980, eram descontados 2% do salário, na folha de pagamento, dos funcionários com melhor remuneração, embora todos os funcionários descontassem uma parcela de suas remunerações. Tal ato, efetivado pelo então prefeito Dirceu Carneiro, através da reunião com todos os trabalhadores da prefeitura, objetivava as eleições de 1982. Uma exigência de alguns funcionários foi a de que o dinheiro arrecadado fosse para campanhas de candidatos mais pobres do partido.

Essa iniciativa poderia representar um passo adiante na democratização do financiamento da campanha de 1982, caso fosse uma deliberação do partido com os filiados do PMDB trabalhando na prefeitura. Infelizmente não foi o que ocorreu. Dirceu Carneiro, inclusive, neste período, não pertencia à Executiva do partido. Foi um ato isolado.

Quanto à campanha dos três principais atores do partido, no aspecto financeiro, um informante (30-10-82), garantiu-me que "as campanhas de Juarez Furtado e Francisco Küster são modestas. Quem tem mesmo dinheiro é Dirceu Carneiro (pecuarista)". Dirceu Carneiro pertence a uma família de

pecuaristas.

## 6.2. As organizações formais do partido no período de 1977 a 1982

### a) Os subdiretórios e as organizações paralelas da prefeitura

Na gestão Dirceu Carneiro a prática em relação aos subdiretórios foi um pouco modificada.<sup>7</sup> Começou a haver disputas internas para eleição dos presidentes, os componentes vieram a ter discussões mais sérias, pois chegou um determinado momento em que os presidentes não eram renovados (até quatro anos de gestão). Por outro lado, o mesmo entrevistado afirma terem gerado uma crise nos subdiretórios as novas práticas instituídas pela prefeitura. Com a criação das associações de moradores, de pais e mestres, com a prática do mutirão, permitindo que as pessoas solucionassem elas mesmas, sem intermediários, seus problemas elementares, os presidentes dos subdiretórios sentiram-se prejudicados. "Hoje (data da entrevista), continua o informante, não. É comum presidentes de associações serem presidentes de subdiretório".

Outro entrevistado (24-5-81), trabalhando num domínio no mutirão do Projeto Lageano de Habitação, também comentou que os cabos eleitorais do senhor Juarez Furtado reclamavam a retirada da "autoridade deles", com o novo trabalho instituído

---

<sup>7</sup>Entrevista de 11 de fevereiro de 1982.

pela prefeitura e, segundo o mesmo informante, a contraproposta da prefeitura era eles se candidataram a um cargo para testar a "representatividade deles".

Um funcionário da prefeitura (diretor), ao falar sobre os subdiretórios (28-10-82), deu o seguinte depoimento: "Quando o então prefeito Dirceu Carneiro iniciou a criação das associações de bairros, Juarez achou que Dirceu Carneiro deixou de lado os subdiretórios. Posteriormente Te rezinha Carneiro trabalhou na rearticulação dos subdiretórios".

Outro funcionário (28-10-82) diz que a "Equipe" formou subdiretórios e os presidentes eram lideranças antigas.

Os relatos demonstram o efeito causado pela introdução de novas práticas em que o clientelismo grassa: o temor de perder a ascendência sobre seu rebanho por parte dos cabos eleitorais, e, por sua vez, o temor de Juarez Furtado de perder seu poder sobre algo tão zelosamente construído.

No entanto, em ata de 30 de agosto de 1979, aparece uma observação sobre a necessidade de trabalhar com subdiretórios - alguns estavam sem presidentes e em outros havia necessidade de articular reuniões com seus presidentes.

Em véspera de ano eleitoral, as formações de subdiretórios são implementadas. O "Correio Lageano" traria em sua edição de 30 de julho de 1981: "Diretório Municipi-

pal do PMDB funda subdiretório, sobem para quarenta as organizações partidárias dentro do município". Juarez Furtado, nesse momento, era o presidente do PMDB em Lages.

Até novembro de 1982, o PMDB contava com um total de 64 subdiretórios em Lages, sendo 45 na cidade e 19 no interior.<sup>8</sup>

Os subdiretórios, assim, recuperam a sua importância estratégica em período de eleição. O deputado Francisco Küster (entrevista de 16-06-82) relata que para sair como candidato a prefeito, o que não se efetivou, em 1982, consultou antes os presidentes de subdiretórios, que aceitaram o seu nome. Ele então "fez o trabalho para a convenção".

#### b) A Juventude do Partido do Movimento Democrático Brasileiro

O setor jovem do PMDB em Lages foi fundado em 12 de fevereiro de 1981, com a participação de nove pessoas.

Na segunda reunião (18-02-81) já surgiram propostas "concretas de ação" sendo: a) de importância fundamental o início dos trabalhos nos bairros, fazendo assim com que o jovem tome conhecimento da existência de um setor jovem ligado ao

---

<sup>8</sup>Fonte: Prefeitura Municipal de Lages.

partido do MDB, e que as propostas sigam de encontro aos seus anseios; b)... trabalho junto aos municípios vizinhos a Lages, pois sendo suas dificuldades bastante acentuadas caracterizando-se sempre pela falta de apoio dos setores mais significativos, principalmente nos casos dos municípios onde o PMDB não de têm o governo municipal..."

Em 15 de abril ocorre a eleição para a diretoria provisória do setor. Há sugestões de três chapas, no entanto correm duas. Votaram 40 jovens. A chapa vencedora teria mandato por 90 dias. O presidente eleito trabalhava na prefeitura.

Um ano após, teremos a quarta reunião da JPMDB, fazendo uma avaliação e marcando a data da eleição da nova diretoria.

As promoções, apesar das propostas de trabalho, não saíram das tradicionais palestras, reuniões de subdiretórios da JPMDB, bingos, festas, bailes, "detalhes preponderantes para maior participação da nossa juventude", de acordo com o presidente.

No dia 12 de maio de 1982 é eleito o novo diretório. Contava nesta data, a JPMDB, com 133 filiados. Desta vez foi chapa única. Votaram 36 jovens.

A reunião seguinte (12-5-82) teria como assunto a participação da JPMDB no diretório do partido e apoio às candidaturas à sucessão na prefeitura. Na reunião de 28 de maio de 1982, que conta com a participação de alguns presidentes dos subdiretórios, o presidente do setor jovem chegou à conclusão de que era necessário "votar certo e ensinar o povo a votar".

O secretário estadual da JPMDB, também presente, exaltou os presidentes dos subdiretórios, dizendo: "Os presidentes dos subdiretórios nos deixam muito contentes pois são vocês os do nos do Partido, são vocês que têm justificado para que o dire tório tenha força maior". Bastante realístico, em parte, os presidentes dos subdiretórios é que dão substância a um parti do tipificado em termos clientelísticos.

A ata seguinte (21-06-82) documenta a substituição do presidente, do vice-presidente e do primeiro secretário cuja saída seria justificada como "em benefício do partido".

Em novembro de 1981,<sup>9</sup> Lages sediou a convenção do setor jovem. Participaram cerca de 300 pessoas de 24 cidades de Santa Catarina. Na convenção foi votado o apoio do Setor ao candidato Jaison Barreto para governador do Estado (a JPMDB teria dois votos na convenção do partido).

Com a divulgação dos trabalhos da prefeitura, a cidade torna-se um pólo de aglutinação também do partido. Encontros de âmbito estadual começam a acontecer no município. Ao mesmo tempo, com a derrota do partido nas eleições de 1982, a JPMDB acompanhou o passo e também desestruturou-se.

Em fevereiro de 1984, a JPMDB estava tentando rear ticular-se em Lages, fazendo reuniões em bairros, tentando "a grupar o pessoal de novo" - a informação foi dada pelo presidente, exercendo o cargo interinamente. Falou que, até a con

---

<sup>9</sup>"Correio Lageano" de 10 de novembro de 1981.

venção estadual de 1984, eleição do diretório estadual; a JPMDB, em termos gerais, servia "como mão-de-obra"; após o que a JPMDB conseguiu desvincular-se dessa pecha.

O movimento dos jovens tradicionalmente servia de mão-de-obra para as campanhas eleitorais ou grandes eventos do partido (encontros, eleições de diretórios etc.), tendo poucas influências nas decisões de cúpula partidária. Apesar disso, no governo Dirceu Carneiro, além de serem grandes estimuladores da experiência desenvolvida no período de 1977 a 1982, alguns trabalharam na organização dos grupos nos bairros e outros estavam ligados diretamente à "Equipe", ocupando cargos na prefeitura, como por exemplo Cosme Polese, da Secretaria de Planejamento.

### 6.3. As eleições de 1978 no município de Lages

As eleições de 1978 marcam um ponto crítico no partido em Lages.

Juarez Rogério Furtado, ex-prefeito de Lages, sem cargo eletivo, obviamente tentaria a Câmara Federal nesse ano, o que implicaria uma disputa cerrada entre ele e o representante da região serrana na Câmara Federal, Laerte Ramos Vieira, uma vez que a população eleitoral da região não suportaria a eleição de dois concorrentes pelo mesmo partido.

Na ata datada de 31 de maio de 1978, estava em pauta a discussão de indicação de nomes para candidaturas a deputado estadual e federal. Juarez Furtado, presente, propõe três

nomes para concorrer ao cargo de deputado federal: Laerte Ramos Vieira (vaga assegurada por já ser deputado), Luiz Benjamim Pereira e o seu próprio.

Para a Assembléia Legislativa a discussão giraria em torno dos nomes dos vereadores Carlos Camargo Vieira e Antônio Celso Melegari e do candidato natural, o deputado Francisco de Assis Küster, mas Melegari e Küster é que disputariam o pleito. Somente o já deputado Francisco Küster é eleito com 18.746 votos,<sup>10</sup> sendo o terceiro colocado dos deputados eleitos.

Juarez Rogério Furtado se classificaria em quarto lugar com 38.898 votos<sup>11</sup> recebidos e Laerte Ramos Vieira receberia 27.188<sup>12</sup> votos, obtendo a décima classificação. Infelizmente para Laerte, o MDB elegeria apenas sete deputados para a Câmara Federal, das dezesseis vagas disponíveis.

Os resultados das eleições em 1978, em Lages, fizeram com que o ex-deputado Laerte Ramos Vieira saísse do MDB, se filiasse ao partido do governo e conseguisse um cargo na Procuradoria da Fazenda.

Para a vice-senatoria foi cogitado o nome da vereadora e esposa do prefeito, Terezinha Fornari Carneiro; no entanto, por questão de idade, sua participação é impedida; Jai-

---

<sup>10</sup>Fonte: TRE/SC.

<sup>11</sup>Idem.

<sup>12</sup>Ibidem.

son Barreto (candidato a senador) indica Maria Shirley Donato como candidata a sua suplência.

Maria Shirley Donato, que também trabalhava no partido na região de Lages, graças à vice-senatoria conseguiria, em 1982, uma vaga para disputar o cargo de deputado estadual.

A indicação de um nome de mulher para a vice-senatoria, ao mesmo tempo que marcaria uma inovação, também revela uma atenção política para com o planalto, visando à futura eleição para governador.

#### 6.4. A reforma partidária de 1979 em Lages

No lançamento do PMDB, em Lages, aparece no "Correio Lageano", de 02 de dezembro de 1979, o seguinte pronunciamento do prefeito municipal: "Não se constrói democracia extinguindo os partidos já existentes e com direitos plenamente adquiridos" e pedia que "a democracia seja devolvida ao povo brasileiro".

A comissão provisória do Partido do Movimento Democrático Brasileiro ficou constituída, após reunião em 22 de janeiro de 1980, com as principais lideranças partidárias do ex-MDB. De conformidade com documento do setor jovem do PMDB, depois de "longos debates e sugestões de encaminhamento do processo de escolha da "Comissão Provisória do PMDB", os participantes deliberaram pela seguinte composição: presidente - deputado Juarez Rogério Furtado; membros - suplente de senador Maria Shirley Donato, vereador Teodoro Máximo de Oliveira Ne-

to, sindicalista Wolni Vaz Waltrick, presidente de subdiretório Carlos Pereira Schneider.

Em 1980 ("Correio Lageano" de 14-10-80), o PMDB elege seu diretório com a votação de 508 filiados. A primeira Comissão Executiva do PMDB ficou assim estabelecida: presidente - Juarez Rogério Furtado, vice-presidente - Evilásio Othaide, secretário - Maria Shirley Donato, tesoureiro - Wolni Vaz Waltrick.

Por que Juarez Furtado na presidência do novo partido, quando já eram concretas as dissensões entre ele e Dirceu Carneiro?

Entrevistas dão conta de ter sido uma estratégia política de Dirceu Carneiro, ele próprio confirma o fato (28/2/84). Seria uma forma de impedir o esfacelamento do partido, dividindo-o ainda mais. Dirceu Carneiro comentaria a não adesão da maioria do partido a Juarez Furtado como tendo se constituído em "uma falha muito grande".

Apesar do ato arbitrário, dos protestos, o governo foi inflexível em seu casuísmo, isto é, efetivou a reforma partidária. Mas ao mesmo tempo, para alguns personagens da política antiga, isto é, anterior ao bipartidarismo, o pluripartidarismo significou a abertura de comportas há muito fechadas e para os novos na política foi a possibilidade de sair da camisa-de-força dos pólos oposição e situação.

Em Iages, com o pluripartidarismo, vamos ter a tentativa de vários fundadores e filiados do MDB de retornar às suas origens.

Clito Zappellini Neto (ex-PTB, fundador do MDB em

Lages), tenta o PDT, mas vendo sua inviabilidade no município, pede renúncia do cargo de presidente da Executiva ("Correio Lageano" de 18-8-81). Domingos Valente Júnior (outro fundador do partido, ex-PTB), é eleito o patrono do novo PTB, e Vilarino Wolff, vereador pelo MDB na gestão de 1976, seria presidente da "Comissão Provisória" do PTB, para dois meses depois chegar à conclusão de que o PTB era inviável a nível de Estado ("Correio Lageano" de 07-01 e 03-04-81); fez então sua filiação ao PMDB, concorrendo nas eleições de 1982 como vice-prefeito na sublegenda de Juarez Furtado.

Não ocorreram apenas deserções, houve adesões, um suplente de vereador pela ex-ARENA filia-se ao PMDB, justifica sua adesão dizendo que seu partido "nunca fez nada por Lages" e que um dos motivos principais de sua filiação estaria "no trabalho que vem sendo desenvolvido pela atual administração do município, especialmente no atendimento às classes mais carentes e na organização popular" ("Correio Lageano" de 18-01-80).

A incorporação, em 1982, trouxe ao partido em Lages conseqüências um tanto quanto melindrosas. Vieram do PP (Partido Popular) para o PMDB James Gilson Berlim, industrial que já pertencera ao MDB e que na convenção de 1982 sairia em uma sublegenda para prefeito do PMDB, apoiado por alguns setores da "Equipe Dirceu Carneiro"; Margarida Matiotti, prima de James Berlim, já fora vereadora pelo MDB, eleita em 1972, afastada das fileiras do MDB a pedido do próprio partido ("Correio Lageano" de 05-9-73).

Com a incorporação, a nova Executiva do partido ficou formada com os seguintes nomes: Juarez Furtado como presi-

dente, Francisco Küster como vice, Maria Shirley Donato como secretária geral, Margarida Mاتيotti como tesoureira, Dirceu Carneiro como delegado do partido e finalmente como suplente de delegado Ricardo Lucidório Cordeiro ("Correio Lageano" de 04-5-82).

Acostumado a trabalhar apenas com a situação durante dez anos na prefeitura de Lages, o partido, aqui representado pela cúpula da "Equipe Dirceu Carneiro", não fugiu à regra do país em não saber conviver com a oposição em suas instituições: demitiu o arquiteto Jorge Pias Raineski do quadro da prefeitura ("Correio Lageano" de 25-6-82), por ser presidente do Partido dos Trabalhadores em Lages, sob a justificativa de estar fazendo trabalho político em prol de seu partido dentro da instituição.

#### 6.5. O prefeito e a possível eleição de 1980

A notícia da prorrogação dos mandatos, por parte do governo federal, teve repercussões negativas nos setores oposicionistas do país. Em Lages, o prefeito Dirceu Carneiro foi frontalmente contrário à medida e fez pronunciamento contundente a esse respeito: "O nosso posicionamento pessoal e partidário é radicalmente contra a prorrogação de mandatos de prefeitos, justamente pelo fato de que, até aqui, nosso comportamento tem sido exclusivamente baseado na legitimidade da delegação de poder pelo voto direto. (...) Se isso ocorresse nos depararíamos com sério impasse, estaríamos impossibilitados de

renunciar, aceitando um sucessor na linha legal, não atenderia mos requisitos partidários, a única forma, talvez, fosse a convocação de um plebiscito".

Para o prefeito, a iniciativa do governo de prorrogar os mandatos ocorreria "porque o governo não tem condições de enfrentar eleições com a frequência que a democracia exige porque elas têm sido o ponto frágil do sistema dominante. A cada eleição há uma crise" ("Correio Lageano" de 21-3-79).

Dirceu Carneiro foi um dos primeiros prefeitos a propor plebiscito, uma vez que a prorrogação tornara-se um fato consumado. O "Correio Lageano" de 21 de setembro de 1980 traria em manchete: "Dirceu Carneiro quer plebiscito para o povo decidir se ele deve ou não permanecer no cargo de prefeito após trinta e um de janeiro de 1981". Juarez Furtado, presidente do PMDB, faria um pedido à Justiça Eleitoral e às Executivas Estadual e Federal para a realização do plebiscito ("Correio Lageano" de 13-11-80).

O plebiscito não aconteceu. E Dirceu Carneiro sofreria críticas de alguns setores do governo, inclusive do governador do Estado. Concomitante a este desgaste, o prefeito de Lages sofreu o revês de ver seu município perder dois distritos: Octacílio Costa e Correia Pinto, com a ocorrência de plebiscitos, quando os cidadãos dos dois distritos disseram sim ao desmembramento.

O acontecimento seria uma manobra política que contava com o total aval do governador. Nos ex-distritos de Octacílio Costa e Correia Pinto estão fixadas, respectivamente, a

Olingraft e a Papel e Celulose Catarinense, duas grandes indústrias que, com o desmembramento, provocaram uma considerável lacuna aos cofres do município ("Correio Lageano" de 02-3-79), além de mexer com a sua população eleitoral. Sendo os dois ex-distritos redutos de operários, o PMDB perdeu boa parcela de votos.

Nesse episódio o prefeito teria pressão não só do governo estadual, também da "Comissão pró-emancipação de Octacílio Costa" que em 16 de fevereiro de 1980 publicou nota no "Correio Lageano" comentando o desespero do prefeito Dirceu Carneiro em relação à perda financeira e aos números do colégio eleitoral. No mesmo dia, o jornal publica matéria desmentindo a nota e trazendo as seguintes palavras do prefeito: "Quanto ao movimento de emancipação de Octacílio Costa, este é um direito das pessoas lutarem pela comunidade, pelo seus objetivos(...). Agora, o que não é verdade é que este distrito tenha sido esquecido". Referia-se a uma acusação de que a prefeitura teria se negado a efetuar determinada obra naquele distrito. Com esse revês, o partido situacionista, em Lages, já poderia prever o que seria a eleição de 1982. Para o governo estadual era ponto de honra a conquista da "princesa da serra".

#### 6.6. A "Equipe Dirceu Carneiro"

Na "Equipe Dirceu Carneiro", em primeiro lugar, devem ser destacados dois nomes: Mário Figueiredo, secretário de Agricultura, trabalhando na prefeitura desde 1979, e Cosme Po-

lese, secretário do Planejamento. Os dois foram participantes do jogo sucessório das eleições de 1982.

Quanto à composição da "Equipe", Dirceu Carneiro deu o seguinte (28-02-84): "Houve preferência absoluta por pessoas de Lages, pessoal novo com média de faixa etária em torno de trinta e um anos, pessoas de preferência com idéias novas, com um trabalho sem vício, todos partidários, de militância política conhecida. Também eram profissionais conhecidos".

Em relação ao trabalho havia uma elaboração coletiva. O pessoal "vestia a camisa". Todos acreditavam no trabalho e os que não acreditavam "desistiram".

Outro entrevistado (20-01-84) opinou que a composição da "Equipe" não era homogênea, o que foi um equívoco; a parte mais avançada da "Equipe" absorveu a outra mais conservadora, que não acreditava na experiência, mas ambas concordavam pacificamente. O setor mais avançado da "Equipe" encontrava-se nas Secretarias de Educação, Saúde e Agricultura; já no conservador estavam alguns engenheiros da Secretaria de Serviços e Obras, Serviços Urbanos, Secretaria de Finanças, Departamento de Material e Compras, Contadoria e Assessoria Jurídica.

Juarez Furtado, perguntado (31-5-84) se alguns assessores seus permaneceram na gestão posterior, respondeu que quase todos. Dr. Antônio Celso Melegari, Satomi Iura, Manuel Nunes da Silva Neto, Ilson Chaves da Silva "além de outros, tanto do primeiro, como dos outros escalões". Sobre a administração 77/82 emitiu a seguinte opinião: "Utópica, sonhadora,

irreal e de propaganda". Para um homem preocupado exclusivamente em organizar o partido com fins eleitorais, a opinião não deixa de ser coerente. Mas não somente ele. Um militante do partido de primeira hora fez comentário similar: "No início da experiência houve muito romantismo" (20-01-84).

Quando das visitas dos "turistas ideológicos" a Lages, os destaques da "Equipe" e que serviam como "guias", eram geralmente os funcionários das Secretarias de Educação, Agricultura e Saúde. Os trabalhos e projetos de impacto foram desenvolvidos nessa área, principalmente. Dirceu Carneiro considerou a melhor obra de sua administração a educacional, apesar de ser arquiteto e de o "Projeto Lageano de Habitação" ter sido uma das experiências mais comentadas.

Os trabalhos de organização da população partiam mais do pessoal ligado à Secretaria de Educação.

A "Equipe Dirceu Carneiro" contou com as assessorias de várias instituições do país, como: Instituto de Estudos e Pesquisas (IEPES) do Rio Grande do Sul; Fundação Pedroso Horta, instituição ligada ao partido; Centro Brasileiro de Pesquisas (Cebrap) de São Paulo.

A sistematização dos trabalhos da "Equipe" dava-se da seguinte maneira: o grupo funcionava como centro de informação; pessoas com idéias novas eram convidadas a ir para Lages dar palestras, praticamente toda semana tinha gente de fora para debater com a "Equipe", com ela discutindo formas de superar os problemas encontrados no cotidiano da prática.

A estratégia utilizada pela "Equipe" para colocar

suas idéias na prática começou com as "artimanhas políticas conhecidas pela população". "Percebemos que não poderia ser rompida sem a tradição clientelística (relação paternalista), começamos com a linguagem paternalista, depois então mudaríamos, aos poucos, nos núcleos agrícolas; por exemplo, propúnhamos compra de máquinas agrícolas em comum, se já tínhamos credibilidade; caso não soubessem ver outros tipos de relações, colocaríamos a visão ampla, mas a prefeitura dava o trator e a vivência da máquina em comum, essa tarefa também era transmitida aos poucos, até o pessoal assumir totalmente o trator. As relações paternalistas se rompem na prática" (Dirceu Carneiro, 28-02-84).

#### 6.7. O partido e a "Equipe Dirceu Carneiro"

Analisando, em termos gerais, a experiência de sua administração, Dirceu Carneiro (28-02-84), após a derrota, concluiu: "Valeu a pena sem dúvida alguma. Para o partido, para a sociedade.(...) O partido criou uma forma moderna de política. Os partidos morrerão se não compreenderem isto. A necessidade de criar espaços para a população dominada, marginalizada, não somente a classe média. Há necessidades de canais para essa população participar.

A experiência no município, foi uma experiência de baixo para cima, não de cima para baixo, transformação a nível municipal".

Não restam dúvidas de que a gestão 77/82, na prefei

tura de Lages, deu nova dimensão à função governativa do partido. As dúvidas são até que ponto a "Equipe" era o partido e vice-versa. Até que ponto o partido estava na prefeitura ?

Depoimentos colhidos por mim dão conta de que a prefeitura fez um trabalho em nome dela própria. Era a "Equipe Dirceu Carneiro", não o partido que levava a proposta através da prefeitura. Um dos depoentes (20-01-84) fala em purismo, até um certo antipartidarismo. E mais, a prefeitura absorveu o partido, o partido ficou ofuscado por ela. Um dos motivos seria o atrito entre as duas lideranças: Juarez Furtado (representando o partido, seu presidente) e Dirceu Carneiro (representando a prefeitura); a justificativa era a não promoção de um "adversário interno".

Continuando, o mesmo entrevistado afirmou ser "um pecado" um político participar das reuniões promovidas pela prefeitura na comunidade; ele próprio, como político, não pode participar de uma reunião. A justificativa dada: não se misturar trabalho com partido.

Dirceu Carneiro (28-02-84), em seu depoimento sobre o assunto, concorda em parte com o entrevistado anterior. Diz ele: "A ênfase no partido era expressada mais pela prática". O motivo era o fato de um órgão público estar fazendo a reunião, à qual compareciam pessoas de todos os partidos. "Todo mundo sabia qual era o partido, nós estávamos nos propondo a trabalhar também com toda a população. Não necessariamente fazer reuniões partidárias. As pessoas eram potencialmente oposição".

Estavam mais interessados na criação de órgãos que

não tivessem conotação partidária. "A sociedade, ela é dominante porque é organizada na cidade. A periferia não tinha nem meia dúzia de organizações. (...) Era necessário mudar a correlação de força. (...) 300 organizações de periferia tinham identidade com a oposição mas não tinham a marca profunda com o partido. (...) Tinha consciência que estava trabalhando com a parte frágil da sociedade, não poderíamos, por questão de honestidade, investir em casos de votos".

Também havia os problemas do partido. Juarez fazia, segundo ele, oposição interna e externa ao partido e quando viu que a experiência projetava Lages, exasperou-se. "O partido ficou com pouca atividade" e só perceberam isso depois que saíram da prefeitura. "O pessoal da prefeitura e partido deslocou o foco para a prefeitura em vez do partido, por causa do Juarez. Luta política foi para prefeitura. Houve um atrofiamento no partido. Juarez não tem preocupação em fortalecer instituições (personalismo). (...) As pessoas que trabalhavam na experiência, esvaziaram o partido. Neste aspecto houve enfraquecimento". Terminando o assunto, falou: "A 'Equipe Dirceu Carneiro' tinha consciência que estava aplicando o programa do MDB/PMDB".

Uma das figuras principais dos trabalhos nas associações me relatou o seguinte (28-10-82): "Não acredito em partido, as duas coisas correm paralelas, movimento popular não se encaixa com movimento partidário. Nunca foi feita uma discussão em termos de programa do partido nas bases. Nunca falavam em programa do partido. Nunca ninguém discutiu o programa do partido, a orientação de Dirceu Carneiro era que eles sabiam qual o partido". Concluiu, peremptória: "O trabalho da

prefeitura era desvinculado do partido".

Um assessor da prefeitura, meio sarcástico, concedeu (28-10-82): "Ninguém conhece o programa do partido, quase nenhum candidato o conhece, com exceção de raríssimos candidatos".

Em um documento analisando a derrota do PMDB em Lages, Dirceu Carneiro atinge, a meu ver, o miolo da questão, isto é, por que a prefeitura não deu ênfase ao partido: "A liderança mais hostil à proposta, ex-prefeito e então Deputado Federal, embora minoritário no Diretório foi indicado para a presidência do partido. Em parte este fato acabou por deslocar, consciente ou inconscientemente, todo o canal de luta política da instituição Partido para a instituição Prefeitura. Qualquer performance partidária fortaleceria seu titular, oportunista e habitual capitalizador de aspectos semelhantes e declarado concorrente a Prefeito nas vindouras eleições. O partido perdeu seu habitual poder de fogo, e o seu titular não logrou nem sequer arrebanhar os sempre presentes, descontentes".<sup>13</sup>

Em realidade, o cerne da questão estava no choque das duas lideranças. Uma tentanto anular a outra, uma tentando desvincular-se da fama de "cria" da outra.

O partido foi relegado até mesmo nas propagandas dos trabalhos efetuados pela prefeitura, onde aparece somente a frase "Equipe Dirceu Carneiro", nunca a sigla partidária é

---

<sup>13</sup> CARNEIRO, Dirceu. Porque perdemos as eleições em Lages - SC. (mimeo.). s.d., pp. 1 e 2.

destacada; nas publicações da prefeitura, o partido, quando aparece, é citado por pessoas não vinculadas à prefeitura (ver anexos).

Levanto aqui uma hipótese: até que ponto a "Equipe Dirceu Carneiro" não estava também permeada pelo personalismo, através de sua figura máxima? Talvez um personalismo mesclado com o encorajamento da participação e organização da população dos bairros periféricos do município. Um personalismo com discurso progressista e embalagem nova.

#### 6.8. A "Equipe Dirceu Carneiro" e a marcha da sucessão

O candidato que deveria ser preparado para suceder Dirceu Carneiro seria o primeiro secretário de Agricultura na gestão 77/82, Mário Sell Duarte; no entanto este deserdou e foi para o PDS (entrevista de 11-02-82).

Para parte da "Equipe", o pensamento em termos de sucessão esteve sempre voltado para o deputado Küster, considerado o "candidato natural" para suceder Dirceu Carneiro. Vários entrevistados, componentes da "Equipe", pronunciaram-se favoráveis à candidatura dele. Entre alguns da "Equipe", Küster era considerado confiável, autêntico e, característica mais importante, continuaria com a experiência.

Uma entrevistada assim relata (10-02-82): "Küster na 'Equipe' sempre foi o candidato natural. No primeiro semestre (julho de 81), chamaram o Küster e ele protelou, tinha que esperar a decisão do partido".

Com as hesitações de Francisco Küster a "Equipe" inicia um processo de procura de candidatos, isto no início do ano das eleições, 1982.

O pessoal que trabalhava com a organização dos grupos nos bairros, radicado principalmente na Secretaria da Educação, lança o nome de Cosme Polese, secretário do Planejamento, para candidato a prefeito. Inicialmente bem aceito entre os grupos de trabalho, foi mais tarde relegado por eles em prol do nome de Juarez Furtado. Faziam "cara feia quando falava-se em Cosme sem Juarez" (entrevista de 10-02-82).

Esta parte da "Equipe" (Secretaria da Educação), desde o início do processo sucessório tomou uma atitude radical em relação ao nome de Juarez Furtado. Existiu um pacto, pelo qual Cosme Polese nem mesmo poderia sair de vice de Juarez Furtado.

Na Secretaria de Agricultura, seu cabeça, Mário Figueiredo, postulava-se como um possível candidato a prefeito, pois tinha bases fortes no interior lageano (assim pensava ele) dado o seu trabalho de organização de núcleos agrícolas, cooperativas etc. Sua posição era conciliatória, via nítidas possibilidades de aliança com o grupo de Juarez Furtado (entrevista de 10-02-82). Outros participantes da "Equipe" compartilhavam esse seu pensamento.

Alguns participantes da "Equipe" viam tranqüila a passagem do nome de Juarez Furtado na convenção.

A "Equipe" não tinha uma posição única, nem uma coordenada única, pois Dirceu Carneiro dificilmente pronuncia-

va-se a esse respeito, salvaguardava-se esperando o desenrolar dos acontecimentos.

Sem trabalhar um nome, desde o início da gestão, identificado com a experiência e que emergisse no processo da experiência, os componentes da "Equipe" viam-se a roldo e levados pelos acontecimentos, com poucas possibilidades de influenciar no momento determinado: a convenção.

Entre a expectativa da decisão de Küster e a falta de experiência e de certa forma uma ingenuidade política em achar que poderia determinar alguma coisa sobre o assunto sem ter força dentro do contexto da cúpula partidária, parte da "Equipe" viu-se envolvida na campanha de um personagem sem qualquer identificação com seu trabalho, para não dar apoio ao candidato Juarez Furtado.

É de se perguntar os motivos das hesitações do deputado Küster em relação à decisão de vir a ser prefeito de Lages.

Um entrevistado referiu-se a sua condição unicamente de parlamentar, não tendo outras fontes de rendimentos: "Küster é um parlamentar que não pode se dar ao luxo de perder" e mais: "Küster e Juarez sempre fizeram dobrinha" (12-02-82) - estava referindo-se à propaganda conjunta nas campanhas eleitorais. Há necessidade de lembrar que Küster, na eleição anterior para prefeito (1976), candidatou-se recebendo uma votação inexpressiva; naquela eleição ele não perderia seu mandato na Assembléia Legislativa, e nas eleições de 1982, com todos os cargos sendo votados, ele inexoravelmente deveria arriscar tudo.

Na versão do deputado, como ele percebeu que "a cúpula estava determinando, o negócio estava se desviando das decisões populares, tirou o time de campo" (20-01-84).

As matérias do "Correio Lageano" sobre o assunto traçam um perfil bem delineado da sucessão e das indecisões internas do partido sobre o lançamento de candidaturas. Demonstram as reportagens, por exemplo, que Juarez não se definiu realmente por uma candidatura, ou não quis definir-se publicamente, até os momentos finais da convenção do PMDB. Dirceu Carneiro considerou "inarredável" sua candidatura para deputado federal.

Os dois grupos do partido (Juarez X Dirceu) mostravam-se inflexíveis quanto às suas posições, bem marcadas e separadas; mas mesmo assim, por alguns períodos, Juarez Furtado demonstrou, no jornal, um discurso conciliador, e, como presidente do partido, abrangente e não personalístico.

Em 1980 (23-01), o jornal pergunta quais seriam os candidatos à prefeitura e Juarez responde: "O Dirceu não pode continuar por lei; quanto a outros nomes, do Deputado Francisco Küster, o meu nome, do vereador Vilarino Wolff e outro vereador e companheiro ilustre do partido, isto quem vai decidir naturalmente é o nosso diretório".

Dirceu Carneiro lançaria Francisco Küster e Celso Anderson de Souza para a prefeitura e Pedro Ivo Campos, Juarez Furtado e Jaison Barreto para o governo do Estado (07-4-81).

No dia 28 de julho de 1981, o "Correio Lageano" trária em suas páginas: "PMDB discute candidaturas". Na bibliote

ca do município, em reunião com 200 pessoas, Juarez Furtado reafirmou sua candidatura para o governo do Estado e Dirceu Carneiro relançou Küster e Celso Anderson de Souza para a prefeitura.

No mês de setembro (02) é a vez de Dirceu Carneiro ser lançado a vice-governador pelos diretórios e subdiretórios do PMDB.

Em novembro de 1981 o quadro estava um pouco modificado (15-11-81): "Cosme Polese é o candidato de Dirceu Carneiro" e na mesma edição: "Num protesto pela forma como as duas alas do PMDB lageano, uma com Juarez Furtado e a outra com Dirceu Carneiro vêm conduzindo a questão da sucessão municipal, o Deputado Francisco Küster renunciou à sua pretensão de candidatar-se a prefeito, ele diz que é candidato a Deputado Federal.

"Por seu lado, Küster diz que pessoa muito próxima ao Deputado Juarez Furtado assegurou que ele tentará recuperar a prefeitura, mas Juarez não se define.

"... Já o vereador Vilarino Wolff, que foi entrevistado por nossa reportagem esta semana (...), manifestou-se que Juarez Furtado apóia seu nome para as eleições municipais de 82."

No final de 81 (31-12), Juarez Furtado desiste de sua candidatura ao governo do Estado. Posterga para 86.

O início do ano de 1982 já traz a marca nítida dos desencontros internos do partido quanto à questão da sucessão. Cosme Polese é considerado o candidato a prefeito do partido,

por uma das alas, pois a outra ala acreditava em um retorno de Juárez Furtado fazendo "dobradinha" com Vilarino Wolff, como seu vice.

Outros comentários do momento ("Correio Lageano" de 03-02-82), davam conta de que Vilarino Wolff lançou-se a prefeito para guardar lugar para Juárez Furtado sair candidato a prefeito no último momento.

Em março, Dirceu Carneiro manifesta-se como um dos prováveis candidatos à Câmara Federal.

Também em março as organizações de base foram lembradas e fazem a indicação dos candidatos a prefeito. Os mais cotados foram: Juárez Furtado, Francisco Küster e Cosme Polese.

O "Correio Lageano" (18-3-82) questiona se Cosme Polese seria realmente candidato da "Equipe Dirceu Carneiro". Segundo os comentários do jornal, Cosme começou a sentir-se isolado e iniciou uma "retirada estratégica".

Por sua vez, Juárez Furtado continuava indefinido (28-3-82). Em abril (02), declararia que "minha espera é para melhor servir o partido". No mês de maio, já bem servido o partido, Juárez Furtado definiu-se por sua candidatura natural a deputado federal (09-05-82).

No dia 19 de maio de 1982, Juárez Furtado participaria de uma das reuniões da JPMDB e comentaria sua candidatura à reeleição para a Câmara Federal, "colocando-se à disposição do setor jovem a sua pessoa e o Partido a fim de juntos abraçados e coesos com o mesmo propósito de em 15 de novembro con-

quistar maioria absoluta das cadeiras disputadas em todas as áreas".

Definido o cargo a ser disputado pelo deputado Juarez Furtado, Küster novamente dispõe-se a concorrer ao pleito para a prefeitura, ficando definido: Vilarino, Küster e James Berlim ("Correio Lageano" de 22-5-82).

A convenção do PMDB em Lages é marcada para 12 de junho.

Enquanto isso, demonstrando os choques entre os dois principais personagens do partido, Dirceu Carneiro nega peremptoriamente ser suplente de senador na chapa de Pedro Ivo Campos e confirma sua candidatura a deputado federal, acentuando ser "inarredável" sua posição ("Correio Lageano" de 27-5-82).

No dia 28 de maio de 1982, Juarez Furtado declara ao "Correio Lageano": "Relativamente à candidatura de deputados federais onde entro como concorrente nato e Dirceu Carneiro como postulante, entendo que os diretórios Municipal e Regional definirão esta última". Finalizou por admitir que "não há qualquer dúvida quanto à candidatura do vereador Vilarino Wolff, do deputado Francisco Küster e do empresário James Berlim para a prefeitura. São três nomes para ganhar com mais de 10 mil votos".

Sentindo agora o que já fizera com Laerte Ramos Vieira em 1978, Juarez Furtado apela para Dirceu Carneiro: "Juarez afirma estar o partido procurando a melhor solução, principalmente para a posição dos candidatos a deputado federal, que como se sabe o ex-prefeito Dirceu Carneiro postula concorrer.

Juarez afirma que espera a compreensão do ex-prefeito para uma posição partidária, pois acredita que é muito difícil o PMDB eleger dois candidatos a deputado federal, uma vez que os outros municípios do Estado já têm seus candidatos e o colégio eleitoral não tem o número suficiente de eleitores para dois candidatos".

Sugeri ao ex-prefeito Carneiro que "poderá postular uma candidatura à Assembléia Legislativa, suplente de senador ou até mesmo ao senado com a orientação do diretório".

Foi o último apelo antes do golpe final!

Dia 12 de junho: convenção marcada para dezessete horas e o PMDB de Lages sem candidatos definidos para a prefeitura.

Seis anos de trabalho e a "Equipe Dirceu Carneiro", o próprio Dirceu Carneiro, sem um candidato sequer para concorrer ou defender. Mas será que Dirceu Carneiro queria realmente defender um candidato diferente de Juarez Furtado? O mais importante era a defesa intransigente de seu cargo para deputado federal?

Vejamos a versão dos três principais atores do processo, sobre a convenção.

Juarez Furtado respondeu da seguinte maneira à pergunta: Como foi sua indicação na convenção para concorrer às eleições de 1982? "Minha indicação na convenção de 1982 foi consequência da pressão de múltiplos setores partidários. Eram os candidatos a vereadores, eram os membros do Diretório municipal, eram os candidatos à Prefeitura dos municípios vizinhos

a Lages, eram as bases, enfim um forte esquema de pressão que levou-me a abrir mão do direito de concorrer à Câmara Federal, sem convenção, para atender aos clamores de quantos pressionavam (mais de um ano antes vinha dizendo que não aceitaria, de nenhuma forma, concorrer à Prefeitura, pois já havia servido o município e meu Partido como Prefeito). Chegavam a dizer que, 'sem Juarez, a eleição estaria fatalmente perdida, visto que a administração a findar não havia conseguido revelar ninguém como possível sucessor'. (O objetivo da administração era de: 'O Juarez voltar, para o Dirceu subir' e quem perdeu com isto foi o partido, sem sombra de dúvida)".

Francisco Küster relata assim os acontecimentos (entrevista de 16-6-82 e 20-10-84): "Um dia antes da convenção estava tudo acertado, sairiam três chapas: Küster como prefeito e Cosme Polese como seu vice; James Berlim e Mário Figueiredo, Vilarino Wolff e um empresário. Ele, inclusive, pediu para seu vice, Cosme Polese, providenciar o material para a campanha. Sua mãe ficou gravemente doente em Florianópolis, teve de deslocar-se com urgência, quando retornou corria o boato da chapa de Juarez Furtado".

No dia da convenção, às quinze horas, as discussões entre a cúpula partidária local e regional estavam entre Küster sair como vice-prefeito de Juarez Furtado (o que nenhum dos dois aceitou); outra proposta foi a de Francisco Küster sair também como prefeito em sublegenda própria, Juarez não aceitou.

A convenção estava marcada para as dezessete horas, horário sem nenhum acordo definido. Às dezoito e trinta

horas, sem candidato homologado pela convenção, cinco mil pessoas esperavam um resultado.

Ainda pelos relatos de Küster, durante as conversações entre a cúpula partidária, Dirceu Carneiro não tomou posição em relação à convenção; e também para garantir o governo do Estado, "a cúpula passou por cima de todo mundo" e ele, Küster, viu-se isolado, pressionado durante a convenção.

O depoimento de Dirceu Carneiro (28-02-84) se deu nos seguintes termos: 1º) foi uma falha de estratégia a não fabricação de um nome para a sucessão, subestimavam o espaço político conquistado e achavam que a candidatura não passaria na convenção partidária; 2º) considerou um equívoco o não lançamento de Küster para a sucessão; 3º) para a "Equipe" o mais importante era ganhar o governo do Estado, o preço era a prefeitura para Juarez (ver o último subitem do capítulo); 4º) a expectativa do Juarez candidatar-se (Juarez sempre ocupou o espaço para a candidatura de prefeito), não deixara surgir outra alternativa, também não queriam correr riscos e Juarez era certo. A história provava. Apostaram no risco; 5º) as pesquisas feitas entre as bases mostravam Juarez em primeiro lugar, e depois Küster, mas com diferença significativa; 6º) a cúpula partidária regional queria salvaguardar lideranças, assim não permitia as candidaturas concomitantes de Juarez Furtado e Dirceu Carneiro para deputado federal, Küster e Juarez para a prefeitura; 7º) e finalmente a convenção de 82 foi decidida na cúpula e a candidatura a prefeito de Juarez Furtado decorreu de um determinado quadro mas com interferências das bases.

Fazendo inferências, a meu ver alguns membros da

"Equipe" sabiam, desde que foi deflagrado o processo sucessório, que Juarez Furtado seria o candidato principal para concorrer à prefeitura de Lages e não interferiram no processo de discussão da sucessão propositalmente; para essas pessoas o mais importante era o governo do Estado, não interessando a eles que a próxima gestão na prefeitura fosse mais ou igualmente "revolucionária" que a anterior. Segundo um entrevistado, Cosme Polese não passou de um "boi-de-piranha" e Küster "entrou na jogada de ingênuo" na convenção (30-10-82).

Outra perspectiva é o poder de Juarez Furtado em manter sob domínio, durante o período, toda a "Equipe" e mesmo o partido; a possibilidade de sua candidatura para a prefeitura paralisou a todos. As outras pessoas envolvidas no processo ficavam em suspenso com suas ações, sempre esperando a decisão de Juarez Furtado. Em realidade, ele manobrou e dirigiu os acontecimentos que melhor lhe convieram diante do contexto.

Apesar de não ser o candidato preferido pelos componentes da "Equipe", Juarez Furtado foi o candidato mais apoiado pelas "bases", o que teve maior força partidária, pois foi o único, assim como Dirceu Carneiro, que trabalhou durante anos para as eleições de 1982.

#### 6.9. A campanha de 1982

Definidos os resultados das convenções local e regional, iniciaram-se os preparativos da campanha, que prometia não ser nada fácil, pois o PDS não dava tréguas.

Juarez Furtado iniciou sua campanha dia 17 de junho, tendo como lema "o tostão contra o bilhão" e organizando um comitê ambulante (além do fixo), que era um ônibus ano 1969, com aparelhamento de som, video-cassete, holofotes e outros equipamentos, presente de amigos, segundo seu candidato a vice, Vilarino Wolff ("Correio Lageano" de 27-8-82); era também "uma idéia racional para enfrentar os altos custos de uma campanha," ainda segundo o seu vice.

No início da campanha de Juarez, Jaison Barreto esteve presente e mais três mil pessoas, quando as disputas entre os cabos eleitorais de James Berlim e Juarez Furtado por melhores lugares para fixar propagandas, no dia do comício, foram acirradas.

Juarez, em seus comícios, não fortalecia os feitos da gestão anterior e não aceitava que outros candidatos, junto com ele, falassem da experiência desenvolvida pela prefeitura. Rompeu publicamente com Dirceu Carneiro. Assim, os comícios em Lages eram separados. Somente ocorreu junção quando da presença do candidato a governador pelo PMDB, Jaison Barreto, em Lages. Nesse grande comício as alas juarezistas e berlinistas se chocaram, chegando a agressões físicas. Quando Manoel Nunes, ex-secretário da Educação na gestão Dirceu Carneiro, candidato a vereador, foi pronunciar-se, vaiaram-no. Isto que, para Dirceu Carneiro, seu melhor projeto aplicado estava na área da Educação.

Os acontecimentos desse comício fizeram uma entrevistada, pertencente à "Equipe", exclamar: "A campanha do PMDB

é igual à campanha do PDS" (28-10-82).

Quanto a Dirceu Carneiro, fez questão de manter a cisão entre ele e Juarez Furtado durante a campanha. Para ele, a "Equipe" não tinha candidatos, não apoiou James Berlim nem lançou sua candidatura. Inclusive, ele, Dirceu Carneiro, não indicou aos eleitores nenhum candidato e sim pedia para votar no PMDB. A "Equipe" não tinha nenhuma opção para a prefeitura, trabalhava para o governo do Estado.

Durante a campanha o PMDB não soube capitalizar em cima da experiência mesmo porque Juarez não deixava, relata Dirceu, e auto-elogios não cabiam muito.

A diferença entre os discursos de Juarez e Dirceu durante a campanha é que Juarez fazia promessas e Dirceu não (entrevista de 30-10-82).

Embora Dirceu Carneiro negue, parte da "Equipe" deu seu apoio ao candidato James Berlim, demonstrando sua ojeriza ao outro candidato.

Berlim, durante a campanha, ficou preocupado com a poluição visual da cidade, pela propaganda desordenada, e anunciou sua intenção de dialogar com os candidatos do partido oficial, o PDS, "com objetivos de buscar um entendimento para elevar o nível da campanha" (Correio Lageano de 31-7-82). Também acusou o governo de empobrecer ainda mais o pequeno e médio empresário brasileiro (acusação estreitamente relacionada com seus interesses, visto ser médio empresário) com o programa do FINSOCIAL (Correio Lageano de 29-7-82), e propunha "creches nos bairros e casas mais baratas" (Correio Lageano de 12-8-28).

A propaganda dos três principais candidatos do partido em Lages (Juarez, Küster e Dirceu) é demonstrativa das fissuras que perpassavam o partido no momento da campanha. Juarez Furtado, em sua cédula propagandística, indica para governador Jaison Barreto, senador Pedro Ivo Campos, para deputado federal Telmo de Arruda Ramos, um candidato praticamente desconhecido em Lages, para deputado estadual não tem indicação quer dizer, nem para manter as aparências Juarez Furtado apoiou Francisco Küster como candidato a deputado estadual.

Francisco Küster em sua cédula-propaganda faz todas as indicações para os cargos majoritários, indica Juarez Furtado para prefeito e Dirceu Carneiro para deputado federal.

Dirceu Carneiro nas propagandas de tamanho pequeno apareceu sozinho.

A disposição dos comitês também demonstra o quanto o partido estava dividido.

Funcionaram três comitês, um de cada candidato. James Berlim tinha seu comitê localizado perto do terminal de Ônibus, Juarez Furtado tinha o seu na sede do diretório do partido (afinal era o presidente da instituição), o comitê de Dirceu Carneiro funcionava em uma casinha estilo pré-fabricada perto da prefeitura. Os três comitês trabalhavam febrilmente na confecção de fotografias e títulos eleitorais. No comitê de Dirceu Carneiro havia propagandas de Francisco Küster e Maria Shirley Donato (ambos candidatos aos cargos de deputado estadual).

Coordenação conjunta e única da campanha simplesmente

te impensável. Unidade partidária inexistente nesses momentos. Na questão financeira era realmente cada um por si.

Enfim, o partido apenas emprestava a sigla para a disputa dos cargos.

Sartori observa que os partidos não são e nem devem ser monolíticos. Mas, por mais que um partido esteja dividido, existe um momento de coesão: o das eleições.

"... Los votos son un medio de permanecer en el mercado y un medio de llevar a cabo una política. Por tanto, los partidos no formulan necesariamente sus políticas afin de ganar elecciones, sin embargo, es perfectamente posible mantener que en las elecciones los partidos son maximizadores de votos. Análogamente, ya en contra de la realidad suponer que los partidos son equipos unificados, y, sin embargo, tiene perfecto sentido decir que en las elecciones incluso los partidos llenos de facciones y que se dirigen a un electorado muy diverso tienden a funcionar como equipos".\*<sup>14</sup>

A situação do partido em Lages no decorrer da campanha ultrapassou qualquer perspectiva teórica por mais cuidadosa que seja. Nem sequer a possibilidade de perder dez anos de prefeitura uniu o partido. Aqui ressalta-se uma questão: a "Equipe" tinha absoluta certeza da vitória do PMDB para a prefeitura, o pecado foi excesso de confiança. O problema é que o partido saiu esfacelado para a campanha eleitoral e seus militantes totalmente perdidos, sem qualquer orientação. E enfrentou uma derrota cindido até a raiz.

\* Os grifos são meus.

<sup>14</sup> SARTORI, Giovanni. Partidos y sistemas de partidos. Marco para un análisis. Madrid, Alianza Editorial, 1980. V.I. pp. 146 e 380.

### 6.10. Considerações finais

Utilizei como conceito de partido político o elaborado por Giovanni Sartori:

"Un partido es cualquier grupo político identificado por una etiqueta oficial que presenta a las elecciones, y pueden sacar en elecciones (libres o no) candidatos a cargos públicos".<sup>15</sup>

O conceito proposto por Sartori é por demais realístico mas não deixa de refletir a estrutura da grande maioria dos partidos políticos existentes - partido político hoje teria apenas o objetivo de obter cargos públicos através de uma eleição. E as questões fisiológicas que um partido dito de massas deveria ter ? São postergadas "ad infinitum"? Ou não caberia mais na nossa época este tipo de proposta ? As pessoas estariam tão ocupadas e requeridas por outras necessidades que não teriam tempo nem disposição para participar de discussão partidária. Depois, a linguagem, junto com a imagem dos meios de comunicação atuais, é muito mais atraente do que maçantes reuniões de partidos. O resultado é uma instituição controlada por políticos profissionais que aliciam ou pagam alguns prepostos para controlar a organização burocrática do partido no estritamente necessário das exigências legais.

Infelizmente a situação do partido em Lages não era muito diferente do conceito emitido por Sartori, a agremiação foi efetivamente lembrada apenas para servir como etiqueta ofi

---

<sup>15</sup> SARTORI, Giovanni. Partido y sistemas de partidos. Marco para un análisis. Madrid, Alianza Editorial, 1980. V.I. p. 91.

cial para concorrer a uma eleição. E mesmo o ritual de escolha dos candidatos na convenção, o partido representado pelos convencionais, só ratificou o que há havia sido discutido entre uma cúpula local e regional.

Objetivamente devo levantar uma série de indicações das causas da derrota do partido em Lages, embora creia que, nas condições em que o processo desenrolou-se, o PMDB não sofreu uma derrota fragorosa. A desorganização, o desacerto de candidatos para a prefeitura, o esfacelamento do partido durante a campanha, levam à conclusão, pelo contrário, de uma fidelidade muito grande do eleitorado para com o candidato principal do PMDB, Juarez Furtado.

Paulo Duarte recebeu, através de sua boa votação, o troco de um trabalho organizado (não discuto os méritos), tarefa que o PMDB com a prefeitura nas mãos não conseguiu efetivar, tão preocupado estava em calcular qual o próximo passo do "inimigo interno". Decisão tardia. O "inimigo interno" deveria ter sido aplastado desde o início da gestão e não no final desta.

Dirceu Carneiro, analisando as causas da derrota do PMDB em Lages, praticamente leva o pêndulo sempre para o lado de Juarez Furtado, fazendo ver a efetiva força do presidente do partido na época e a sua fraqueza como articulador dentro da instituição partidária (Ver anexos).

Saliento um trecho do documento, escrito por Dirceu Carneiro, onde um dos pontos críticos da derrota peemedebista em Lages desenha-se nitidamente:

"... O não lançamento de candidatos ligados às organizações populares também se deveu a uma espécie de espírito conciliatório, para não radicalizar as eleições dentro do partido em Lages e com isso por em risco as eleições estaduais, muitíssimo importante nesse momento para nós..."<sup>16</sup>.

O conteúdo do trecho em pauta não deixa dúvidas sobre um conchavo onde apenas pessoas da alta hierarquia do partido local e regional participaram. Não houve escolha de candidatos viáveis e continuadores da experiência por parte de algumas personagens da "Equipe Dirceu Carneiro", deliberadamente; Juarez Furtado era a melhor escolha para seus objetivos conciliatórios. A outra parte da Equipe que ficou a escolher candidatos não conhecia alguns mistérios que cercaram determinadas decisões. O Governo do Estado era primordial e para isto fazia-se necessário abortar a continuidade dos trabalhos em Lages. Esse tipo de raciocínio e a incoerência do líder máximo da "Equipe" são típicos de determinada ala do Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

Tal incoerência traz em si a tradicional contradição de nossas elites políticas e mesmo de determinados movimentos políticos internacionais; falam em nome do povo, sobrevivem politicamente graças à confiança do povo depositada neles e a prerrogativa do voto universal, mas quando se trata de efetiva participação em momentos de decisões cruciais, são os próceres do partido e não os componentes das organizações que de-

---

<sup>16</sup> CARNEIRO, Dirceu. Porque perdemos as eleições em Lages - SC. (mimeo), p. 4.

cidem. É a tradicional dicotomia entre o saber e o não saber. Mesmo que em discursos essa separação seja vituperiada, na prática ela está presente. São as introjeções de um liberalismo perverso.

Dirceu Carneiro, até o último momento, tentou conciliar. Não foi ele, inclusive, a romper com Juarez Furtado. Foi o ex-deputado que tomou a iniciativa. A presidência do partido no período 79/82 coube a Juarez Furtado com aquiescência de Dirceu Carneiro. Como falou um entrevistado (28-10-82): "O caminho correto era o rompimento, mas foram sempre prorrogando a decisão".

Talvez uma resposta realista sobre uma das causas da derrota do PMDB em Lages tenha sido dada por Juarez Furtado (31-05-84): "É provável que a gestão 77/82 não tenha conseguido chegar ao povo (...) com a finalidade que seus membros imaginavam ou desejavam".

É de se perguntar até onde a experiência entusiasmou mais ao público visitante do que aos participantes dela ou mesmo se o entusiasmo dos participantes foi apenas temporário mas sem a introjeção devida da importância do trabalho desenvolvido. Saliente-se que a parcela da população trabalhada pela "Equipe" é a camada da população mais suscetível de ser aliciada por favores e promessas no decorrer do período eleitoral: os desempregados e subempregados. O famoso lumpemproletariado.

A "Equipe" não trabalhou com instituição tipo sindicato, justificando a não interferência nesses órgãos devido

ao grande desemprego existente na região de Lages. Trabalhando com sindicatos é provável que a experiência adquirisse mais força e solidez, e por extensão o partido, no período de eleições.

A possibilidade de modernização do partido não ocorreu haja visto o desprezo da "Equipe" em relação à instituição; depois os funcionários da prefeitura que participavam no processo da experiência confundiam-se com os militantes-chaves do partido, logo toda a força do partido estava voltada para a prefeitura, ficando aquele relegado.

Outro fato a ser notado seria os objetivos da "Equipe" com seu trabalho. Tinha ela como proposta organizar e conscientizar a população em relação aos seus direitos, e isso não envolvia a participação ativa na agremiação partidária. A meu ver, a "Equipe" pensou em uma correlação automática dos resultados do trabalho para o partido, sem maiores recorrências a ele.

Outra possibilidade - o desgaste que a instituição "partido" sofreu e sofre no país, poderia estar ligada às dificuldades de se modernizar um partido. Era muito mais confiável para a "Equipe" apresentar-se somente em nome da prefeitura, para a parcela da população envolvida nos trabalhos, do que aliar essa instituição a um partido, o que não poderia ser bem aceito pelos componentes dos grupos de trabalho. Consequentemente ocorreu uma identificação com a obra da "Equipe Dirceu Carneiro" e não uma identificação partidária. Prova disto seriam

os votos recebidos por Dirceu Carneiro em Lages ( 24,364 votos),<sup>17</sup> que o tornaram um dos deputados federais mais votados na região serrana.

A "Equipe", subestimando o partido durante todo o período da gestão Dirceu Carneiro, viu-se sufocada por ele (o partido) no período da convenção, quando então o seu presidente, Juarez Furtado, demonstrou a força que pode ter esta instituição, sabendo-se manobrá-la.

Um ponto discutido na atualidade brasileira, tanto pelas pessoas envolvidas com o assunto, quanto por militantes de alguns partidos, é como resolver o impasse entre uma realidade política a exigir modernização partidária e uma "cultura política" tradicionalmente clientelística, onde impera o personalismo, o favoritismo, etc. Esta talvez tenha sido uma das causas da derrota peemedebista em Lages, facilitando falcatruas e demagogias de partidos. Dirceu Carneiro (28-02-82), perguntado se, a exemplo do que fez a Democracia Cristã na Itália,<sup>18</sup> permitiu-se uma derrota em eleições próximas visando a médio prazo uma modernização do partido, negou a intenção; a pesquisa também tendeu para essa perspectiva. Logo, o que deve sobressair é a provável facilidade dos eleitores em manipular os seus votos e a dificuldade de transformação dos costumes políticos em curto espaço de tempo. Relembro que a "Equipe" não

---

<sup>17</sup> Fonte: TRE/SC.

<sup>18</sup> In: Revista Senhor nº 146 (04-01-84), Editora Três, São Paulo. pp. 5-9.

trabalhou com sindicatos diretamente e sim com parcela da população subempregada ou desempregada.

Outra hipótese a ser levantada é o realinhamento dos votos dos eleitores. Após dez anos de governo PMDB na prefeitura, quiçá tenha ocorrido um cansaço dos eleitores. Daí os votos na provável mudança de partido.

A lei de reforma partidária de 1979 e a questão do pluripartidarismo não influenciaram absolutamente o resultado final da eleição para a prefeitura de Lages. O candidato a prefeito do Partido dos Trabalhadores recebeu 51 minguados votos e o candidato do Partido Democrático Trabalhista 116 votos.<sup>19</sup> O Partido Trabalhista Brasileiro não lançou candidato.

Comparando, em termos partidários, as duas gestões peemedebistas na prefeitura de Lages percebe-se por um lado, o ex-prefeito Juarez Furtado com uma máquina política<sup>20</sup>, ordenador e com poder centralizado e hierarquizado comandando a prática política do MDB local com eficiência suficiente para "fazer" o seu substituto na prefeitura. É uma necessidade da lógica partidária: a sucessão a médio e longo prazos. Por outro lado o ex-prefeito Dirceu Carneiro, com seu discurso alvissareiro e prática governativa diferente, conseguiu firmar-se perante o eleitorado catarinense e ficar independente da máquina política coordenada pelo primeiro prefeito do MDB lageano.

A "cria" desvinculou-se de seu "criador". Fez o próprio ninho.

<sup>19</sup>Fonte: TRE/SC.

<sup>20</sup>Ver: DINIZ, Eli. Voto e máquina política. (Patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro). RJ, Paz e Terra, 1982, pp. 23-46.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Márcio Moreira. A força do povo. Democracia participativa em Lages. São Paulo, Brasiliense, 1980.

BENEVIDES, Maria Victória. A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política. 1956-1961. 3<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

BRASIL, Olavo. Partidos políticos brasileiros 45 a 64. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

CARDOSO, F.H. e LAMOUNIER, Bolivar (Coord.). Os partidos e as eleições no Brasil. 2<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

CARNEIRO, Dirceu. Porque perdemos as eleições em Lages - SC, 1983. (mimeo.).

CERRONI, Umberto. Teoria do partido político. História e Política 15, São Paulo, Livraria e Editora Ciências Humanas, 1962.

CINTRA, Antônio Octávio. A política tradicional brasileira: uma interpretação das relações entre centro e periferia. In: Cadernos DCP (Departamento de Ciência Política), Universidade Federal de Minas Gerais, BH, 1, março de 1974. pp. 59-111.

- DINIZ, Eli. Voto e máquina política. (Patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.
- FIGUEIREDO, Pedro Alcântara. A questão do momento. São Paulo, sem data. (mimeo.).
- FRANCO, Afonso Arinos de M. História e teoria dos partidos políticos no Brasil. 2<sup>a</sup> ed., São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1974.
- IURA, Satomi. Lages e sua economia. Lages, 1978. (mimeo.).
- LAMOUNIER, Bolivar (org.). Voto de desconfiança. Eleições e mudança política no Brasil: 1970-1979. São Paulo, Vozes - Cebrap, 1980.
- LENZI, Carlos Alberto S. Poder político e mudança social - Estudos sobre poder político oligárquico no município de Lages - SC. (Tese de Mestrado), Curso de Pós-Graduação em Direito, UFSC, Fpolis, 1977 (mimeo.).
- MARTENDAL, José Ari C. Processos produtivos e trabalho - educação. A incorporação do caboclo catarinense na indústria madeireira. Fundação Getúlio Vargas - Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de Administração de Sistemas Educacionais, Rio de Janeiro, 1980. (mimeo.).
- \_\_\_\_\_. (Pesquisador responsável). Produção de educação e cultura popular - a experiência de Lages. 1977 -

1982. Projeto nº 314/82 (Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária - FAPEU - da Universidade Federal de Santa Catarina), 1982. (mimeo.).

MARTINS, Carlos Estevam. A democratização da vida partidária. In: Revista de Cultura Política, São Paulo, CEDEC/Cortez Editora, nº 8, julho de 1982. pp. 7-39.

SANTA CATARINA, Centro de Assistência Gerencial de. (CEAG/SC). Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII - 1960). Florianópolis, CEAG/SC, 1980.

SARTORI, Giovanni. Partido y sistemas de partidos. Marco para un análisis. Madrid, Alianza Editorial, 1980. Volume I.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. Estado e partidos políticos no Brasil. (1930 a 1964). São Paulo, Alfa-Omega, 1976.

O processo político partidário na primeira república. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). Brasil em perspectiva. 9<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Corpo e Alma do Brasil - Difel, junho de 1977. pp. 162-226.

VIOLA, Eduardo José. Democracia e autoritarismo na Argentina contemporânea. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Ciências Sociais (Ciência Política) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1982 (mimeo.). pp. VI-XXXVI.

WEBER, Max. Economía y sociedad. México, Fondo de Cultura Económica, 1964. Vol. I. (3<sup>a</sup> reimpresión - 1977). pp. 228-232.

**ATAS**

LAGES, Diretório Municipal de. Atas do Movimento Democrático Brasileiro de 18 de julho de 1966 a 20 de outubro de 1979.

\_\_\_\_\_. Atas do Departamento Feminino do Movimento Democrático Brasileiro de 14 de maio de 1976 a 20 de setembro de 1976.

\_\_\_\_\_. Atas da Juventude do Partido do Movimento Democrático Brasileiro de 12 de fevereiro de 1981 a 26 de setembro de 1983.

**JORNAL**

CORREIO LAGEANO. (diário), de 20 de julho de 1972 a 09 de outubro de 1982.

**A N E X O S**

ROTEIRO DA ENTREVISTA ENVIADA AO EX-PREFEITO DE LAGES,  
JUAREZ FURTADO (1972 - 1976)

1. Histórico de vida: nascimento - formação - pai/mãe - participação política - profissão do pai e da mãe.
2. História da vida político-partidária/como entrou na política/ partidos a que pertenceu/ trajetória política/ cargos que ocupou no partido.
3. Por que o MDB ? Por que o PMDB ? Participou do partido desde a sua origem ? Participou da organização ? Como foi feita ?
4. Qual a melhor maneira de ganhar uma eleição ?
5. Quais os motivos de sua grande popularidade ?
6. O que significa um partido político para o senhor ?
7. Qual o papel dos partidos políticos em uma sociedade ?
8. O que significou para o MDB ganhar pela 1<sup>a</sup> vez a Prefeitura de Lages ?
9. Para o senhor, qual o significado de ter sido Prefeito de Lages ? Poderia caracterizar sua gestão ?
10. Qual o papel do vice-prefeito em sua gestão ?
11. Por que o Senhor escolheu Dirceu Carneiro para companheiro de chapa ? Como foi a escolha da candidatura dele, Dirceu, para a gestão de 1976 ?
12. Seus assessores eram conhecidos no mundo político de Lages ? Alguns assessores seus permaneceram na gestão posterior ? Quais ?

13. Quais os objetivos da coluna semanal no "Correio Lageano" , durante sua gestão ?
13. A - Como foram suas relações, como Prefeito, com a Câmara Municipal ?
14. Qual a origem dos subdiretórios em Lages ? Como foram formados ? Quem participou ? O senhor tem idéia de quantos foram formados em sua gestão ?
15. Qual o tipo de relação mantida entre o Prefeito Juarez Furtado e os Presidentes dos Subdiretórios ?
16. Qual o significado de um subdiretório para um candidato ? E para o partido ?
17. Como o MDB sobrevivia em Lages, em termos financeiros ? Como era a organização nesse setor ? E o PMDB ?
18. As campanhas dos candidatos em Lages como são organizadas em termos financeiros ? É cada um por si ?
19. Como são escolhidos os candidatos para ocupar cargos no partido ? Quais os critérios ?
20. Onde estão suas bases, em que bairros ? Como obtêm votos ?
21. O pluripartidarismo pode ter influenciado a derrota do PMDB em Lages ?
22. Por que o PMDB perdeu em Lages ? Quais as causas: PDS ?
23. A experiência da gestão 76/82 dá votos em eleições ? Por quê ?

24. O Sr., caso fosse eleito, continuaria a prática de Dirceu Carneiro na Prefeitura ? Aproveitaria alguma coisa ? Quais?
25. Qual a sua opinião sobre a "Equipe Dirceu Carneiro" ? Teve alguma influência no fortalecimento do partido ?
26. Como foi sua indicação na convenção para concorrer às eleições de 82 ? A gestão da Prefeitura favoreceu a imagem do partido, visando às eleições de 82 ? Por quê ? Quantos votos recebeu nas últimas eleições ?
27. Parece-me que, em 1975, ocorreu um atrito para eleição na executiva do partido, o Sr. lembra ?
28. Apesar de ser "bom de votos", para usarmos uma linguagem popular, o Sr. foi o grande derrotado nas eleições de 1982. Como o Sr. redefiniu sua vida política em vista desse fato consumado ?
29. Quais os planos para o futuro ? Está ocupando algum cargo no partido ?
30. O Sr. está acompanhando a gestão atual da prefeitura, o que está achando ?

ROTEIRO DA ENTREVISTA FEITA AO EX-PREFEITO DE LAGES,  
DIRCEU CARNEIRO (1976-1982)

1. Histórico de vida.
2. Histórico da vida político-partidária.
3. Qual o significado de partido político para o senhor ?
4. Qual o papel dos partidos políticos em uma sociedade ?
5. Qual a melhor maneira de ganhar uma eleição ?
6. Qual o contexto no partido que abriu possibilidades para sua indicação a vice-prefeito em 1972 ?
7. Como foi sua atuação no papel de vice-prefeito ?  
O senhor já tinha um projeto político diferente do tradicional ?
8. Como o senhor percebe a chamada política clientelística ?  
É possível sobreviver em política sem ela ? Por quê ?
9. Quando vice-prefeito, o senhor tinha algum tipo de atrito com o então prefeito Juarez Furtado ?
10. Sua indicação para concorrer às eleições de 1976 deu-se sem maiores traumas dentro do partido ?
11. Qual a relação do prefeito Dirceu Carneiro com os presidentes dos subdiretórios ? Qual o significado de um subdiretório para o partido e para um candidato ?
12. Qual a composição da "Equipe Dirceu Carneiro" ?
13. Os projetos da "Equipe Dirceu Carneiro" sofreram planejamento de algum órgão do MDB ?

14. Havia alguma relação deliberada entre o programa do MDB e a atuação da "Equipe Dirceu Carneiro" ?
15. Quais os bairros onde a prefeitura mantinha trabalho e quais os tipos de trabalhos ?
16. Qual o tipo de população beneficiada diretamente pelos projetos da prefeitura ?
17. Nas reuniões em comunidade, a questão partidária era tocada ? Programa, algum tipo de ênfase no partido ?
18. Como ocorreu a indicação de pessoas para o preenchimento de cargos no partido ? Quais os critérios ?
19. Como o partido sobrevive em termos financeiros ? E os candidatos ? O Senhor teve alguma idéia renovadora nesse sentido ?
20. Em 1975 ocorreu um atrito dentro do partido ? Poderia falar sobre ele ?
21. Como foi a relação com a Câmara Municipal durante a sua gestão ?
22. Questão da sucessão em 1982. Preocupações. Por que não ocorreu a fixação de um candidato ?
23. Questão da convenção em 1982. Por que não Küster ?
24. Qual a imagem que o senhor tem do deputado Küster ? Um "autêntico" ? E do senhor Juarez Furtado ? Como situá-los dentro do partido ? E o Senhor ?
25. O senhor apostou mais nos projetos da "Equipe Dirceu Carneiro" ou no partido ? O senhor percebia, entre os componentes da "Equipe", algum tipo de preconceito em relação ao partido ?

26. Como o senhor recebe a crítica de que os projetos da "Equipe Dirceu Carneiro" apenas recriam o capitalismo, isto é, dão novo fôlego ?
27. Em entrevista dada para o jornalista Moacir Pereira, o senhor dizia "que o povo é sábio, sabe melhor do que nós o que faz". O povo foi sábio nas eleições de 1982, em Lages?
28. O pluripartidarismo pode ter influenciado na derrota do PMDB, em Lages ?
29. Por que o PMDB perdeu em Lages ? PDS ? A questão do desemprego ?
30. O senhor é ou está no PMDB ?
31. O senhor sente-se melhor em cargo de execução, ou é indiferente à questão ?
32. A experiência de Lages deixou raízes ? O atual prefeito está encontrando reação, ou está articulando de outra maneira a experiência ?
33. Como está o Projeto Lageano de Habitação ?
34. O que levou a "Equipe Dirceu Carneiro" a apoiar James Berlim ? Falta de opções ? O senhor também apoiou James Berlim ou preferiu fazer campanha sozinho ?
35. Por que a "Equipe" não conseguiu ter acesso às decisões da convenção ?

## MEDIDAS E OBRAS ANUNCIADAS NOS ANOS DA ADMINISTRAÇÃO

JUAREZ FURTADO

- 15-04-73: "Modificação de trânsito bem recebida pela população".
- 06-04-73: "Fábrica de poste de cimento armado instalar-se-ã em Lages".
- 14-04-73: "Em foco o problema da bauxita". Possibilidades de exploração da reserva lageana de bauxita, com a colaboração da Fundação de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina - FUNDESC.
- 14-04-73: "Aprovado o Detectur". O Departamento Técnico de Turismo e Divulgação foi criado tendo como justificativa do prefeito "o elevado interesse brasileiro de converter o turismo técnico em elevada fonte de renda".
- 31-05-73: "Lages com dois destaques no calendário anual da Embratur". Os destaques seriam o Rodeio Crioulo e a festa de Corpus Christi.
- 01-06-71: "Departamento de Serviços Urbanos recompõe iluminações públicas de bairros".
- 15-08-73: "Cresce para dezoito o número de indústrias que optaram por Lages".
- 02-10-73: "Mulheres em serviço de limpeza de rua - Lages é a primeira cidade do Estado e uma das únicas do País a adotar essa inovação".

- 22-11-73: "Entrevista com o Prefeito Juarez Furtado relativamente à compra de caminhões de lixo e verba para o Kart Club".
- 12-12-73: "Prefeito concede entrevista à imprensa e fala da UNIPLAC". O prefeito anunciaria a construção do Campus da Universidade do Planalto Catarinense.
- 28-09-74: "Lages contará com linha aérea diária a partir do dia primeiro".
- 10-11-74: "Inauguração da nova estação rodoviária: uma justa aspiração da comunidade lageana". No corpo da matéria, o mérito da obra é dado ao prefeito Juarez Furtado "que vê, assim, atingida uma de suas metas principais".
- 02-02-75: "População aplaude iniciativa do Município". A iniciativa seria a construção de um mictório público.
- 17-09-75: "A administração municipal inicia a campanha de arborização".
- 15-11-75: "Festival de Cinema Brasileiro em Lages. Comunidade, Prefeitura e INC unem esforços para o completo êxito da promoção".
- 21-01-76: "Será iniciada hoje a campanha: 'Viva seu Bairro'".
- 15-04-76: "Teatro municipal já tem terreno para sua construção".
- 18-05-76: "Mercado Municipal está sofrendo mudança" (primeira página): "Campanha: 'Lages Cidade Limpa'." (última página).

- 13-06-76: "Iluminação do Estádio Municipal presente da administração Juarez Furtado - Dirceu Carneiro aos esportistas lageanos".
- 16-07-76: "Iniciados os serviços de infra-estrutura do calçadão da Praça João Costa". Atualmente o "Calçadão" é cartão postal da cidade.

## POR QUE PERDEMOS AS ELEIÇÕES EM LAGES - SC\*

(Dirceu Carneiro)

"Não poderíamos deixar de analisar os resultados eleitorais de Lages numa reflexão pública e aberta. (...) Foram mais decisivos para o resultado, no meu entender, a situação do partido, a falta de candidato a prefeito, produto das organizações populares, (...) hostilidade da sublegenda favorita às organizações populares e a chapa concorrente, (...) excesso de confiança, divisão interna do partido, corrupção eleitoral etc. Por falta de um novo enfoque, produto das organizações populares, decidimos não lançar candidato para a eleição majoritária. Este nome forte não surgiu, não por falta de consciência, e sim pela permanente ocupação deste espaço político pelo ex-prefeito, embora hostil, mas já testado nas urnas, o povo o considerava mais seguro para o pleito. Uma espécie de autofagia dentro de nossa equipe também foi responsável pelo não surgimento de um nome forte. O não lançamento de candidatos ligados às organizações populares também se deveu a uma espécie de espírito conciliatório, para não radicalizar as eleições dentro do partido em Lages e com isso pôr em risco as eleições estaduais, muitíssimo importante nesse momento para nós. (...) O rompimento do ex-prefeito comigo e sua imediata hostilidade, e por extensão aos que me acompanhavam. Patrocinou outras candidaturas a Deputado Estadual e Federal em Lages que não as nossas.

---

\*pp. 1, 2, 3, 4, 5.

Aqui vai por terra a idéia equivocada da conciliação em Lages. A indisposição comigo logo se estendeu à prefeitura e às organizações populares que por se identificarem comigo recebiam as mesmas ameaças, com a significação de ser um favorito no pleito, isto é, poderiam ser cumpridas. (...) Esse comportamento gerou uma desconfiança das organizações e das lideranças ligadas à prefeitura que simplesmente ficaram sem opção de trabalho e para o voto, e recuaram. (...) Seu esforço eleitoral era em grande parte dirigido contra a sublegenda concorrente no sentido de esvaziá-la do que propriamente aos adversários.

Na situação em que o candidato favorito do PMDB não aceitava e até hostilizava as organizações populares e o candidato do PDS apoiou publicamente com documentos, confundiu muito o povo e muitos votos acabaram indo para o candidato que assumiu compromisso claro e garantiu a continuidade.

A conclusão final a que chego, com toda a serenidade, há um ano de distância, tempo suficiente para apagar quaisquer aspectos mais subjetivos e ressentimentos, é de que não houve rejeição das propostas populares de organizações e de participação em Lages, pelo povo. O que houve? Primeiro foi a falta de opção; segundo, na confusão escolheram o menos ruim. Aquele que fez o mínimo de compromisso. Dos dez vereadores, eleitos, sete têm ligações definidas com as organizações populares".

# Sou cultura popular, no galope da vida, deixo meu rastro na estrada.

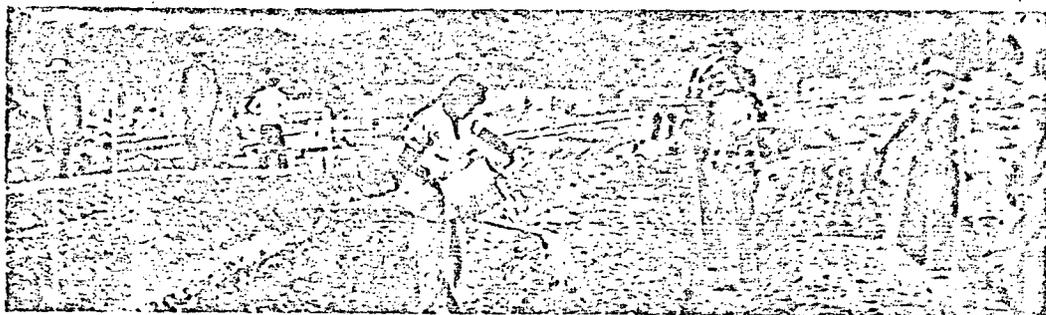


Sou índio muito gaudério, qual cavalo gavião.  
Marcho, trote, galopeio, não careço de galpão.  
Conheço causos de morte, de vida e assombração.  
Em peleia de trova me gavo  
de sempre chegar em primeiro.  
Do couro faço laço e tento.  
Da lã, bichará e bachero.  
Do suor e da terra, dinheiro.  
Em baile que tem valsa, chotes e vaneirão, rodo a saia de  
prenda bonita, em dois três passos atravesso o salão.  
Quando a geada rengueia cusco,  
em pelego durmo enrolado,  
antes que o sol levante, jôgo as cobertas de lado.  
Já fiz roça de foice e carpi solais de morro,  
plantei milho e feijão no chacho,  
hoje planto na técnica, produz mais, eu acho.  
Mas se tem mostra do campo,  
mais que depressa me apronto,  
bota ensebada, barbicacho e bombacha,  
afino o violão, pego a gaita de oitenta baichos  
e pra vila me toco.  
Tem gente que leva bachero, bruaca e bichará,  
cada um leva seu préstimo e do que tem que se orgulhar.

 LAGES  
A FORÇA DO POVO

EQUIPE  
Dirceu  
Carneiro

# A FORÇA DO POVO É ISSO AÍ.



Lages já tem quase dez hortas comunitárias. Centenas de famílias estão participando deste mutirão que resulta em uma melhor qualidade de vida para os seus membros.

Os produtos das hortas servem para complemento alimentar rico em vitaminas, ou até mesmo de aumento da renda familiar. Resolvendo também um dos sérios problemas da nossa comunidade que é o de falta de ocupação para mulheres, crianças e desempregados. E até mesmo, pessoas aposentadas que necessitem trabalhar.

Dê uma chegadinha em uma delas e você vai ver que bela demonstração aquela gente vem dando com o seu trabalho.

Para receber um lote em uma horta, basta falar com o Presidente que mora lá no bairro. Se ainda houver lotes, ele lhe cederá um, lavrado, gradeado e, quem sabe, até um pouco de estrume e calcáreo para a adubação. Depois o técnico da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento lhe dará a orientação certa de como, o que, quando e quanto plantar. Além de fornecer algumas mudas. O resto você e sua família se encarregam: consumir os alimentos produzidos e vender o excedente na banca das hortas comunitárias, do Mercado Público, ou nas Feiras Livres da cidade.

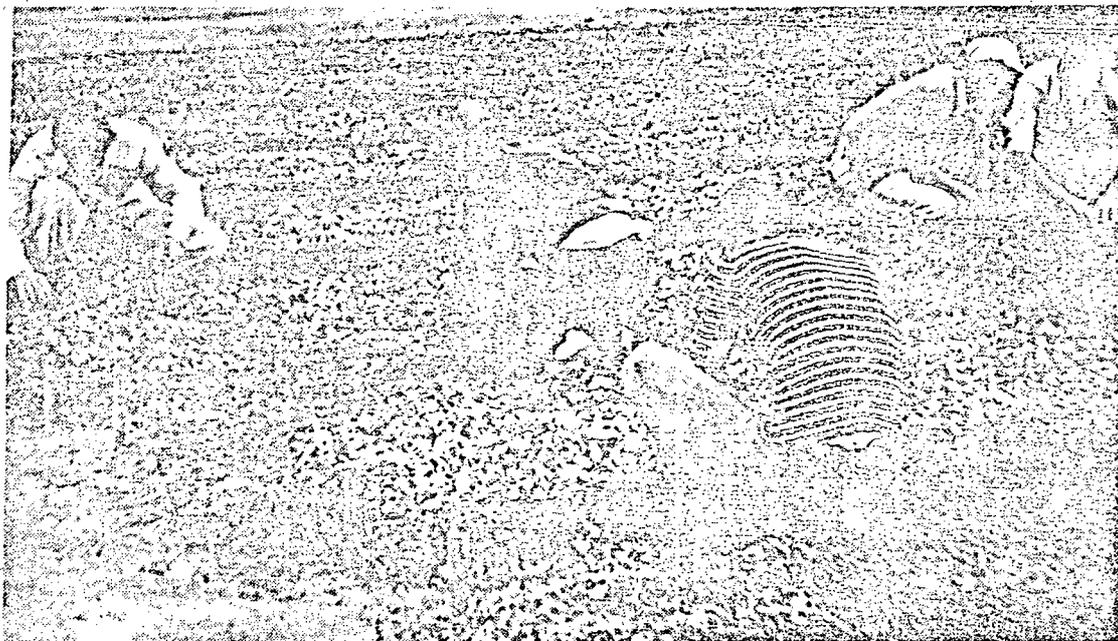
Logo, logo, Lages não precisará mais comprar fora, as verduras e legumes que consome. E ainda teremos condições de mandar nossos produtos para abastecer outras cidades.

Para conseguir tudo isto, só a FORÇA DO POVO.

 LAGES  
A FORÇA DO POVO

EQUIPE  
Dirceu  
Cameiro

# O LUCRO É DE TODOS.



Hortão, trabalho com pouco capital.

No hortão é assim: todos trabalham e cada um recebe uma parte igual.

Aqui as pessoas que o mercado de trabalho urbano de Lages, não absorveu, encontram a sua oportunidade.

Mas para que isto ocorra é necessário que reine a solidariedade.

E isto não tem faltado.

Todos trabalham a mesma área, cultivam as mesmas hortaliças e as comercializam juntos. No final dividem o resultado entre si.

As normas desta pequena cooperativa foram assunto de decisão e participação de cada um, portanto ninguém deixa de cumpri-las.

O hortão é um exemplo de que a Força do Povo é capaz de, até mesmo, vencer as dificuldades da falta de capital e gerar ocupação remunerada.

 LAGES  
A FORÇA DO POVO

EQUIPE  
Dirceu  
Carneiro

# Estamos resolvendo em casa nossos problemas de habitação.



Da casa depende a saúde, o bem estar e a própria organização da família.

Como você já sabe, uma porção de lageanos moram muito mal. Sem água, sem esgotos, sem luz e outros benefícios essenciais para o bem estar das pessoas.

Não seriam preparados distantes daqui que apontariam a melhor forma de resolvermos nossos problemas domésticos.

Foi por isso que a Prefeitura iniciou o Projeto Lageano de Habitação. Envolvendo primeiro, quem não tem casa e não tem renda suficiente para receber um empréstimo do BNH; depois, os recursos do próprio município; e convidando você e toda a comunidade a participar.

Desta maneira, cada um construindo a sua, com a ajuda dos seus vizinhos, já estão sendo edificadas as moradias em um loteamento com 690 lotes.

Algumas telhas ou tijolos depositados em seu quintal com os quais você talvez não possa fazer nada, se somados a outros poderão constituir um telhado e até mesmo uma parede e, porque não uma casa confortável?

Faça sua contribuição. Se você não dispõe de material algum, empreste seu trabalho. Dedique um dia ajudando a construir uma casa.

Muita gente já fez e vem fazendo isto.

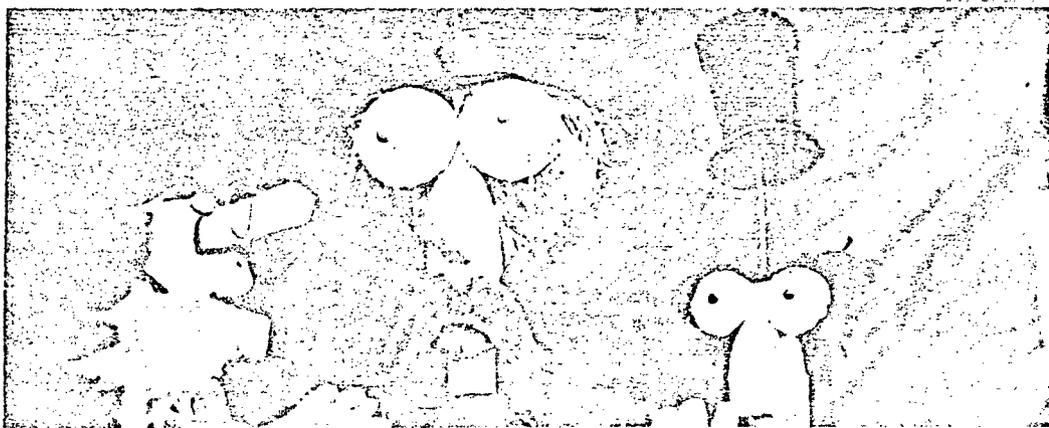
É Lages resolvendo o problema da casa própria em casa.

**PROJETO LAGEANO DE HABITAÇÃO**

 **LAGES**  
A FORÇA DO POVO

**EQUIPE**  
**Dirceu**  
**Cameiro**

# E O ESPETÁCULO COMEÇOU!



Senhoras e Senhores, respeitável público!

Tcham, tcham, tchannnn ...

Com vocês o maior espetáculo da terra:

A mais corajosa e destemida, a mais audaciosa,  
a dramática, a invencível, a autêntica, a verdadeira.

Com vocês: A VOZ DO POVO!

Respeitável público, podeis nos chamar também de Projeto Lageano de Popularização do Teatro porque, lamentavelmente, no drama do cotidiano, somos obrigados a afirmar e reafirmar a verdade.

Teatro sempre foi popular. Nunca deixou de ser do povo.

No entanto, em certos momentos aparece quem queira dizer o contrário.

Desde o início do seu período administrativo, a Equipe Dirceu Carneiro, através da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo e seu Projeto Lageano de Popularização do Teatro, montou diversos espetáculos à partir das nossas tradições e cultura.

Os fantoches, nossos irmãos de cena e de palco também já percorreram o chão do Brasil em todos os sentidos.

A todo momento nasce um ator, num bairro, no centro da cidade, no campo, ou em cima de uma carteira de escola, das mãos talentosas de uma criança, que constrói e dá vida a um fantoche.

Ou do jovem que extravasa sua criatividade num gesto de ternura ou rebeldia. No Projeto Lageano de Popularização do Teatro, você também é ator, dramaturgo, protagonista ou público. Basta escolher o papel. Represente o que quiser, e tenha certeza, você arrancará aplausos.

 LAGES  
A FORÇA DO POVO

EQUIPE  
Dirceu  
Carneiro

# POUCA TERRA NÃO DAVA LUCROS.



Os agricultores nucleados discutem e resolvem seus problemas em comum.

A pouco tempo ainda existiam pessoas que achavam que a vida do campo não dava mais pé. Como estavam enganados: a força do povo está comprovando que não é nada disso. Hoje todos os lageanos sabem que um terreninho de 100 por 100 metros cabe um bom pomar de 700 a 1 mil árvores.

No quarto ano, esta terrinha pode produzir 200 mil cruzeiros de frutas. Tem gente que tira até mais do que isso plantando alho enquanto as arvores não dão frutos. Outros plantam feijão, outros ervilhas, outros criam peixes, produzem mel. E sabe como os pequenos proprietários estão resolvendo os seus problemas?

— Unindo-se. Isto mesmo unindo-se e formando **NÚCLEOS AGRÍCOLAS**.

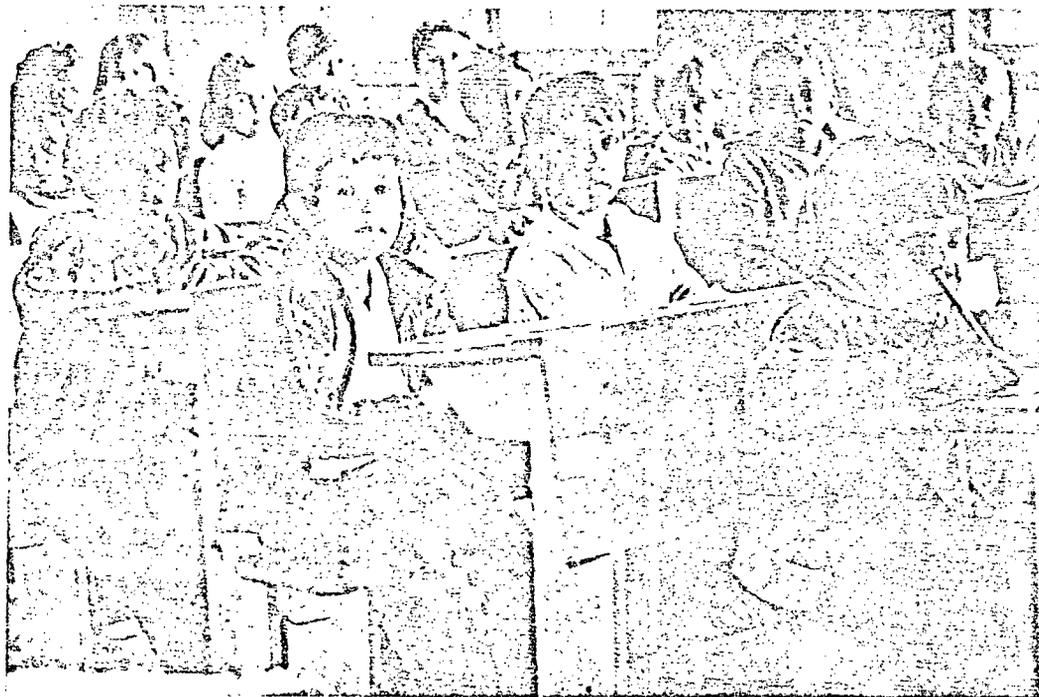
Através deste núcleos o trabalho de destoca, lavração, e até plantio, assessorado por tratores agrícolas, técnicos e até agrônomos da Prefeitura, que também assistem e recomendam a diversificação de culturas.

Na colheita, você vai ver até preço mínimo é garantido, sem cair na mão dos especuladores que até bem pouco tempo ficavam com o lucro da agricultura. Do núcleo à cooperativa e suas vantagens é um pulo. Agricultor nucleado estuda, discute, decide, produz mais e sua família vive melhor pois, ele usa a força que tem — **"A FORÇA DO POVO"**.

 **LAGES**  
**A FORÇA DO POVO**

EQUIPE  
**Dirceu**  
Carneiro

# É NA ESCOLA QUE SE APRENDE A TRABALHAR.



Se você não é pai de um aluno, nem estuda em uma escolinha municipal, um dia dê uma passadinha em uma das cem que existem em Lages.

Você vai ver que alguma coisa está mudando.

Lá se aprende o ABC de ler e escrever e muito mais.

Lá estão sendo ministrados uma porção de ABCs.

Por exemplo, de como se plantar uma hortaliça;

de como construir uma casa; de como, com poucos

recursos, ter mais higiene e saúde; de como

participar e atuar como força na comunidade em

que se vive. Na escolhinha rural as crianças

aprendem a amar e trabalhar a terra e a orgulhar-se

do meio em que vivem.

Lá, pai e mãe também vão prá escola com os filhos.

Lá, a escola é, como a maioria dos pais querem,

porque eles também decidem os problemas da

escola.

Na escolinha municipal estamos aprendendo o ABC

de como construir uma terra melhor em que se viva

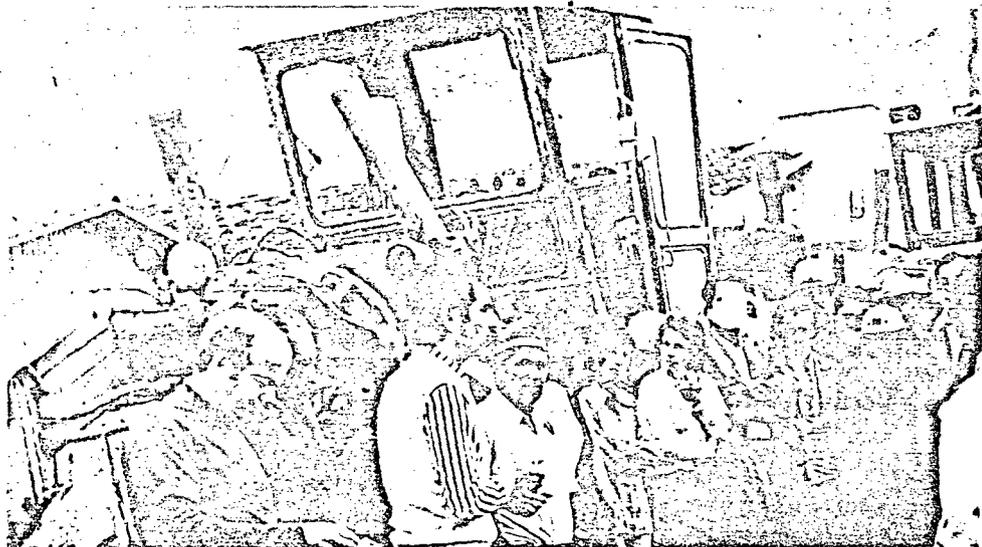
melhor. Se você não sabe, vá lá! As crianças lhe

ensinam o que é a FORÇA DO POVO.

 LAGES  
A FORÇA DO POVO

EQUIPE  
Dirceu  
Carneiro

# VIVA SEU DISTRITO, VIVA SEU BAIRRO, VIVA LAGES!

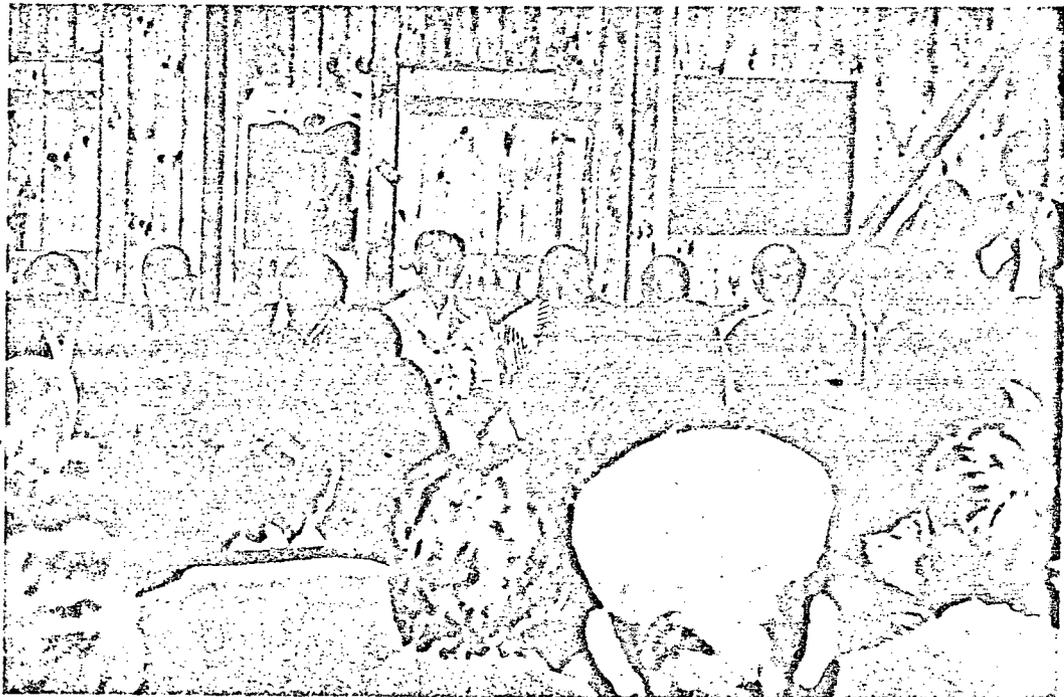


Está na hora de darmos muitos vivas a Lages. O povo está administrando o Município. Viva seu Distrito, Viva seu Bairro são aquelas Operações que você já conhece e participa. Antes de cada Operação concentrada é feita uma reunião com a comunidade a ser servida. Os moradores fazem suas reivindicações. Escolhem os serviços que o seu bairro ou seu Distrito receberá. E nós, da Prefeitura, juntamente com os moradores começamos o nosso trabalho. Todos conhecem o rastro das operações do VIVA: Cascalho, patrolamento, bueiros, limpeza, pintura de cercas, recreação orientada, etc. É assim que nós lageanos, vivemos nossa cidade, vivemos nossos distritos e damos vivas a nossa Lages, trabalhando e construindo o futuro de nossos filhos.

 LAGES  
A FORÇA DO POVO

EQUIPE  
Dirceu  
Cameiro

## NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES SE FAZEM FESTAS, FOSSAS E DEMOCRACIA



Mais de uma dezena de bairros já tem associação de moradores. O Presidente e a diretoria foram eleitos direta, secreta e democraticamente.

Todo o morador pode votar e ser votado. Pode dar palpite, opinar e o que é mais importante participar.

Já tem associação de moradores trabalhando nas mais diversas tarefas como: construção de sede própria; instalação de postos de medicina comunitária; construção de fossas sépticas para melhorar as condições sanitárias do bairro, organizando time de futebol, etc. Nestas tarefas todos trabalham em regime de mutirão. E na Prefeitura, a opinião, reivindicação ou decisão de uma associação de moradores é lei. Pois, a associação é a voz do bairro e a FORÇA DO POVO.

 LAGES  
A FORÇA DO POVO

EQUIPE  
Dirceu  
Carneiro